

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

Marco Antônio da Costa

Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição

Belo Horizonte

2013

Marco Antônio da Costa

Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Vitorino

Belo Horizonte
2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C868.Yv-c Costa, Marco Antônio da.
Cícero e a retórica do exílio [manuscrito] : as figuras de
repetição / Marco Antônio da Costa. – 2013.
140 f., enc. : il., grafs., p&b.

Orientador: Júlio César Vitorino.

Área de concentração: Estudos Clássicos.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 138-140.

1. Cícero. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Repetição
em literatura – Teses. 3. Tradução e interpretação – Teses. 4.
Cartas latinas – Teses. I. Vitorino, Júlio César. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.


CDD : 875.1

Dissertação intitulada *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição*, de autoria do Mestrando MARCO ANTÔNIO DA COSTA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

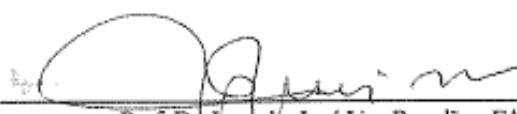
Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Área de Concentração: Estudos Clássicos

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:




Prof. Dr. Júlio César Vitorino - FALE/UFMG - Orientador



Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG



Profa. Dra. Neiva Ferreira Pinto - UFJF


Prof. Dra. Graciela Inés Ravetti de Gómez
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Prof.ª Dr.ª GRACIELA INÉS RAVETTI DE GÓMEZ
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Estudos Literários
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 2013.

*Dedico este trabalho à minha mãe,
guerreira incansável, vitoriosa e
inspiradora*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me revestir com a graça e a força necessárias para o enfrentamento dos obstáculos; à minha família, que sempre me apoiou em todos os sentidos a fim de que eu pudesse concluir este trabalho; ao meu orientador, Prof. Júlio César Vitorino, pela conduta extremamente ética e laboriosa durante todo o processo de orientação; aos meus amigos da Faculdade de Letras, que sempre me transmitiram não somente informações, mas também encorajamento e a demonstração de verdadeiro companheirismo, à Universidade Federal de Minas Gerais por ter se constituído, nos últimos anos, uma aconchegante extensão da minha casa; ao Governo brasileiro pelo investimento em minha formação acadêmica; ao povo desse País por ter custeado os meus estudos, possibilitando-me chegar onde a maior parte dele, infelizmente, não consegue alcançar.

RESUMO

A presente dissertação trata do uso de figuras de repetição feito por Cícero, insigne orador e homem público da Roma antiga, nas cartas escritas durante o seu exílio ocorrido em 58-57 a. C. Procura-se analisar o emprego de tais figuras na sua relação com o processo argumentativo desenvolvido nas referidas cartas. O trabalho é dividido em três partes. A primeira, composta de três capítulos, traz relevantes informações sobre Cícero, epistolografia antiga e transmissão da correspondência ciceroniana. A segunda parte, por sua vez, apresenta uma proposta de tradução, para o português, das trinta e quatro cartas produzidas durante o exílio do orador. Finalmente, a terceira parte constitui-se de um capítulo sobre figuras e outro que contém a análise dos dados da pesquisa.

Palavras-chave: Cícero, figuras de repetição, epistolografia antiga, exílio.

ABSTRACT

This dissertation deals with the use of figures of repetition made by Cicero, famous orator and public man of ancient Rome, in letters written during his exile in 58-57 BC. It is aimed at analyze the use of such figures in their relationship with the argumentative process developed in those letters. The work is divided into three parts: the first, composed of three chapters, brings relevant information about Cicero, ancient epistolography and transmission of the ciceronian correspondence. The second part, in turn, presents a translation proposal of the thirty-four letters produced during the orator's exile into Portuguese. Finally, the third part is composed of one chapter about figures and other that contains the analysis of research data.

Keywords: Cicero, figures of repetition, ancient epistolography, exile.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 Inventário da obra ciceroniana	26
QUADRO 2 Principais edições impressas das cartas de Cícero.....	44
QUADRO 3 Classificação das figuras na <i>ad Her.</i>	118
QUADRO 4 Classificação das figuras segundo Cícero	119
QUADRO 5 Classificação das figuras segundo Quintiliano.....	120
QUADRO 6 Ocorrências das figuras de repetição no <i>corpus</i>	131
ESTEMA 1 Relação genealógica dos manuscritos relativos a <i>ad Fam.</i> I-VIII	39
ESTEMA 2 Relação genealógica dos manuscritos relativos a <i>ad Fam.</i> IX- XVI	41
ESTEMA 3 Relação genealógica dos manuscritos relativos a <i>ad Att.</i>	44
GRÁFICO 1 <i>Corpus</i> da pesquisa e destinatários das cartas selecionadas	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE 1	12
1.1 ASPECTOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DE CÍCERO	13
1.1.1 Dados biográficos	13
1.1.1.1 Infância e juventude	13
1.1.1.2 Vida profissional.....	14
1.1.1.3 Carreira política	16
1.1.1.4 Vida familiar.....	23
1.1.2 Dados bibliográficos.....	26
1.2 EPISTOLOGRAFIA NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA	28
1.3 TRANSMISSÃO DAS CARTAS DE CÍCERO	37
1.3.1 Publicações na Antiguidade.....	37
1.3.1.1 <i>Ad Familiares</i>	37
1.3.1.2 <i>Ad Atticum</i>	38
1.3.2 Tradição manuscrita	38
1.3.2.1 <i>Ad Familiares</i>	38
1.3.2.2 <i>Ad Atticum</i>	41
1.3.3 Edições impressas.....	44
PARTE 2	46
2.1 Comentário sobre a tradução	47
2.2 Tradução das cartas	48
PARTE 3	116
3.1 FIGURAS: CONCEPÇÕES ANTIGAS E MODERNAS	117
3.1.1 Concepções antigas.....	117
3.1.2 Concepções modernas	123
3.1.3 Figuras de repetição.....	125
3.2 ANÁLISE DOS DADOS	130
REFERÊNCIAS	138

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o exílio representa uma das mais trágicas experiências vivenciadas pelo ser humano. Em Roma, conforme Humbert (1892: 940-945), a palavra *exsilium* foi usada para abranger cinco modalidades de pena em diferentes períodos históricos: 1) *Aquae et ignis interdictio*, pena aplicada durante o período republicano, pela qual o condenado perdia todos os direitos políticos e tinha seus bens confiscados pelo Estado e vendidos em leilão; 2) *deportatio*, pena instituída no início do período imperial e que se distinguia da anterior pelo fato de conter a indicação de uma cidade ou província para onde o condenado devia seguir, e que também acarretava a perda de direitos políticos e a confiscação dos bens do apenado; 3) *deportatio in insulam*, a mais dura modalidade de *deportatio*, que determinava uma ilha como destino do condenado; 4) *relegatio uel in perpetuum uel ad tempus*, também criada nos primórdios do período imperial, tendo caráter perpétuo ou temporário, pela qual uma cidade ou uma província era apontada como destino do condenado sem, contudo, envolver a perda de seu patrimônio e dos direitos políticos; 5) *in insulam relegatio*, uma espécie mais severa de *relegatio*, que deveria se cumprir em uma ilha determinada. Evidentemente, para os propósitos deste trabalho, ao usarmos a palavra *exílio*, estaremos nos referindo à *aquae et ignis interdictio*, visto ter sido esta a pena aplicada no caso de Cícero, o qual esteve exilado entre os anos 58 e 57 a. C. Nesse período, ele escreveu várias cartas das quais as trinta remanescentes constituem o *corpus* da presente dissertação.

Em sua totalidade, as cartas de Cícero possuem uma incontestável importância histórica, linguística e literária. Em relação à História, elas revelam fatos dos bastidores da política romana que raramente figuram em outro documento da época. Lendo-as, aprendemos muito sobre costumes, ideias e valores adotados pelos romanos do século I a.C. Segundo Martin e Gaillard (1990: 457), a correspondência ciceroniana

é preciosa para os historiadores da República romana, para os quais ela constitui uma extraordinária mina de informação de primeira mão. Graças a ela, o período da história romana que se estende de 68 a 44 antes de nossa era nos é melhor conhecido que qualquer outro, pois as cartas de Cícero representam o papel de um verdadeiro jornal.

Esse caráter jornalístico da correspondência ciceroniana, entretanto, não se manifesta de forma árida e desinteressante do ponto de vista estético. Na verdade, Cícero emprega seus

amplios recursos retóricos a serviço da informação. Consequentemente, como declara Carcopino (1947: 9), a correspondência de Cícero é “o mais belo documento da história romana, um dos mais belos documentos da história de todos os tempos.” Além disso, o estilo de escrita empregado por Cícero na redação das suas cartas, embora bastante diferente do estilo grandiloquente encontrado em seus tratados de oratória, filosofia, política e jurisprudência, é extremamente atrativo para quem estuda essas cartas sob o ponto de vista linguístico-literário. Cícero utilizou em suas cartas importantes recursos retóricos como, por exemplo, as figuras de repetição, objeto de estudo deste trabalho. Percebe-se que a epistolografia de Cícero possui um alto teor literário e deve-se concordar com Cardoso (2003: 200) que, ao comentar o amplo uso de cartas como expressão literária no mundo romano, assevera:

Tal atitude faz com que a carta, em Roma, mesmo quando escrita com finalidade explícita de transmitir informações ou solicitar notícias, tenha, não raro, elementos literários, funcionando não apenas como objeto útil, mas também como texto escrito em cuja elaboração o material estético foi utilizado.

Assim, reconhecendo-se principalmente a relevância literária das referidas cartas, busca-se estudar, no presente trabalho, o emprego de figuras de repetição feito por Cícero em sua correspondência de exílio.

Este estudo justifica-se não só pela relevância da correspondência de Cícero, mas também pela inexistência, no Brasil, de um estudo específico do conjunto de cartas que ele escreveu durante o seu exílio com a conseqüente apresentação de uma tradução portuguesa das mesmas. Além disso, diante do avanço dos estudos retóricos em vários países e, particularmente, no Brasil, torna-se importante pesquisar o emprego das figuras de repetição nesses documentos epistolares de indiscutível destaque na literatura ocidental.

De modo geral, esta dissertação objetiva contribuir para a divulgação e compreensão da obra de Cícero através do estudo de suas cartas escritas no exílio e, ainda que modestamente, para a divulgação dos estudos clássicos no Brasil. De modo específico, ela visa a investigar o uso das figuras de repetição nas referidas cartas e a oferecer uma tradução portuguesa do conjunto das mesmas, o que, espera-se, permitirá o acesso ao texto dessas cartas àqueles que não

dominam o latim e, ao mesmo tempo, suprirá parcialmente a falta de traduções portuguesas da correspondência de Cícero.

O corpo desta dissertação encontra-se dividido em três partes. A primeira é constituída de três capítulos. No primeiro, são apresentados alguns aspectos biobibliográficos de Cícero a fim de se entender melhor o contexto que envolveu a composição de sua correspondência exílica. O segundo capítulo trata da epistolografia na Antiguidade greco-romana, assunto importante para se entender a redação e as modalidades das cartas que circulavam entre os antigos. No terceiro capítulo, vê-se como as cartas de Cícero foram transmitidas através dos séculos, desde sua publicação na Roma antiga passando pela sua tradição manuscrita e suas edições impressas. A segunda parte constitui-se basicamente da tradução integral das cartas selecionadas para este trabalho. Na terceira parte, apresenta-se um capítulo sobre a teoria das figuras, mostrando suas concepções antigas e modernas, com um destaque para as figuras de repetição, especialmente aquelas utilizadas no *corpus* deste trabalho. Segue-se a esse capítulo a análise dos dados, verificando-se a relação entre o uso das figuras de repetição e a argumentação desenvolvida por Cícero nas cartas de exílio.

PARTE 1

1.1 Aspectos biobibliográficos de Cícero

Este homem foi o que melhor soube fazer sentir aos romanos quanto prazer a eloquência adiciona à honestidade e como o direito é invencível quando corretamente interpretado. (Plut., *Cic.*, XIII).¹

1.1.1 Dados biográficos

Cícero, sem dúvida, é uma das personalidades do mundo antigo que mais tem despertado o interesse dos estudiosos ao longo dos séculos. Sua variada obra constitui-se em um fascinante monumento literário da Antiguidade clássica que nos fornece preciosas informações de uma época que marcou profundamente a trajetória histórica da humanidade.

1.1.1.1 Infância e juventude

Filho de uma família distinta, Cícero nasceu no dia 3 de janeiro de 106 a.C., na cidade de Arpino, cerca de 120 km de Roma. Em sua infância, ele já se destacava intelectualmente, pois, segundo Plutarco, “o talento que possuía o tornou famoso entre os seus colegas, a ponto de os pais destes irem à escola para vê-lo com os seus próprios olhos e testemunharem eles próprios tudo que se dizia sobre o seu engenho e a sua capacidade intelectual.”² Mais tarde, sua família se mudou para Roma a fim de que ele e seu irmão Quinto ali continuassem os estudos. Sua juventude deve ter sido ocupada rigorosamente pelos estudos, pois ele decidira se tornar um grande orador. De fato, ele mesmo fala de seu esforço para alcançar tal objetivo.

*Qua re quis tandem me reprehendat aut quis mihi iure suscenseat, si, quantum ceteris ad suas res obeundas, quantum ad festos dies ludorum celebrandos, quantum ad alias uoluptates et ad ipsam requiem animi et corporis conceditur temporum, quantum alii tribuunt tempestiuis conuiuiis, quantum denique alueolo, quantum pilae, tantum mihi egomet ad haec studia recolenda sumpsero?*³

Por que, enfim, alguém me censuraria ou alguém se irritaria comigo com razão se, quanto de horas é concedido aos demais para executarem os seus trabalhos, quanto para celebrarem os dias festivos dos jogos, quanto para outros prazeres e para o próprio descanso da alma e do corpo, quanto de horas os outros destinam aos banquetes prolongados, quanto, em suma, ao

¹ As traduções cujos realizadores não são indicados no texto do trabalho ou nas referências foram feitas por nós.

² Plut. *Cic.*, II.

³ Cic., *Pro Arch.*, 13.

tabuleiro de jogar, quanto à bola, tanto eu mesmo terei gasto para retrabalhar estes estudos?

Em sua juventude, Cícero presenciou duas terríveis guerras. A primeira foi a Guerra dos Aliados também conhecida como Guerra Social (91-88), que consistiu na revolta dos itálicos em busca da obtenção da cidadania romana. Nessa guerra, Cícero prestou serviço militar sob o comando de Cneu Pompeu Estrabão em 89. Everitt (2003: 37) observa que “a Guerra dos Aliados sinalizou um novo aspiral mais sangrento no caos social e político. Soldados no Fórum, estadistas mais velhos massacrados, metade do Império em revolta - nada igual a ela tinha sido visto na história da República.” O outro conflito armado foi a primeira Guerra Civil (88-86), resultado da disputa entre Caio Mário e Lúcio Cornélio Sula pela disputa do comando da guerra contra Mitridates, rei do Ponto, que, aproveitando-se do envolvimento dos romanos na Guerra Social, ocupou a Ásia e a Grécia, mandou executar cerca de 80.000 romanos e confiscou as suas propriedades. Sula, um dos cônsules de 88, foi enviado para combatê-lo. Entretanto, o velho Mário advoga para si o direito de liderar essa importante guerra. Seguem-se violentos confrontos entre os grupos dos dois líderes em Roma. Em 86, provavelmente vitimado por um acidente vascular cerebral, Mário morre no início de seu sétimo consulado. No Oriente, após vencer as copiosas tropas lideradas pelo general Arquelau e tomar diversas cidades, segundo Eutrópio (*Breu.*, V, 6-7), Sula faz um acordo de paz com Mitridates. Em 83, ele deixa a Ásia. No ano seguinte, entra em Roma, torna-se ditador por tempo indeterminado e, assumindo a suprema autoridade governamental, atribui a si mesmo a tarefa de reformar as instituições republicanas, dando início a um terrível período de mortes e proscricções. Conforme os números apresentados por Eutrópio (*Ibidem*: V, 9), nos conflitos ocorridos em Roma entre 91-82 morreram mais de cento e cinquenta mil homens, vinte e quatro ex-cônsules, sete ex-pretore, sessenta ex-edis e quase duzentos senadores. Portanto, nessas funestas batalhas, Roma perdeu alguns de seus mais ilustres representantes.

1.1.1.2 Vida profissional

No ano 81, em plena ditadura de Sula, Cícero estreia como advogado, defendendo Públio Quíncio (*Pro Quinctio*) contra o sócio de seu irmão falecido, no processo pela disputa do direito de propriedade de uma fazenda. No ano seguinte, defende o caso de Sexto Róscio (*Pro Roscio Amerino*), que, envolvido em uma trama articulada por Crisógono, liberto de Sula, fora acusado de parricídio. A vitória de Cícero nesse processo teve ampla repercussão em Roma e

o colocou entre os melhores oradores da cidade. Segundo Plutarco (*Cic.*, III, IV), temendo a retaliação de Sula, Cícero alega ter necessidade de tratar da saúde e faz uma longa viagem à Grécia e à Ásia (79-77), durante a qual toma aulas de filosofia e retórica com alguns dos mestres mais conceituados da época. Sabendo da morte de Sula, ele regressa a Roma em 77, disposto a retomar suas atividades forenses. Plutarco (*Ibidem*: V) observa que “a sua ambição natural e as exortações do pai e dos amigos o impeliram para o Fórum. Logo se colocou na primeira fileira, não por progressos lentos e necessários, mas por lances brilhantes e rápidos, ultrapassando, em curto prazo, todos os seus rivais na advocacia.” Um lance digno de nota em sua vida profissional ocorre no ano 70, quando ele atua no processo contra Verres, ex-pretor da Sicília, que fora acusado pelos sicilianos de graves irregularidades financeiras durante seu governo. Cícero não apenas vence Quinto Hortênsio Hortalo,⁴ defensor de Verres, mas também apresenta em seus discursos (*Verrinae*) um estilo oratório já inteiramente maduro, como ressalta Conte (1999: 180):

Cícero eliminou um pouco da exuberância e da redundância sem por isso aproximar-se da eloquência seca e sem vida dos aticistas. A formação dos períodos geralmente é harmoniosa e estruturalmente complexa. A sintaxe é extremamente flexível e Cícero não evita, quando apropriado, a frase concisa e veemente. O arranjo dos registros é controlado com inteira segurança, da narração clara e simples à anedota colorida, da ironia desconcertante ao *pathos* trágico.

A partir de 66, Cícero abandona os processos civis, passando a se dedicar exclusivamente ao direito criminal, especialmente aos casos de corrupção de votos (*ambitus*) e extorsão no governo (*crimen repetundarum*).⁵

De acordo com Boissier (1988: 124-131), graças à sua intensa e bem-sucedida atuação profissional, Cícero construiu um patrimônio considerável, pois, embora houvesse uma lei que proibia os advogados de cobrarem honorários pela prestação de seus serviços nos

⁴ Hortênsio (114-50) estreou como advogado em 95, tornando-se o príncipe dos advogados durante a ditadura de Sula e na década seguinte; exerceu o consulado em 69; foi adversário de Cícero nos processos de Quíncio, de Róscio Amerino, de Verres e na discussão da *Lex Manilia*, mas, posteriormente, tornou-se amigo dele e o ajudou em vários processos; foi o principal representante romano do asianismo, escola oratória que se caracterizava pela seleção de vocábulos poéticos, pelo rebuscamento exagerado e pelo emprego de períodos longos e complexos. (Cf. PARATORE, 1983: 183). Opunha-se ao asianismo a escola aticista, que constituía uma tentativa de imitação da prosa ática, evitando o uso exagerado de figuras retóricas e valorizando a estrutura frásica concisa e clara, requerendo, entretanto, um controle excessivo das emoções por parte do orador (Cf. PARATORE, 1983: 183; CONTE, 1999: 120-121)

⁵ EVERITT, 2003, p. 83.

tribunais (*lex Cincia de donis et muneribus*)⁶, frequentemente seus clientes encontravam alguma forma de recompensá-los pecuniariamente, em especial, indicando-os em testamento como seus herdeiros. O próprio Cícero admitiu ter recebido, ao longo de sua vida, mais de vinte milhões de sestércios em heranças⁷, quantia que o tornaria um milionário nos dias atuais.

1.1.1.3 Carreira política

Cícero inicia o *cursus honorum*⁸ em 75, assumindo o cargo de questor na Sicília. Ali, devido à sua conduta honesta e escrupulosa, conquista a consideração e o respeito da população. Em 69, torna-se edil, exercendo, entre outras funções, a supervisão dos mercados e a organização dos jogos em Roma. Em 66, atua como pretor e profere dois importantes discursos. No primeiro, defendendo Aulo Cluêntio Hábito (*Pro Cluentio*), que fora acusado pela própria mãe de ter envenenado seu padrasto, pela primeira vez, conforme Smith (2010: 82), ele declara abertamente o seu principal objetivo como político: promover a unidade das classes senatorial e equestre.⁹ O segundo discurso foi proferido em defesa da proposta que concedia poderes excepcionais a Cneu Pompeu Magno (*De Imperio Gn. Pompei*) para combater Mitridates. Observa-se que esse foi o primeiro discurso político da carreira de Cícero e que seu pronunciamento trouxe duas importantes consequências para o futuro dele: consolidou-o como um homem que poderia reunir as diferentes classes e dirimir suas diferenças; e atraiu uma ampla base de apoio para sua eventual candidatura ao consulado.

Em 63, Cícero ocupa o consulado ao lado de Caio Antônio. Dois fatos ocorridos nessa magistratura foram cruciais para o futuro político dele, porquanto o colocaram do lado do partido aristocrático, os *optimates*, cujos interesses eram diametralmente opostos aos do partido popular, os *populares*. O primeiro fato foi a apresentação de um projeto de lei relativo

⁶ Lei aprovada em plebiscito em 204 a.C. Cícero refere-se a ela em uma carta escrita em 60: *Nunc ut ad rem meam redeam, L. Papirius Paetus, uir bonus amatorque noster, mihi libros eos quos Ser. Claudius reliquit donauit. Cum mihi per legem Cinciam licere capere Cincius amicus tuus diceret, libenter dixi me accepturum si attulisset. (ad Att., I, 20, 7).*

⁷ *Ego enim amplius sestertium ducentiens acceptum hereditatibus rettuli. (Cic., Phil., II, 16).*

⁸ *Cursus honorum* (sequência das magistraturas) era a série sucessiva de cargos que um homem devia ocupar em sua carreira política. A ordem de tais cargos, o número de seus ocupantes e a idade mínima legalmente exigida para sua ocupação na época de Cícero eram: 1) *questor*, magistrado responsável pela administração financeira de Roma. Número: vinte. Idade mínima: 30 anos; 2) *edil*, magistratura opcional que cuidava da supervisão e da manutenção dos templos, edifícios, mercados e da organização dos jogos. Número: quatro. 3) *pretor*, atuava como juiz nos tribunais ou administrava a lei nas províncias. Número: oito. Idade mínima: 40 anos; 4) *cônsul*, convocava e presidia o Senado e as assembleias do povo; executava-lhes as decisões; comandava o exército. Número: dois. Idade mínima: 43. (cf. BORNECQUE; MORNET, 1976, p. 86-92; EVERITT, 2003, p. 12-13).

⁹ *equites ordini senatorio dignitate proximos, concordia coniunctissimos esse cupiunt. (Cic., Pro Cluen., LV).*

à redistribuição de terras, ao qual Cícero se opôs tanto no Senado quanto na Assembleia Geral. O segundo foi ainda mais relevante: a conspiração de Sérgio Lúcio Catilina. Apesar de elaborar um programa de governo extremamente popular, cujos principais pontos eram a redistribuição de terras e o cancelamento geral das dívidas, Catilina fora derrotado nas eleições para o consulado em 64 e 63. Ele, então, decidiu assumir o governo mediante uma revolução. Cícero descobriu e desarticulou o projeto de Catilina, o qual fugiu para se unir a um considerável exército que o aguardava na Etrúria. Entretanto, cinco de seus comparsas foram sumariamente executados por decisão do Senado após uma reunião convocada por Cícero e ele próprio pereceria em combate contra um exército liderado pelo cônsul Antônio no início de 62. Terminada a conspiração, o então tribuno Marco Pórcio Catão conferiu a Cícero o título de pai da pátria (*pater patriae*) em reconhecimento à sua atuação na defesa da cidade.

Em 61, Cícero testemunhou contra Públio Clódio Pulcro, o qual fora acusado de sacrilégio por ter adentrado a casa de Júlio César vestido de mulher no ano anterior durante uma celebração religiosa vedada a homens. Mesmo sendo absolvido nesse processo, Clódio passou a alimentar um forte sentimento de vingança em relação a Cícero.

No final do ano 60, ocorre a formação do Primeiro Triunvirato por iniciativa de Júlio César. Ele era um dos cônsules deste ano e gozava de imensa popularidade. Pompeu retornara vitorioso da guerra contra Mitridates em fevereiro de 61, fora cônsul em 60 e era considerado a maior força político-militar da época. Marco Licínio Crasso, por sua vez, era o homem mais rico de Roma. Eles fizeram uma aliança secreta cuja proposta básica era que os três se comprometeriam a não tomar nenhuma medida política que colidisse com o interesse de algum deles, aliança que Cícero, após ser abordado por um intermediário enviado por César, decidiu não apoiar, determinando o seu silêncio involuntário e a perda de sua independência política durante os próximos quinze anos. (SMITH, 2010: 141-142).

Em 59, Clódio é eleito tribuno da plebe¹⁰, assumindo o cargo no dia 10 de dezembro. Sem perda de tempo, ele apresenta um conjunto de quatro leis das quais as duas primeiras visavam a agradar seus partidários e as outras objetivavam enfraquecer a oposição: a primeira lei

¹⁰ Os tribunos da plebe eram oficiais eleitos anualmente para defender os interesses do povo. Essa magistratura foi criada em 493 a.C. em decorrência da revolta do povo (*plebs*) contra os aristocratas (patrícios). Na época de Cícero eram em número de dez e podiam propor leis e convocar reuniões do Senado.

tornava totalmente gratuita a distribuição de trigo em Roma; a segunda restabelecia o direito de associação política; a terceira suprimia o direito que os oficiais tinham de impedir a realização das Assembleias Gerais por meio do anúncio de maus presságios; a quarta, enfim, restringia o direito que os censores tinham de excluir senadores que procedessem de forma indigna. (SMITH, 2010: 154). Em fevereiro do ano seguinte, Clódio apresenta mais dois projetos de lei: um deles, objetivando conquistar o apoio dos cônsules de 58, destinava ricas províncias (Macedônia e Cilícia) a serem governadas por eles após o término de suas atuais magistraturas; o segundo projeto (*lex Clodia de capite ciuis Romani*) previa o exílio e a confiscação de bens para qualquer oficial público que condenasse ou já tivesse condenado um cidadão romano à morte sem o devido processo legal. (EVERITT, 2003: 142). Apesar de não citar ninguém nominalmente, essa lei procurava atingir o homem que propusera a condenação e a execução de cinco cúmplices de Catilina sem a observação dos trâmites legais no final de seu consulado.

A situação se agravou rapidamente em detrimento de Cícero o qual, embora buscasse o apoio de alguns dos mais poderosos políticos romanos da época, não obteve a ajuda de que necessitava para reverter o quadro em seu favor. Por fim, reunindo-se em sua casa com alguns *optimates* liderados por Hortêncio na véspera da aprovação do projeto de Clódio, Cícero é aconselhado a sair de Roma, sendo-lhe prometido um retorno rápido. Sentindo-se totalmente encurralado, ele parte para um exílio que duraria de março de 58 a agosto de 57. De fato, seu desafeto agira de forma extremamente precisa e astuciosa. Conforme Cowell (1948: 191)

Clódio teve sua lei aprovada e Cícero era uma vítima óbvia de sua pena retroativa. Ninguém agiria para salvá-lo, embora muitos estivessem genuinamente angustiados em vê-lo ir. Em vão, ele apelou a César, Pompeu e Crasso. César queria enfraquecer o Senado e Cícero era a influência mais poderosa ao lado do Senado na política romana. Portanto, uma lição tinha que ser ensinada a Cícero. Crasso o odiava e Pompeu não se arriscaria a se opor a seus dois colegas para salvá-lo, uma vez que havia sido desprezado não só pela ostentação vangloriosa de Cícero por causa de suas realizações como cônsul, mas também devido à sua presunção em considerar-se da mesma importância de Pompeu.

Ao saber da partida de Cícero, Clódio propõe medidas mais duras: condena-o nominalmente; determina a confiscação de seus bens; proíbe a ele o oferecimento de água e fogo (*aquae et ignis interdictio*), símbolos tradicionais da hospitalidade; estabelece a distância mínima de 400 milhas para ele se manter afastado da Itália.

Cícero seguiu pela via Ápia em direção ao sul e, em meados de abril, alcançou Tarento e depois a cidade portuária de Brundísio, de onde deixou a Itália rumo à Macedônia. Ali, estabeleceu-se na cidade de Tessalônica sob a proteção do questor romano Gneu Plânco que o manteve em sua residência oficial. Após permanecer nessa cidade de maio até meados de novembro de 58 e dali escrever dezenove das suas trinta e quatro cartas de exílio, Cícero parte para Dirráquio, onde permaneceu até agosto de 57.

A experiência do exílio foi extremamente dolorosa para Cícero a ponto de ele se dizer arrependido de não ter dado cabo de si mesmo, pois considerava a morte melhor do que a vida no desterro.

Quod me ad uitam uocas, unum efficis ut a me manus absteineam, alterum non potes ut me non nostri consilii uitaeque paenitat [...] nemini mortem magis optandam fuisse.

Visto que me chamas à vida, fazes com que não me mate, mas não podes evitar que me arrependa por ter decidido viver [...] para ninguém a morte foi mais desejável. (*ad Att.*, III, 7, 2).

Atque utinam me mortuum prius uidisses aut audisses!

Ah se tivesses me visto morto ou ouvido falar da minha morte! (*ad Q. fr.*, I, 3, 1).

Seu estado emocional é descrito de forma desalentada e patética. Aquele que dantes se agigantara diante de tantos perigos agora se sentia o mais sofredor dos mortais, vítima de uma calamidade inaudita.

Plura scribere non possum; ita sum animo perculso et abiecto.

Não posso escrever mais: estou com a alma abatida e desanimada. (*ad Att.*, III, 2).

Ego uiuo miserrimus et maximo dolore conficior.

Vivo extremamente infeliz e sou oprimido por uma enorme aflição. (*ad Att.*, III, 5).

hoc confirmo neque tantis bonis esse priuatum quemquam neque in tantas miserias incidisse.

Afirmo que ninguém foi privado de tantas coisas boas nem caiu em tantos males. (*ad Att.*, III, 15, 2).

Cícero era oprimido por um forte sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, culpava até seu melhor amigo pelo seu infortúnio e os deuses, que teriam deixado de ouvir-lhe as preces.

...ipsa calamitas communis est utriusque nostrum, sed culpa mea propria est.

...o mal em si pertence a nós dois, mas a culpa é minha própria. (*ad Fam.*, XIV, 3, 1).

...me, meos meis tradidi inimicis inspectante et tacente te...

...eu e os meus nos rendemos a meus inimigos enquanto olhavas e te calavas. (*ad Att.*, III, 15, 7).

Quod precarer deos nisi meas preces audire desissent.

Isso pediria aos deuses, se não tivessem parado de ouvir-me as preces. (*ad Q. fr.* I, 3, 10).

Sua correspondência, nesse período, foi produzida sob um pranto copioso, desestruturante.

Non queo reliqua scribere; tanta uis lacrimarum est; neque te in eundem fletum adducam.

Não posso escrever o restante, tão grande é a força das lágrimas, nem te levarei ao mesmo pranto. (*ad Fam.*, XIV, 1, 5).

...cum aut scribo ad uos aut uestras lego, conficior lacrimis sic ut ferre non possim.

...desfaço-me em lágrimas quando vos escrevo ou leio as vossas cartas, de modo que não consigo redigir. (*ad Fam.*, XIV, 4, 1).

Mitto cetera intolerabilia; etenim fletu impediior.

Omito outras coisas intoleráveis, pois sou impedido pelo pranto. (*ad Att.*, III, 10, 2).

Apesar de ser bem recebido por onde passava, Cícero se sentia fora do seu lugar e isso o angustiava. Em janeiro de 57, ele faz um desabafo comovente:

Mihi in animo est legum lationem expectare et, si obtrectabitur, utar auctoritate senatus et potius uita quam patria carebo.

Tenho a intenção de esperar a apresentação das leis e, se for feita oposição, farei uso da autoridade do Senado e passarei antes sem vida do que sem pátria. (*ad Att.*, III, 26).

Segundo Everitt (2003: 150-151), durante o tribunate de Clódio todos os esforços legais para o retorno de Cícero foram obstruídos. Porém, em 1º de janeiro de 57, encerra-se o mandato do tribuno, passando a se fortalecer cada vez mais o movimento em prol de Cícero. Pompeu logo se mostrou favorável ao retorno do orador. O apoio de César só foi obtido sob a condição de que Cícero não se oporia aos triúnviros após sua volta. A proposta do retorno é apresentada ao Senado e endossada pelo mesmo no mês de maio. Por fim, uma Assembleia Militar realizada em agosto aprova a lei que garantia o regresso de Cícero. No dia quatro de setembro de 57, ele entra em Roma, sendo recebido festivamente por uma multidão de amigos.

Entre 57 e 52, Cícero coloca sua eloquência a serviço dos triúnviros, embora no início de 56 ele tenha tentado se opor a uma lei de reforma agrária proposta por César. Sem dúvida, ele foi coagido a se submeter, porquanto “os amigos de César eram fortes em Roma, capazes de fazer exigências no interesse de César, e ninguém sabia melhor como forçar e como impedir a ação em Roma” (SMITH, 2010: 196). Em *ad Att.*, IV, 6, 2, escrita em maio de 56, o próprio Cícero declara o desconforto causado por essa posição política subalterna: “Mas eu, que, se falo o que é preciso sobre o negócio público, sou considerado um insano; se falo o que é bom, um escravo; se me calo, um vencido e aprisionado, com que dor devo viver?” Pode-se questionar a sua conduta política neste período, porém, conforme Everitt (2003: 163),

é difícil perceber que outra coisa Cícero poderia ter feito se ele não devia se retirar em silêncio e viver no campo. Este não era seu momento mais glorioso, mas ele estava tomando a única medida provável para mantê-lo no jogo. Sua própria opinião de que ele foi estabelecido somente para mediar as forças conflitantes no cenário político não era inteiramente absurda. Embora os triúnviros tivessem reafirmado sua autoridade em termos inequívocos, ele permaneceu convencido de que a aliança não duraria para sempre. Os sucessos militares de César tornaram cada vez mais claro que ele e Pompeu eram concorrentes. No final das contas, um deles teria que se afastar e ceder o primeiro lugar. As circunstâncias tinham forçado Cícero a fazer um recuo estratégico e, embora através dos séculos ele seja acusado de incoerência, suas manobras táticas refletiam uma firme posição subjacente.

Em 51, Cícero é nomeado governador da Cilícia, agindo de forma notadamente honesta, pois, de acordo com Plutarco (*Cic.*, XXXVI), “não aceitava presentes, mesmo os que os reis lhe ofereciam, e repunha aos cofres da província as despesas da sua mesa [...] As finanças públicas foram dilapidadas: ele enriqueceu as cidades, fazendo-as recuperar o que perderam.”

Por esse tempo, o Primeiro Triunvirato já havia se dissolvido, porquanto Crasso falecera em 53 e, a partir de então, César e Pompeu foram se mostrando cada vez mais desarmônicos. César governava a Gália desde 59 e, após o término desse governo, pretendia exercer um segundo consulado em 48. Temendo o poderio dele, Pompeu e os *optimates* trabalhavam para frustrar-lhe os planos. Everitt (2003: 205-207) mostra a rápida sequência de fatos que marcaram o início do ano 49: em 1º de janeiro, aprova-se um ultimato para que César licencie-se do comando de suas legiões sob pena de desobediência à lei; seis dias depois, o Senado declara estado de emergência, e os tribunos cesaristas Marco Antônio e Cássio, que vinham obstruindo todas as propostas desfavoráveis a César, foram aconselhados a deixar Roma; após três dias, na Gália, eles se reúnem a César, o qual imediatamente marcha com seu exército em direção à Roma, alegando estar defendendo os tribunos cujo direito de veto teria sido desrespeitado pelo Senado e que teriam sido ameaçados com violência. Poucos dias antes de sua chegada, Pompeu e um grande número de senadores e magistrados abandonam a cidade a fim de articular a resistência a César. Estava deflagrada a segunda Guerra Civil. De um lado Pompeu se colocava na defesa dos interesses da aristocracia; do outro, Júlio César se apresentava como o guardião das reivindicações populares. No início do conflito, Cícero hesitou em declarar sua adesão a um dos grupos. No entanto, essa hesitação tão negativamente enfatizada por muitos críticos ao longo dos séculos, apresenta-se plenamente compreensível e justificável nas palavras de Boissier (1988: 102)

Sabe-se que ele não se empenhou com prazer naquele terrível conflito do qual previa o resultado e que oscilou quase um ano entre os dois partidos antes de tomar uma decisão. Não é de se espantar que tenha hesitado tão demoradamente. Não era mais jovem e desconhecido como quando defendera Róscio. Tinha uma posição elevada na sociedade e um nome ilustre que não queria comprometer; e também é lícito refletir quando se arrisca, em um só lance, a própria fortuna, a própria glória e talvez a própria vida.

Por fim, ele decide aderir à causa de Pompeu, pois “César trabalhava para si, não para o povo, e Cícero, combatendo-o, pensava defender a república e não os privilégios da aristocracia.” (BOISSIER, 1988: 112). Mas, com a derrota de Pompeu na batalha de *Farsalos* em 48, ele busca e obtém o perdão de César, volta a Roma e passa a ter uma atuação política apagada e meramente voltada ao apoio do governo cesariano.

Após o assassinato de César em 44, contrariamente às expectativas dos conspiradores, a confusão e as incertezas políticas crescem ainda mais em Roma. Marco Antônio, lugartenente e amigo íntimo de César e um dos atuais cônsules, começa a mostrar uma firme disposição de assumir o poder, usando o dinheiro, os documentos e os veteranos de César para se fortalecer política e militarmente. Cícero, em seu último esforço para salvar a República, opõe-se abertamente a ele por meio do pronunciamento de uma série de discursos extremamente incisivos: as *Filípicas*. Tanto Cícero quanto o Senado passam a apoiar o jovem Otávio, sobrinho e filho adotivo de César. Por fim, contrariando a posição do Senado, Otávio se alia a Marco Antônio e Lépido na formação do Segundo Triunvirato em 43 para cujo estabelecimento se reavivou a terrível medida das proscricções, sendo incluídos em uma primeira lista os nomes de mais de 130 senadores e cerca de 2.000 cavaleiros (*equites*) que deveriam morrer pelo fato de constituírem uma ameaça aos novos triúmviros.¹¹ Cícero, opositor implacável de Marco Antônio, tem o nome incluído nessa lista e, aos 7 de dezembro de 43, é impiedosamente degolado na cidade de Formia, Itália, aos 64 anos.

1.1.1.4 Vida familiar

Cícero casou-se com Terência no ano 77. Nascida em 98, de família distinta e rica, ela trouxe consigo para o matrimônio um dote de 400.000 sestércios, uma fortuna considerável visto que para se ingressar na ordem equestre era requerida a quantia de 400.000 sestércios.¹² Era muito devota religiosamente e, como seu esposo estava constantemente envolvido com questões profissionais e políticas, administrava os assuntos domésticos e as finanças da família. Forte e corajosa, prestou uma valiosa ajuda ao marido em momentos críticos de sua vida, especialmente durante seu exílio. Apesar disso, era de difícil convivência e estava sempre em conflito com pessoas da família como, por exemplo, seu cunhado Quinto. Nas cartas de exílio, Cícero se dirige a ela afetuosamente: “Adeus a ti, minha Terência, a mais fiel e a melhor esposa” (*ad Fam.*, XIV, 4, 6); “Cuida para que estejas bem e assim te convenças de que nada há mais caro para mim do que tu, nem jamais houve.” (*ad Fam.* XIV, 3, 5). Entretanto, como observa Boissier (1988: 134-136), a correspondência entre eles tornou-se cada vez mais esparsa e formal, o que sugere um processo de crescente insatisfação e desgaste conjugal que, finalmente, os levou ao divórcio no ano 46. Segundo Everitt (2003: 229, 335), mais tarde

¹¹ EVERITT, 2003, p. 314.

¹² *Ibidem*, p. 62.

Terência se casou com o historiador Salústio e teve, posteriormente, um terceiro marido. Ela viveu mais de cem anos, falecendo em 4 d.C.¹³

Cícero, por seu turno, no mesmo ano em que se divorciou de Terência, casou-se com a jovem Publília cujo pai, falecido, havia deixado sob a tutela de Cícero. Plutarco (*Cic.*, XLI) observa que, de acordo com Tiro, liberto de Cícero, essa união ocorreu porque o famoso orador esperava se livrar de suas enormes dívidas através da fortuna de sua nova esposa.

Em 45, Cícero recebe o pior golpe de sua vida: a morte de sua filha Túlia. Ela nascera em 76 e desde cedo desfrutou de todo o carinho do pai. Quando Cícero foi exilado, ela já tinha cerca de vinte anos, mas ele se refere a ela sempre com um diminutivo afetivo (*Tulliola, filiola*). Ele ressalta as qualidades dela e a sintonia existente entre ambos: “Ademais, também sinto falta de minha filha? Como é devota, modesta, inteligente! Ela é o retrato do meu rosto, do meu jeito de falar e de pensar.” (*ad Q. fr.*, I, 3, 2). Porém, Túlia é notada principalmente por seu insucesso na vida amorosa. Em 67, ela foi formalmente comprometida com Caio Calpúrnio Pisão Frugi, com o qual se casou em 62. Essa união que, embora politicamente arranjada, tinha sido feliz durou poucos anos, pois Túlia já era viúva quando seu pai voltou do exílio em 57. Pouco depois, Túlia se casou com Fúrio Crassípede, mas dessa vez não foi feliz, porque por volta do final de 52 achava-se divorciada dele. Por fim, casou-se pela terceira vez com Públio Cornélio Lêntulo Dolabela, um jovem aristocrata reconhecidamente irresponsável e mulherengo. Essa união também acaba em divórcio no ano 46 e, no início de 45, Túlia falece aos trinta e um anos, poucas semanas após dar à luz um menino que também morre alguns meses depois. Em meio a um turbilhão emocional, Cícero se divorcia de Publília, acusando-a de não ter se importado com o óbito de Túlia na qual ela via uma verdadeira rival.

Além da filha, Cícero também teve o filho Marco, nascido em 65. Na infância, ele era muito ligado ao primo Quinto (*ad Q. fr.*, I, 3, 2). Quando tinha cerca de sete anos, seu pai foi exilado e, por isso, ele motivou uma intensa preocupação paterna durante esse período (*ad Fam.*, XIV, 1, 5). Cícero cuidou para que ele recebesse uma educação de boa qualidade. Em 46, Marco quis se juntar ao exército de César na guerra da Espanha, mas seu pai o desaconselhou a tomar tal decisão e, em 45, o envia a Atenas para que continuasse os estudos. Ali, ao invés de se dedicar aos estudos, ele viveu como um jovem perdulário, irresponsável e bebedor. Mais

¹³ MÖLLER, 2009, p. 256.

tarde, foi nomeado cônsul ao lado de Augusto no ano 30 e, depois, governou as províncias da Síria e da Ásia.

O único irmão de Cícero, Quinto Túlio, nasceu no ano 102. Embora também tenha recebido uma educação requintada, nunca teve o mesmo destaque do irmão mais velho. Casou-se com Pompônia, irmã do melhor amigo de Cícero, da qual teve um único filho que, segundo o costume romano, recebeu o mesmo nome do pai. Caracterizava-se pela impulsividade, sendo muitas vezes orientado pelo irmão para que tentasse controlar seu temperamento que colocava em risco tanto sua carreira política quanto seu casamento. Todavia, Everitt (2003: 132) observa que “apesar de todos os defeitos, ele era um homem honesto e sofisticado, que lia Platão e Xenofonte, falava grego fluentemente e ainda escrevia tragédias nas horas vagas.” A ele, Cícero escreveu *ad Q. fr.*, I, 3, que é não apenas a carta mais longa de seu exílio (1019 palavras em latim), mas também a mais repleta de figuras retóricas e de emotividade. Sua trajetória política foi bem-sucedida, tendo sido questor em 69, edil em 66, pretor em 62 e governador da província da Ásia de 61 a 59. Comandou eficientemente uma legião na Gália durante o governo de César nessa província. Tendo seu nome incluído nas proscricções promovidas pelo segundo Triunvirato, foi assassinado junto com o filho no ano 43.

Ao falar da vida familiar de Cícero, não se pode deixar de mencionar Tito Pompônio Ático, seu melhor amigo. Segundo Cornélio Nepos (*Att.*, V, 3), Cícero era mais fortemente ligado a Ático do que ao irmão Quinto. O próprio orador declara em *ad Fam.*, XIII, 1, 5: “Amo a Pompônio Ático como outro irmão”. Eram amigos desde a adolescência, quando estudavam juntos em Roma. Ático nasceu em 109 de uma família romana abastada. Com a morte do tribuno Públio Sulpício Rufo, seu parente, durante a primeira Guerra Civil, ele decidiu não se envolver com o mundo político e se tornar um homem de negócios. Muda-se, então, para Atenas onde se notabiliza por distribuir trigo gratuitamente ao povo, fazer empréstimos financeiros, e frequentar as oficinas dos escultores e pintores atenienses, tornando-se um ávido colecionador de estátuas e quadros. Regressa a Roma no ano 65, continuando a crescer sua fortuna. Durante o exílio do amigo, prestou-lhe um enorme auxílio, pois lhe doou 250.000 sestércios, atendeu prontamente a seu pedido para que cuidasse de seus familiares, e o manteve informado de todos os eventos em Roma. Faleceu no ano 32.

1.1.2 Dados bibliográficos

Cícero destaca-se dentre os autores antigos pelo fato de ter produzido uma obra extensa e diversificada, da qual uma parte significativa chegou a nós via tradição direta, comprovação inequívoca de sua relevância histórico-literária. Porém, parte de sua obra nos foi transmitida por meio da tradição indireta, ou seja, através de comentários e citações de outros autores. Infelizmente, vários desses textos se perderam, privando-nos de conhecer um pouco mais as ideias de um dos maiores escritores que o mundo já conheceu. Para se dimensionar tão vasta produção escrita, apresenta-se, no quadro abaixo, um inventário da obra ciceroniana.

QUADRO 1 - Inventário da obra ciceroniana

Discursos	Tradição direta
	<i>Pro Quinctio</i> (81), <i>Pro Roscio Amerino</i> (80), <i>Pro Roscio Comoedo</i> (76), <i>Pro Tullio</i> (72 ou 71), <i>Divinatio in Q. Caecilium e Verrinae</i> (70), <i>Pro Fonteio</i> (69), <i>Pro Caecina</i> (69 ou 68), <i>Pro Cluentio</i> (66), <i>De Imperio Gn. Pompei</i> ou <i>Pro Lege Manilia</i> (66), <i>De Lege Agraria</i> (63), <i>Pro Rabirio Perduellionis Reo</i> (63), <i>Pro Murena</i> (63), <i>Catilinariae</i> (63), <i>Pro Sulla</i> (62), <i>Pro Archia Poeta</i> (62), <i>Pro Flacco</i> (59), <i>Cum Senatui Gratias Egit</i> (57), <i>Cum Populo Gratias Egit</i> (57), <i>De Domo Sua</i> (57), <i>De Haruspicum Responso</i> (56), <i>Pro Sestio</i> (56), <i>In Vatinius</i> (56), <i>Pro Caelio</i> (56), <i>De Provinciis Consularibus</i> (56), <i>Pro Balbo</i> (56), <i>In Pisonem</i> (55), <i>Pro Plancio</i> (54), <i>Pro Scauro</i> (54), <i>Pro Rabirio Postumo</i> (54), <i>Pro Milone</i> (52), <i>Pro Marcello</i> (46), <i>Pro Ligario</i> (46), <i>Pro Rege Deiotaro</i> (45), <i>Philippicae</i> (44-43).
	Tradição indireta
	Cerca de trinta títulos e vários fragmentos de discursos perdidos, dentre os quais <i>Pro Cornelio</i> (65) e <i>In Toga Candida</i> (64).
Retórica	<i>De Inventione</i> (cerca de 54), <i>De Oratore</i> (54), <i>Partitiones Oratoriae</i> (54), <i>De Optimo Genere Oratorum</i> (52), <i>Brutus</i> (46), <i>Orator</i> (46), <i>Topica</i> (44).
Política	<i>De Republica</i> (54-51), <i>De Legibus</i> (52-46).
Filosofia	<i>Paradoxa Stoicorum</i> (46), <i>Academica</i> (45), <i>De Finibus Bonorum et Malorum</i> (45), <i>Tusculanae Disputationes</i> (45), <i>De Natura Deorum</i> (45), <i>De Divinatione</i> (44), <i>De Fato</i> (44), <i>Cato Maior de Senectute</i> (44), <i>Laelius de Amicitia</i> (44), <i>De Officiis</i> (44).
Correspondência	<i>Ad Familiares</i> (16 livros), <i>Ad Atticum</i> (16 livros), <i>Ad Quintum Fratrem</i> (3 livros), <i>Ad Marcum Brutum</i> (2 livros).
Fragmentos de poesias	<i>Iuvenilia</i> , <i>Aratea</i> , <i>De Consulatu Suo</i> , <i>Marius</i> , <i>Limon</i> .
Obras em prosa perdidas	<i>Consolatio</i> (45), <i>Hortensius</i> (45), <i>Laus Catonis</i> (45), <i>De Gloria</i> (44), <i>De Virtutibus</i> , <i>De Auguriis</i> , <i>De Consiliis Suis</i> , <i>Chorographia</i> e <i>Admiranda</i> .
Traduções	<i>Timaeus</i> , de Platão e <i>Economicus</i> , de Xenofonte.

Pelo quadro acima, poder-se-ia considerar que o exílio foi o divisor de águas na produção literária de Cícero. Antes desse exílio, seus escritos se compõem basicamente de discursos e cartas, enquanto que depois dele a obra se torna bem diversificada. Michel (1983: 557) assevera que “depois do exílio de 58-57, ele começa a se distanciar da glória humana e a se voltar para uma cultura mais rigorosa e mais severa.” Isso sugeriria que a experiência do exílio levou Cícero a desenvolver uma nova cosmovisão, passando a escrever sobre temas mais complexos, mais capazes de satisfazer às profundas necessidades do ser humano. Entretanto, Everitt (2003: 178) argumenta que o fator decisivo para a mudança do foco literário de Cícero, em especial no final dos anos 50, foi a sua posição secundária no cenário político de Roma a partir da formação do primeiro Triunvirato. Ele começa a escrever suas obras políticas justamente como uma tentativa de alterar o curso dos acontecimentos, uma vez que agora não mais desempenhava um papel significativo na condução direta do Estado. Para a produção das obras dos anos 40, o Cícero sexagenário teve, além da reflexão favorecida pela maturidade, a motivação gerada pela recente Guerra Civil, pelos dois divórcios, pela incômoda percepção do esfacelamento da República e, sobretudo, pela morte da filha. Seja como for, o fato é que, ao longo dos séculos, a obra ciceroniana tem produzido frutos os mais abundantes.

Este corpo de obra manteve o nome de Cícero na vista do público durante o breve resto de sua vida como um homem de caráter e reflexão cuidadosa. Para a posteridade, tornou-se um veículo primário através do qual os empreendimentos da filosofia greco-romana foram comunicados à Igreja Cristã primitiva, que o considerava um pagão virtuoso, e ofereceu modelos essenciais aos pensadores e poetas da Renascença e àqueles que, nos séculos seguintes, estiveram interessados na renovação das ideias de governo republicano e na reafirmação dos princípios humanísticos. (EVERITT, 2003: 259).

Através desse breve exame da vida e da obra de Cícero, percebe-se quão grande homem ele foi. Um homem que soube usar seu talento para o benefício de si mesmo, da família, dos amigos e da pátria, que sempre lutou em defesa de seus projetos conciliadores, que externou seus pensamentos e suas emoções em cartas e livros a fim de transmiti-los àqueles que poderiam desfrutá-los de uma forma construtiva, educativa e transformadora. Sem dúvida, não foi um homem perfeito, mas um homem verdadeiramente humano.

1.2 - A epistolografia na Antiguidade greco-romana

...mas eu, visto que, quando leio a tua carta, pareço te ouvir, e quando te escrevo, pareço falar contigo, por isso me comprazo imensamente em cada carta mais longa que me escreves e eu mesmo, ao escrever, frequentemente sou mais extenso. (*ad Q. fr.*, I, 16, 45).

Ao longo dos séculos, a carta tem feito parte do cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo. Entretanto, em épocas mais remotas, vários fatores dentre os quais o elevado custo do material para se escrever e o desconhecimento da escrita por parte da maioria das pessoas impediam que a carta fosse amplamente empregada como meio de comunicação, fazendo com que se preferisse a utilização de um mensageiro que referisse oralmente as notícias do interesse de duas partes distantes. (SCARPAT, 1983: 474).

Embora o início histórico da utilização da carta não possa ser precisado, sabe-se que a expansão de seu uso vincula-se estritamente à invenção da escrita alfabética. Em um rico comentário acerca do impacto que o advento de tal escrita exerceu sobre a civilização grega, Wise (1998) afirma que a sua introdução na Grécia, ocorrida na metade do século VIII a.C. (cerca de 740 a.C.), deu início a uma notável mudança nos hábitos da população. Referindo-se a peças teatrais do século V a.C., ela faz uma afirmação que nos mostra que a escrita de cartas já constituía uma prática bem difundida nesse período histórico:

Tanto na encenação quanto na narração os personagens de dramas são representados lendo livros, enviando e recebendo cartas, escrevendo testamentos, interpretando oráculos escritos e leis, estudando textos escolares e escriturando registros e mais registros de testemunho no tribunal. (WISE, *ibidem*: 18).

Não obstante, segundo Cardinali (1929: 104), os documentos epistolares gregos mais antigos e “seguramente genuínos” que chegaram até nós são duas breves cartas do século IV a.C. escritas em placas de chumbo. O uso desse material, em época mais antiga, é significativo, pois, além da introdução da escrita alfabética, outro fator que favoreceu o crescimento do uso de cartas como meio de comunicação na Grécia foi a expansão do uso do papiro como material de escrita a partir do século III a.C. Segundo Irigoín (2001: 13), diferentemente dos suportes anteriormente usados para a escrita como, por exemplo, os tabletas de cera, as folhas

de papiro favoreciam a redação de composições mais extensas visto que podiam ser coladas umas às outras formando rolos.

A retórica, por sua vez, também deu um grande impulso à prática epistolar tanto na Grécia como em Roma, pois, conforme Hermann (1901: 14), ela "submeteu também a carta sob a sua influência". Um comentário esclarecedor sobre essa relação entre retórica e epistolografia é feito por Thaís Martin (2010: 26).

Apesar de a exposição dos preceitos da epístola não constar, em regra, nas artes retóricas antigas, o ensino deles, todavia, incidia nos chamados *progymnasmata*, isto é, naquele conjunto de cerca de doze exercícios que preparavam para os estudos de retórica o aluno que tinha concluído seus estudos de gramática. Um desses exercícios, chamado *ethopoía* ou *prosopopoía*, consistia na caracterização de personagens, onde o aluno tinha de compor uma fala adequada a algum caráter.

Observa-se, entretanto, que, mesmo com a projeção dada pela retórica à escrita de cartas, os antigos não chegaram a desenvolver uma verdadeira teoria epistolar. Por isso, a Enciclopédia Italiana aponta como melhor obra antiga que aborda a epistolografia a *Ars rhetorica* de Gaio Júlio Vítor, escrita somente no século IV d.C. De fato, nos dois últimos capítulos dessa obra, Vítor trata da conversação e da epístola, temas até então negligenciados pelos manuais de retórica. Em relação à epístola, ele a classifica em *negocialis* (negocial) e *familiaris* (familiar), trata sobre a natureza de cada uma dessas espécies epistolares e ressalta algumas das principais características de uma carta (brevidade, objetividade, clareza e adequação do discurso ao caráter do destinatário). Por fim, Vítor faz algumas recomendações bastante interessantes para a escrita de cartas no mundo romano:

É agradável acrescentar algo em grego às cartas, se não fizeres isso nem intempestiva nem frequentemente, e é muito conveniente usar um provérbio não desconhecido ou um versinho ou parte de verso. Não raro, é gracioso interpelar [o correspondente] como se [estivesse] presente, por exemplo ‘ei, tu’, ‘que dizes?’, ‘vejo-te rir’. Muitas coisas desse gênero há em M. Túlio. Mas essas coisas, como disse, nas cartas familiares, pois a severidade daquelas outras é maior. Em suma, lembrar-te-ás de falar bem tanto nas epístolas quanto em qualquer escrito.¹⁴

¹⁴ *Gaius Iulius Victor* (apud MARTIN, Thaís, 2010: 149).

A recomendação final de Vítor para que a carta seja redigida de forma bem elaborada nos leva a supor que, de fato, os antigos procuravam se esmerar na escrita epistolar. De acordo com Möller (2009: 19), mesmo as cartas de caráter particular

eram escritas em linguagem elaborada e em forma estilizada. As próprias cartas exílicas de Cícero, bem como as destinadas a Terência, que foram redigidas em situações de profundo desespero, preocupação e frustração, mostram uma linguagem um tanto requintada e adornada com recursos estilísticos, porque o seu próprio autor não podia negar completamente a si mesmo como escritor retórico culto nos textos escritos rapidamente.

A Antiguidade greco-romana nos deixou um legado de aproximadamente 15.000 cartas (SCARPAT, 1983: 483). Só de Libânio (314-393 d.C.), retor estoico de fala grega, natural de Antioquia, nos foram preservadas 1544 cartas¹⁵, sendo este o recordista nesse gênero na Antiguidade. As cartas de Cícero, segundo Constans (1934: 9), perfazem o total de 931, sendo que destas um pouco mais de 70 foram escritas não por ele, mas por alguns de seus correspondentes.

A carta antiga normalmente seguia uma fórmula bastante rígida. Em primeiro lugar, escrevia-se a saudação inicial com o nome do remetente em nominativo e o do destinatário em dativo (*Marcus Quinto fratri salutem*). Em seguida, vinha o texto da carta que geralmente se iniciava por uma expressão do tipo *si uales, bene est, ego ualeo* (se estás bem, isso é bom; eu passo bem) por extenso ou em sua forma abreviada (*s. u. b. e. e. u.*). Finalmente, inseria-se a saudação final por meio das expressões *uale, ualete*, usadas com o sentido do nosso “adeus”, *cura ut ualeas* (cuida para que estejas bem) ou outras de sentido equivalente. Como sinal de autenticidade, o remetente costumava escrever a saudação final de próprio punho, o que pode ser visto, por exemplo, em algumas epístolas paulinas no Novo Testamento.¹⁶

Os antigos escreviam cartas de quatro modos distintos. O primeiro consistia em escrever de próprio punho. Isso normalmente era feito por remetentes pobres, que não tinham ou não podiam contratar um escriba, e por pessoas ricas que desejassem evitar que um escriba, ao redigir-lhe a correspondência, tomasse conhecimento de assuntos estritamente reservados. O

¹⁵ MARTIN e PETIT. 1979, p. XI.

¹⁶ 1 *Coríntios* 16, 21: Saudação da minha própria mão, de Paulo; *Colossenses* 4, 18: Saudação de minha mão, de Paulo; 2 *Tessalonicenses* 3, 17: Saudação da minha própria mão, de mim, Paulo, que é o sinal em todas as epístolas; assim escrevo.

segundo modo de escrever uma carta era ditando-a *syllabatim*, ou seja, palavra por palavra, a um escravo ou a um escriba. Sobre isso, Cícero escreve a Ático: “Portanto, não ditei nem mesmo a Tirão, que costuma seguir passagens inteiras até o fim, mas a Espintaro palavra por palavra.”¹⁷ Como a escrita sobre o papiro era um trabalho lento e fatigante, a ação de ditar cartas era bastante cansativa e, por isso, geralmente as cartas ditadas tendiam a ser mais curtas do que as cartas autógrafas. Isso pode ser percebido nas seguintes palavras de Cícero a Ático: “Se eu mesmo tivesse escrito, a carta teria sido mais longa; mas ditei por causa da infecção dos olhos.”¹⁸ Também era possível fonecer por escrito ao redator, de forma sucinta, as ideias e as notícias a serem comunicadas, incumbindo-o de organizar e desenvolver o texto. Por fim, podia-se confiar a escrita de uma carta a um secretário ou a um amigo, dando-lhe prévia autorização para escrever em nome do remetente. Esse último modo de escrita epistolar nos esclarece as solicitações feitas por Cícero a Ático: “Se há aqueles aos quais achas que é preciso enviar cartas em meu nome, gostaria que as redigisses e cuidasses de enviá-las.”¹⁹; “...que me escrevas o mais claramente quanto possível e que em meu nome, como escreves, envies cartas a quem julgares ser necessário.”²⁰

Obviamente, os antigos já faziam a distinção entre carta particular e pública. A carta particular, de natureza reservada, destinava-se a um destinatário específico e pautava-se pela brevidade e por uma linguagem próxima do falar cotidiano. Seu conteúdo podia ser tão diversificado quanto o fossem as circunstâncias vivenciadas por seus remetentes, porém seus tipos básicos, como Cícero escreve a seu amigo Curião em 53 a.C., limitavam-se ao número de três.

Epistolarum genera multa esse non ignoras, sed unum illud certissimum, cuius causa inuenta res ipsa est, ut certiores faceremus absentis, si quid esset quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset. Huius generis litteras a me profecto non exspectas; domesticarum enim tuarum rerum domesticos habes et scriptores et nuntios, in meis autem rebus nihil est sane noui. Reliqua sunt epistolarum genera duo, quae me magnopere delectant, unum familiare et iocosum, alterum seuerum et grave. Vtro me minus deceat uti, non intellego. Iocerne tecum per litteras? Ciuem mehercule non puto esse, qui temporibus his ridere possit. An grauius aliquid scribam? Quid est quod possit grauiter a Cicerone scribi ad Curionem nisi de re publica? Atque in

¹⁷ *Ergo ne Tironi quidem dictaui, qui totas periochas persequi solet, sed Spintharo syllabatim.* (ad Att., 13, 25, 3)

¹⁸ *Si scriberem ipse, longior epistula fuisset, sed dictaui propter lippitudinem.* (ad Att., 7, 13).

¹⁹ *Si qui erunt quibus putes opus esse meo nomine litteras dari, uelim conscribas, curesque dandas.* (ad Att., III, 15, 8).

²⁰ *...quam planissime ad me scribas et meo nomine, ut scribis, litteras quibus putabis opus esse ut des.* (ad Att., III, 21).

hoc genere haec mea causa est, ut neque ea quae sentio audeam neque ea quae non sentio uelim scribere. (ad Fam., II, 4, 1)

Não ignoras haver muitos tipos de epístolas, mas o único mais certo é aquele por cuja causa a própria coisa foi inventada, para que informássemos os ausentes se ocorresse algo que eles soubessem que interessaria a nós ou a eles mesmos. Sem dúvida, não esperes cartas minhas deste tipo, pois de teus assuntos particulares tens tanto copistas quanto mensageiros domésticos, porém, nos meus assuntos absolutamente nada há de novo. Há outros dois gêneros de epístolas, que muito me agradam: o primeiro familiar e jocoso; o segundo sério e melancólico. Não sei qual dos dois me convenha usar menos. Gracejaria contigo através de cartas? Juro que não creio haver um cidadão que possa rir nestes tempos. Ou escreveria algo mais sério? O que há que poderia ser escrito seriamente por Cícero a Curião senão a respeito dos negócios públicos? Ora, dessa forma, esta minha situação é de tal modo que nem ousaria escrever o que sinto nem desejaria escrever o que não sinto.

Vê-se que Cícero aponta a existência do tipo de carta informativo, que objetivava colocar os ausentes a par de fatos e acontecimentos; o tipo familiar e jocoso, que expressava a alegria pessoal do remetente aos parentes e amigos nos momentos favoráveis; o tipo sério e melancólico, que visava a consolar os ausentes e prometer-lhes auxílio nas situações adversas.

As cartas públicas, por sua vez, eram aquelas que, mesmo sendo dirigidas a um destinatário determinado, objetivavam alcançar um círculo consideravelmente amplo de pessoas. Elas podiam ter finalidade política, doutrinária ou poética. Entre as de cunho político, incluem-se nove cartas de Isócrates, duas de Platão, duas de Salústio e quatro de Cícero. Estas últimas foram enviadas, respectivamente, a Pompeu (63 a.C.), na qual o autor se vangloria das realizações do próprio consulado; ao irmão Quinto (60 a.C.), objetivando mover os senadores no sentido de prorrogarem o mandato deste como propretor da província da Ásia; ao amigo Luceio, solicitando-lhe a escrita de uma monografia sobre a conspiração de Catilina com um destaque especial para o papel que ele, Cícero, desempenhara na desarticulação da mesma; a Júlio César (49 a.C.), na qual, percebendo a iminência de uma guerra civil, o orador se prontifica a agir em prol de uma reconciliação com Pompeu. Todas essas cartas constituíam uma forma de propaganda política e visavam à publicidade, visto que nas mesmas

o escritor, dirigindo-se a um alto expoente da vida pública, especifica as próprias convicções políticas e sociais na esperança de poder levar uma contribuição à pacificação da comunidade e à melhoria da situação; trata-se de cartas abertas com as quais se deseja influenciar não apenas o destinatário, mas também a opinião pública. (SCARPAT, 1983: 403).

Já entre as cartas públicas de caráter doutrinário, incluem-se as três cartas de Epicuro, as cartas do Novo Testamento, das quais se considera como estritamente privada somente a que foi escrita por Paulo a Filemom, e as cartas de Sêneca a Lucílio. Esse tipo de carta aborda temas filosóficos e morais e, embora seja endereçado a um indivíduo específico ou a uma comunidade, destina-se, de fato, a um grupo consideravelmente amplo.

O mundo antigo também nos deixou muitas cartas públicas que foram escritas com um objetivo poético. Tais cartas eram escritas em verso e possuíam um conteúdo diversificado. Dentre essas, destacam-se as *Epístulae ex Ponto*, escritas por Ovídio em quatro livros entre os anos 8-18 d.C., as *Heroides*, conjunto de vinte cartas compostas pelo mesmo Ovídio provavelmente antes do ano 1 a.C. como se tivessem sido escritas por amantes famosos (na maioria mulheres) a seus seres amados; e as 23 epístolas de Horácio.

Quanto à aceitação da epístola como um gênero literário, Martin e Gaillard (1990: 10) ressaltam que os antigos demoraram a se posicionar claramente. Esses autores observam que Quintiliano, ao elencar os gêneros presentes nas literaturas grega e latina no livro X de sua *Institutio oratoria*, apresenta oito gêneros comuns às duas literaturas: a epopéia, a poesia elegíaca, a poesia jâmbica, a poesia lírica, a poesia dramática, a história, a eloquência e a filosofia; e um gênero específico da literatura latina: a sátira. Como se vê, nenhuma menção é feita ao gênero epistolar por esse importante autor latino. Na mesma página, os autores também indicam que quem elevou a epístola à posição de texto literário foi Plínio, o Jovem, por ocasião da publicação de sua correspondência. Tal correspondência encontra-se dividida em dez livros dos quais o primeiro teria sido escrito em 96-97 d.C. e publicado em 97 d.C.²¹ Na primeira carta de tal livro, Plínio já expressa ao amigo Septício a intenção de proceder pessoalmente à publicação de suas epístolas.

Frequenter hortatus es ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non seruatō temporis ordine (neque enim historiam componebam), sed ut quaeque in manus uenerat. Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequii. Ita enim fiet ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et, si quas addidero, non supprimam. Vale. (Plin. Epist., I, 1).

Frequentemente, aconselhaste-me a reunir e publicar as epístolas, se as tivesse escrito um pouco mais esmeradamente. Reuni, embora não observando a ordem cronológica (pois não compunha uma história), mas

²¹ GUILLEMIN, 1961, p. XXVII.

segundo cada uma tinha vindo à mão. Basta que nem te arrependas dos conselhos nem me arrependa da obediência. Assim, pois, acontecerá de modo que aquelas que ainda jazem abandonadas eu procurarei e, quando as tiver juntado, não ocultarei. Adeus.

Na carta seguinte, motivado pelo sucesso de suas cartas junto à população, Plínio revela a outro amigo, Arriano, o seu interesse em publicar uma coleção das mesmas.

Nam quo magis intendam limam tuam, confitebor et ipsum me et contubernales ab editione non abhorre, si modo tu fortasse errori nostro album calculum adieceris. Est enim plane aliquid edendum, atque utinam hoc potissimum quod paratum est (audis desidia uotum)! edendum autem ex pluribus causis, maxime quod libelli quos emisimus dicuntur in manibus esse, quamuis iam gratiam nouitatis exuerint; nisi tamem auribus nostris bibliopolae blandiuntur. Sed sane blandiantur, dum per hoc mendacium nobis studia nostra commendent. (Plin. Epist., I, 2, 5-6).

Pois, para que eu reforço a tua repreensão, confessarei tanto a mim mesmo quanto aos companheiros que não sou contrário a uma edição, se, todavia, talvez aproves a minha incerteza. Portanto, algo deve ser publicado integralmente e permitam os deuses que, preferentemente, seja aquilo que está preparado (entendes um desejo de ociosidade)! Ora, deve ser publicado por muitos motivos, sobretudo porque dizem que os livrinhos que publiquei andam por todas as mãos, embora já tenham perdido a graça da novidade e os livreiros não me bajulem. Mas que bajulem inteiramente, contanto que, por tal fingimento, me encomendem os meus escritos.

No trecho da correspondência acima, deve-se notar o uso da palavra *libellus* que aparece na forma do nominativo plural *libelli*. Trata-se de uma palavra bastante polissêmica, como nos mostra o seu verbete no *Dicionário latino-português* de Ernesto Faria.

libellus, -i, subs. m. I – Sent. Próprio: 1) Opúsculo, escrito (de pouca extensão nas páginas ou no conteúdo); daí, vários sentidos: 2) Pequeno tratado (Cic. *De Or.* 1, 94). Com ideia pejorativa: 3) Livresco (T. Liv. 29, 12, 19). 4) Diário, agenda, jornal (Cic. *Phil.* 1, 16). 5) Petição, requerimento (Cíc. *At.* 16, 16, 4). 6) Memorial, notas, apontamentos (Cíc. *Arch.* 25). 7) Programa (Cic. *Phil.* 2, 97). 8) Cartaz, edital (Cic. *Quinct.* 50). 9) Carta, bilhete (Cic. *At.* 6, 1, 5). 10) Libelo, panfleto (Suet. *Aug.* 55).

Visto que a obra literária de Plínio, o Jovem, limita-se aos dez livros de cartas e ao *Panegyricus Traiani*, que teria sido publicado em 101 d.C.,²² pode-se entender que a palavra *libelli* refira-se a opúsculos que reuniam cartas escritas por ele e que passavam a ser tratadas como textos literários pertencentes a um gênero distinto dos outros até então reconhecidos

²² DURRY, 1964, p. 87.

pelos literatos. Não é sem motivo, portanto, que Martin e Gaillard chamam Plínio “o epistológrafo por excelência”.

Em séculos recentes, importantes estudiosos expressaram seus pontos de vista em relação à questão do caráter literário das cartas antigas. Gustave Lanson (*apud* MARTIN e GAILLARD, 1990: 455), por exemplo, fazia a distinção entre cartas verídicas, cuja escrita seria motivada pela imposição de uma necessidade relacionada ao cotidiano dos correspondentes e não por uma intenção artística, e cartas não-verídicas, unicamente preocupadas com a forma estética das expressões. Somente estas podem, segundo Lanson, constituir um gênero literário, enquanto aquelas se encontram destituídas de literariedade.

Outro estudioso que deu uma relevante contribuição para o debate em torno do gênero epistolar foi o alemão Adolf Deissmann (*apud* MARTIN e GAILLARD, *ibidem*: 455) o qual apresentou uma distinção entre carta e epístola. Para ele carta é uma comunicação escrita sem objetivos artísticos e estéticos que estabelece uma relação pessoal entre duas partes, enquanto a epístola caracteriza-se por se destinar a uma comunidade diretamente ou por meio de um destinatário individual e geralmente fictício. Logo, somente as epístolas possuiriam um caráter literário uma vez que as cartas, preocupando-se apenas com o caráter utilitário da comunicação para a resolução de algum problema, não são imbuídas de nenhuma pretensão artística.

Discordando tanto de Lanson quanto de Deissmann, Martin e Gaillard apresentam uma nova posição relativa à literariedade dos escritos epistolares. Para eles gênero literário é um tipo de discurso historicamente construído, de caráter universal e com uma função comunicativa específica. O que tradicionalmente se chamam gêneros eles denominam formas literárias, ou seja, as maneiras pelas quais os gêneros se realizam e das quais as obras literárias constituem a manifestação concreta. Os autores propõem uma classificação em que figuram quatro gêneros fundamentais: a) o gênero dramático, cuja função é representar uma ação e que se manifesta nas formas da tragédia, da comédia e do mimo; b) o gênero narrativo, que tem a função de narrar uma história, realizando-se nas formas da epopeia, do romance, da autobiografia, da historiografia e da fábula; c) o gênero demonstrativo, que se usa para descrever uma realidade ou para explicar um sistema ou uma doutrina e cujas formas são a poesia didática, o tratado e o diálogo; d) o gênero afetivo, que visa a exprimir um estado emocional e se manifesta por meio da poesia lírica, da bucólica, da elegia, da sátira e do

epigrama. A esses quatro gêneros os autores acrescentam o gênero circunstancial, cuja função é exercer uma ação (convencer, exortar, convidar, solicitar etc.) que visa a um resultado prático e que se manifesta através dos discursos oratórios e da carta. Os autores justificam a inclusão dos discursos oratórios e da epistolografia no gênero circunstancial, declarando que

a atividade oratória e a atividade epistolar pertencem por sua natureza não ao domínio da literatura, mas àquele da vida: elas fazem parte de ações cotidianas, e não basta escrever dez cartas por dia para se tornar um 'homem de letras'. Trata-se, portanto, de atividades que, sem dúvida, não estão desvinculadas da vida literária, uma vez que o 'discurso' escrito ou oral é a manifestação dela, mas que são, de certo modo, para-literários (...) ligados à ação, discursos e cartas têm igualmente em comum o fato de serem textos fundamentalmente 'circunstanciais' ou 'ocasionais', cuja redação não se concebe fora de ocasiões determinadas e, nesse caso, determinantes. (MARTIN e GAILLARD, *ibidem*: 14-15).

Mais à frente, demonstrando ter plena consciência de que cada gênero abrange a maior parte dos outros, pelo menos em condição embrionária, ou autores declaram serem a eloquência e a epistolografia “gêneros sintéticos”, visto que nelas se encontram todos ou quase todos os gêneros e "não apenas no estado embrionário como nos outros". Após exemplificar esse fato no tocante ao orador, eles asseveram:

Quanto ao epistológrafo, ele também se aventura em quase todos os gêneros. A *Correspondência* de Plínio, o Jovem, mostra isso suficientemente. Nela, encontram-se cartas afetivas, lamentando a morte de um amigo ou expressando a alegria diante desse ou daquele acontecimento, cartas narrativas (por exemplo, ao primeiro chefe, as duas missivas a Tácito sobre a erupção do Vesúvio), cartas demonstrativas (explicando particularmente as concepções literárias do autor). Mais do que nunca estamos aqui na confluência dos gêneros, e menos do que nunca devemos nos esquecer de sua propensão a se combinar e a se interpenetrar. (MARTIN e GAILLARD, *ibidem*: 17)

Os estudiosos posicionam-se definitivamente em relação ao assunto, declarando que julgam pertencer ao gênero epistolar qualquer texto, independentemente de seu conteúdo, extensão ou estilo, iniciado e terminado segundo a fórmula habitualmente utilizada na redação de cartas em Roma. Assim, eles reconhecem o caráter literário tanto das cartas que foram escritas com vistas à uma publicação quanto daquelas cujo autor não tinha em mente publicá-las, tanto das que objetivavam tratar de questões relacionadas à vida cotidiana de pessoas reais quanto daquelas que abordavam temas e personagens ficcionais.

1.3 - Transmissão das cartas de Cícero

Conforme o poder de compreensão do leitor, os livros têm o seu destino.²³

Este capítulo visa a mostrar como as cartas de Cícero foram transmitidas da Antiguidade até os nossos dias. O estudo dessa transmissão é relevante, pois possibilita o acompanhamento da trajetória de um dos grandes escritos da literatura antiga, fortalecendo, assim, sua apreciação e valorização. Inicialmente, aborda-se a publicação dessas cartas na Antiguidade; em seguida, vê-se a sua tradição manuscrita; por fim, são elencadas algumas de suas principais edições impressas.

1.3.1 Publicações na Antiguidade

1.3.1.1 *Ad Familiares*

Deve-se considerar Tirão, liberto e secretário particular de Cícero, o responsável pela primeira edição, em volumes separados, das cartas aos familiares (a parentes e amigos). De fato, *ad Att.*, XIII, 6, 3, escrita em 45 a.C., dá a entender que Tirão guardava as cartas que Cícero enviava aos amigos: “Ainda que me peças a carta que escrevi a Bruto, não tenho a cópia dela; mas, apesar de tudo, está conservada, e Tirão diz ser conveniente que tu a tenhas”. No mesmo ano, Cícero escreveu a seu liberto sobre a intenção deste em agrupar as cartas de seu amo em rolos (*volumina*): “Vejo o que fazes; queres que as tuas cartas também sejam colocadas em rolos.” Constans (1934: 13) sugere que a primeira publicação de *ad Familiares* teria ocorrido no reinado de Augusto (29 a.C.-14 d.C.), visto que a primeira citação de um trecho dessas cartas (*ad Fam.*, XV, 19, 4) se encontra em Sêneca, o Retor, que escrevia durante o governo de Tibério, ocorrido de 14-37 d.C.

²³ Verso 1286 da obra *De litteris, de syllabis, de Metris* do gramático latino *Publius Terentianus Maurus*.

1.3.1.2 *Ad Atticum*

Não se sabe ao certo quem foi a pessoa encarregada da primeira publicação das cartas de Cícero ao seu melhor amigo. Entretanto, conforme Cornélio Nepos (*Att.*, XVI, 2-3), Ático possuía onze volumes de cartas que Cícero lhe escrevera.

Cícero o amou de uma forma especial, de modo que nem mesmo o irmão Quinto teria sido mais caro ou mais familiar para ele. Ademais, como prova disso, existem aqueles livros que foram publicados, onze volumes de cartas enviadas a Ático desde o seu consulado até o seu momento derradeiro, nos quais ele faz menção desse amor.

Possivelmente, o conteúdo desses onze volumes era diferente dos dezesseis livros que nos foram transmitidos. Exemplo disso, é o fato de que *ad Att.*, I possui onze cartas anteriores ao período do consulado de Cícero, porquanto a correspondência ciceroniana que chegou até os dias atuais iniciou-se em 68 a.C. e encerrou-se em 43 a.C., ano da morte do orador. Importa observar, ainda, que os mesmos manuscritos que transmitiram as cartas a Ático também contêm três livros a Quinto e vinte cartas a Bruto.

Embora também não se saiba a data precisa da primeira publicação das cartas a Ático, Constans (1934: 10) indica ter ela ocorrido antes do ano 66 d.C., pois nesse ano, Sêneca, o Jovem, cita *ipsis verbis* uma passagem de *ad Att.*, I. 16, 5, salientando que a mesma se encontra no livro primeiro das cartas de Cícero a Ático.²⁴

1.3.2 Tradição manuscrita

1.3.2.1 *Ad Familiares*

Não é possível precisar quando se formou a coleção de dezesseis livros de cartas aos familiares. Purser (1901: prefácio) sugere que Tirão tenha feito a primeira edição livro a livro; em seguida, por volta do século IV ou V teriam aparecido volumes compostos de quatro livros cada e, finalmente, antes do século IX, os livros assumiram a forma octonária. Segundo

²⁴ [Ciceronis epistularum ad Atticum liber primus] ‘Accessuit ad se, promisit, intercessit, dedit. Iam uero (o di boni, rem perditam!) etiam noctes certarum mulierum atque adulescentulorum nobilium introductiones non nullis iudicibus pro mercedis cumulo fuerunt.’ (Sen., *Epist.*, 97, 3-4).

Constans (1934: 15), o título *Epistolae ad familiares*, atribuído a essa coleção, aparece pela primeira vez em 1526 na edição impressa de Robert Etienne.

O principal manuscrito relacionado a *Ad Familiares* é o *Mediceus* 49, 9 (M), escrito em minúscula carolina e datado do século IX ou X. Ele se encontra na Biblioteca Laurenciana e é o único que contém os dezesseis livros de cartas aos familiares, sendo valorizado tanto por sua idade quanto por sua fidelidade. A maioria de suas incorreções é considerada, segundo Watt (1982: 1), simples erros *scribendi*, ou seja, erros inerentes ao próprio ato de escrever. O manuscrito M contém correções feitas por várias mãos e que se classificam do modo seguinte:

M¹ - correções feitas pelos próprios copistas.

M² - correções feitas entre os séculos X-XII.

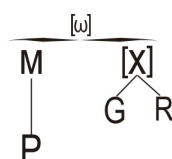
M³ - correções posteriores a 1392, ano em que se copiou, a partir de M, o *Mediceus* 49, 7 (P).

Entretanto, além de M e de seu descendente P, há outros manuscritos que contêm cartas de Cícero aos familiares e que, de acordo com Constans (1934: 17-21), formam três classes distintas de M. A primeira (X) relaciona-se aos livros I a VIII das cartas; a segunda e a terceira (Y, Z), aos livros IX a XVI.

Os manuscritos da classe X são: 1) o *Harleianus* 2773 (G), datado do século XII e que se encontra no Museu Britânico; 2) o *Parisinus* 17812 (R), datado do mesmo século e conservado na Biblioteca Nacional da França. Embora não tendo o mesmo valor de M, esses manuscritos, intimamente aparentados entre si, são relevantes pelo fato de conservarem algumas lições omitidas em M.

A relação genealógica dos manuscritos usados no estabelecimento de *ad Fam.* I-VIII é representada por Constans (1934: 17) através do seguinte estema:

ESTEMA 1- Relação genealógica dos manuscritos relacionados a *Fam.* I-VIII



Além de M, P e os testemunhos da classe X, há três fragmentos relacionados aos livros I-VIII de *Ad Familiares*: o *Freierianum* (S), datado provavelmente do século XII e que contém algumas cartas do capítulo II, concordando ora com M, ora com GR; o *Hamburgense* (I), datado provavelmente do mesmo século e que contém uma pequena parte do livro V, também concordando às vezes com M, às vezes com GR; o *Taurinensis* (T), que consiste na folha de um palimpsesto do século VI, apresentando *ad Fam.*, VI, 9 e a maior parte da décima carta do mesmo livro.

A segunda classe (Y), relacionada aos livros IX a XVI de *Familiares*, é formada por três manuscritos: 1) o *Harleianus* 2682 (H), que se encontra no Museu Britânico, sendo datado do século XI; 2) o *Berolinensis* 252 (F), datado do século XII-XIII e conservado na Biblioteca de Berlim; 3) o *Palatinus* 598 (D), conservado na Biblioteca do Vaticano e datado da segunda metade do século XV. Mesmo não tendo a mesma autoridade de M, esses manuscritos são importantes, pois, formando uma classe diferente da que é representada por M, eles possibilitam, em muitos pontos, o preenchimento de lacunas existentes em M.

Por sua vez, a classe (Z) é representada por vários testemunhos do século XV que foram descartados por alguns editores por serem considerados contaminados. O principal deles é manuscrito 14761 (V), conservado na Abadia de Saint-Victor, em Marselha. Constans admite a importância desse testemunho para a fixação tanto do texto das cartas contidas nos livros IX-XVI quanto do *Commentariolum petitionis*²⁵, que se encontra em H, F e V, mas não em M. Além disso, sendo descendente de Z, irmão de Y, o testemunho V é importante para nosso entendimento da tradição direta das cartas de Cícero aos familiares. Além de V, a classe Z contém, ainda, os manuscritos *Parisinus* 7783, o qual parece ter sido copiado do mesmo modelo de V e talvez pelo mesmo copista, o *Dresdensis* 112 e o *Oxoniensis Canonicianus* 210.

Comentando a relação das classes Z e Y com o manuscrito M, Constans (1934: 21) declara:

Tem-se a impressão que as classes Z e Y procedem de um ancestral comum [χ]²⁶ situado sobre o mesmo plano que M, mas que Z é uma derivação mais

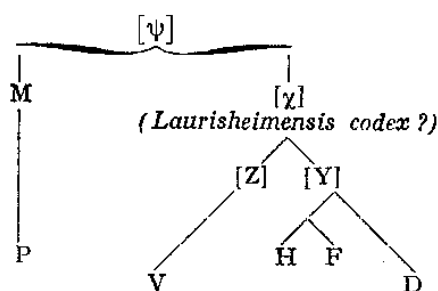
²⁵ Texto supostamente escrito por Quinto para instruir seu irmão Cícero quanto aos procedimentos a serem adotados na campanha para o consulado em 64 a. C.

²⁶ Constans (1934: 22), observa que χ pode ser um dos manuscritos das cartas de Cícero que a biblioteca do convento de São Nazário, na cidade de Lorsch, Alemanha, conservava no século X.

direta dele. Em Y, há corrupções das quais Z testemunha que χ é isento ou que nele elas se encontravam em uma fase inferior de desenvolvimento. Convém acrescentar que D, mesmo sendo posterior à H em mais de três séculos, representa uma tradição claramente melhor que HF; em muitos pontos, HF corrige, com relativa habilidade, o lugar onde D nos dá, muitas vezes com V, uma lição errônea, mas fiel e próxima da lição do arquétipo.

Portanto, segundo o editor francês a relação genealógica dos manuscritos utilizados para o estabelecimento do texto de *ad Fam.* IX-XVI pode ser vista pelo estema abaixo.

ESTEMA 2 – Relação genealógica dos manuscritos relacionados a Fam. IX-XVI



1.3.2.2 *Ad Atticum*

A descoberta das cartas a Ático é atribuída a Petrarca, o qual, em 1345, na cidade de Verona, encontrou um manuscrito (*Veronensis*) que as continha. O próprio Petrarca fez uma cópia desse manuscrito, porém, tanto essa cópia quanto o *Veronensis* se perdeu.

Os manuscritos relacionados às cartas a Ático, Quinto e Bruto dividem-se em itálicos e transalpinos.

A) Manuscritos itálicos

Alguns estudiosos dividiam os códices descobertos na Itália em duas classes, indicadas, respectivamente, pelos símbolos Δ e Σ . Entretanto, na opinião de Constans (1934: 28), “os manuscritos Italianos das cartas a Bruto, Quinto e Ático não representam, propriamente falando, duas tradições manuscritas distintas, mas uma única tradição complexa; eles se repartem não em duas classes, mas em três Δ , Σ e Π [...]”. Neste trabalho, segue-se o

posicionamento adotado por Constans. A seguir, vê-se a formação das três classes por ele indicadas.

a) Classe Δ

O principal testemunho desta classe é o *Mediceus* 49,18 (M), copiado em 1393 sob o comando de Pasquino de'Capelli a pedido de Coluccio Salutati, chanceleres de Milão e de Florença, respectivamente. Este manuscrito porta correções de várias mãos, as quais se classificam da seguinte forma:

M^2 - Correções feitas por Coluccio Salutati com o auxílio de outros testemunhos de Δ .

M^3 - Correções feitas, após 1406, por Niccolò Niccoli, amigo de Salutati, a partir do *codex Pistoriensis*, atualmente desaparecido, que continha apenas as cartas a Bruto, a Quinto e os sete primeiros livros de cartas a Ático.

M^4 - Correções de valor apenas conjectural feitas por Leonardo Bruni após a morte de Niccoli, ocorrida em 1437.

Além de M, o grupo Δ conta com mais quatro representantes, todos datados do século XV: O *Berolinensis* 168 (b); o *Laurentianus* 217 (d); o *Berolinensis* 166 (m); o *Urbinas* 322 (s). Esses manuscritos são independentes de M e muito inferiores a ele, possuindo valor desigual: o melhor deles é m, que concorda frequentemente com M^2 , enquanto o pior é s cuja maior parte das variantes consiste em conjecturas humanistas.

b) Classe Σ

A classe Σ apresenta como principal componente o *codex Ambrosianus* (E), que se encontra na Biblioteca Ambrosiana, em Milão, datado da primeira metade do século XIV, sendo o mais antigo manuscrito das cartas a Ático, contendo, todavia, apenas uma seleção de cartas a Ático, Quinto e Bruto repartida em onze livros. Ao lado de E, a classe Σ abarca uma família de mais quatro testemunhos: O *Parisinus* 8536 (P) e o *Parisinus* 8538 (R), datados do século XV e conservados na Biblioteca Nacional da França, sendo R considerado superior a P; o *Taurinensis lat.* 495 (O) e o *Palatinus* 1510 (V) igualmente datados de século XV, sendo ambos incompletos: o primeiro não apresenta os livros XIII-XVI, enquanto o segundo contém apenas os livros I-III e algumas cartas dos livros IV, V e IX.

c) Classe II

Esta classe constitui-se de três manuscritos principais datados do final do século XIV ou início do século XV: o *Parisinus* 16248 (G), conservado na Biblioteca Nacional da França, sendo útil apenas para a colação dos primeiros cinco livros de cartas a Ático e para as cartas a Bruto e a Quinto; o *Landianus* 8 (H), conservado na Biblioteca de Plaisance, Paris, sendo utilizado por Constans apenas para a colação das cartas a Ático VI, 1, 8 a VII, 22, 2; o *Laurentianus* 49 (N), da Biblioteca Laurenciana, em Florença, repleto de incorreções, sendo usado por Constans apenas para preencher as lacunas de H nos livros VI e VII das cartas a Ático. Anteriormente, esses manuscritos eram considerados membros da classe Σ , porém, como observa Constans (1934: 34), “seu acordo bastante frequente seja com Δ , seja com M¹ convida a separá-los de Σ ; o número importante de lições que lhes são próprias leva a reconhecer-lhes uma relativa autonomia.”

d) O arquétipo Ω

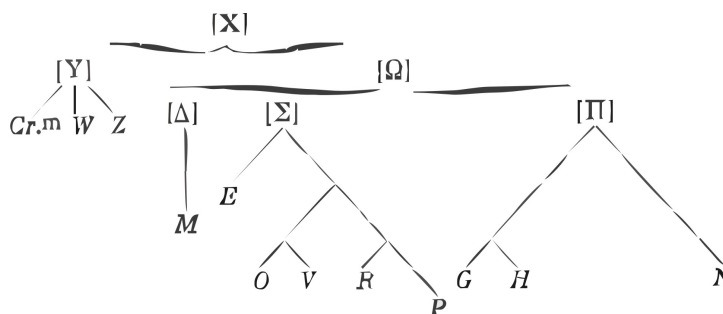
Ω , arquétipo do qual procedem as classes Δ , Σ e Π , é apresentado por Constans (1934: 34-38), o qual levanta a hipótese de que se trata do próprio *Veronensis* encontrado por Petrarca em 1345 e aponta as suas principais características: o fato de ter sido escrito em *scripta continua*; conter numerosas abreviações; ter sido copiado por um escriba que desconhecia o grego.

B) Manuscritos transalpinos

Além dos códices italianos referidos na seção anterior, Constans (1934: 38-39) apresenta um grupo formado por alguns manuscritos franceses e alemães quase completamente desaparecidos. Esse grupo inclui o *Wurceburgensis* (W), manuscrito fragmentário da cidade de Wurzburg, Alemanha, datado do século XI, e que contém algumas cartas de *Att.* VI, X e XI; o *Tornesianus* (Z), que pertenceu a um impressor de Lyon morto em 1564.

Todos os manuscritos italianos, franceses e alemães relacionados às cartas a Ático, a Quinto e a Bruto derivam de um mesmo arquétipo (X). Assim, para Constans (1934: 40), a genealogia desses manuscritos pode ser vista no estema seguinte:

ESTEMA 3 – Relação genealógica dos manuscritos relacionados a At., a Q. fr. e a Br.



3.3 Edições impressas

QUADRO 2 - Principais edições impressas das cartas de Cícero

Ano	Editor	Local
1470	Jenson, N.	Veneza
1470	Pannartz, A.; Sweynheim, K.	Roma
1513	Manuzio, A.	Veneza
1511	Ascensius, J. B.	Paris
1526	Etienne, R.	Paris
1527	Pio, G. B.	Bologna
1528	Cratander, A.	Basileia
1534	Herwagen, J.	Basileia
1536	Victorius, P.	Veneza
1540	Manuzio, P.	Veneza
1554	Corallus, S.	Paris
1565	Lambino, D.	Paris
1594	Iunius, F.	Heidelberg
1618	Gruter, J.	Hamburgo
1684	Graevius, J. G.	Amsterdã
1775	Ernesti, J. A.	Hasse an der Saale (Alemanha)
1809-11	Schütz, C. G.	Leipzig
1826-32	Bentivoglio, F.	Milão
1831	Orelli, J. C.	Zurique
1836	Billerbeck, I.	Hannover
1854	Klotz, R.	Leipzig
1845-63	Orelli, J. C.; Baiter, J. G.; Halm, K. F.	Zurique
1865	Boot, I. C. G.	Amsterdã
1867	Baiter, J. G.; Kayser, K. L.	Leipzig
1872	Wesenberg, A. S.	Leipzig
1879-86	Tyrrell, R. Y.	Dublin
1889-1900	Shuckburgh, E. S.	Londres
1895	Hofmann, F.; Andresen, G.	Berlim
1890-1933	Tyrrell, R. Y.; Purser, L. C.	Dublin
1893	Mendelssohn, L.	Leipzig
1893	Schmidt, O.S.	Leipzig
1898	Hofmann, F.; Sternkopf, W.	Berlim
1898	Müller, K. F. W.	Leipzig
1901-1903	Purser, L. C.	Oxford
1916-29	Sjögren, H.	Uppsala (Suécia)
1934	Constans, L. -A.	Paris
1950, 1951	Moricca, U.	Turim
1965	Watt, W. S.	Oxford
1977	Baylei, D. R. S.	Cambridge
1987	Baylei, D. R. S.	Stuttgart

No período renascentista, Cícero foi um dos autores clássicos que mais despertou o interesse dos estudiosos. Com a invenção da imprensa, por volta de 1440, ampliou-se enormemente a divulgação dos trabalhos desses estudiosos através da publicação de um grande número de edições da obra ciceroniana, particularmente da sua correspondência. Concentradas em sua grande parte na Europa e, em menor escala, nos Estados Unidos, essas edições têm trazido uma importante contribuição para a realização de estudos em diversas áreas do conhecimento como, por exemplo, a História, o Direito, a Filosofia e a Literatura. Nota-se a inexistência de edições e de traduções significativas das cartas de Cícero em português, fato que denuncia a necessidade da intensificação dos empreendimentos filológicos e tradutórios nos países lusófonos.

As edições que figuram no quadro acima foram elencadas com base em quatro importantes editores do século XX - Constans (1934); Purser (1965); Watt (1982) e Baylei (1977 e 1987). A natureza delas é bastante variada. Algumas contemplam somente as cartas aos familiares, como a de Mendelssohn; outras, as cartas a Ático, como a de Sjögren, outras, as cartas a Bruto, a Quinto e a Ático, como a de Jenson, e outras, como a de Baylei, se ocupam de todos os destinatários. Algumas trazem o prefácio em latim, como a de Watt; outras, semelhantemente à do alemão Billerbeck, o trazem na língua vernácula do editor. Algumas apresentam o texto das cartas somente em latim, como a de Purser; outras apenas no vernáculo do editor, como a de Shuckburgh, e uma o apresenta em ambos - Constans (1934); algumas cobrem todo o período da correspondência ciceroniana, como a do próprio Constans; outras fazem um recorte temporal, como a de Schmidt que contempla a correspondência de Cícero desde o proconsulado na Cílicia (51 a. C.) até o assassinato de Júlio César (44 a.C.).

Ao final desse capítulo, tendo sido vistas as publicações originais das cartas de Cícero, sua tradição manuscrita e suas edições impressas, percebe-se que elas realmente superaram as barreiras do tempo, que poderiam impedir sua transmissão até os dias atuais, e se constituíram, ao longo dos séculos, em um dos documentos antigos mais lidos e estudados. O trabalho de inúmeros copistas, bem como de muitos filólogos dedicados e talentosos proporciona aos leitores modernos o acesso a esses documentos, frutos dos tempos, das ideias e das emoções de seu autor.

PARTE 2

2.1 - Comentário sobre a tradução

Traduzir é sempre uma tarefa muito complexa, principalmente quando se trata de documentos de mais de dois mil anos cuja produção se deu em um ambiente cultural completamente diverso daquele em que vive o tradutor. Por conseguinte, quem se dedica a uma tradução deve decidir entre as duas abordagens que o professor e teórico da tradução italiano Bruno Osimo denomina *modernizante* e *historicizante*. Esta fica o mais próximo possível do prototexto ou texto de partida; aquela, por sua vez, lança mão de todos os recursos considerados legítimos para facilitar a compreensão do leitor ou ouvinte do metatexto ou texto de chegada. Segundo o professor, “a primeira pode ser considerada mais adaptada para fins de entretenimento, porque cansa menos o leitor, dando-lhe um texto mais facilmente utilizável. A segunda é mais adaptada para aumentar o conhecimento, da parte do leitor, de culturas diferentes da própria.” (OSIMO, 2008: 6).

No presente trabalho, adota-se como prototexto a edição das cartas de Cícero feita por Constans (1950). Optou-se por uma tradução o mais historicizante quanto possível, evitando, contudo, a apresentação de um texto árido para um leitor moderno. Os antropônimos e os topônimos foram traduzidos na forma aportuguesada do nome latino, mas observa-se que: 1) Os prenomes abreviados como, por exemplo, M. e P., são traduzidos por extenso (Marco, Paulo/Públio); 2) os antropônimos citados em forma simples no prototexto, como *Piso*, são assim mantidos no metatexto, fornecendo-se o nome completo em nota (*Gaius Calpurnius Piso Frugil/Lucius Calpurnius Piso Caesoninus*) para que se evitem possíveis ambiguidades; 3) quando o topônimo tem um nome diferente na atualidade, o mesmo é fornecido em nota. Manteve-se a estrutura formal da epístola latina ao invés da que se adota atualmente. Entretanto, as datas são traduzidas devido à relativa complexidade do modo de datação na Roma antiga. A saudação inicial nas cartas a Ático (*Cícero Attico salutem*), presente na maioria das edições, mas não verificada na edição de Constans, foi inserida a fim de sempre se mostrar ao leitor a fórmula que os antigos romanos usavam na redação epistolar. Os numerais romanos que abrem as cartas indicam a sequência em que elas são dispostas neste trabalho e a referência entre parênteses indica onde elas se encontram no epistolário ciceroniano. Feitos esses esclarecimentos, apresentam-se as cartas traduzidas a partir da próxima página.

I – (*Ad Att.*, III, 1)

*Scr. in uilla quadam (?)
ex. m. Marl. a. 696/58.*

Cícero Attico salutem

Cum antea maxime nostra interesse arbitrar te esse nobiscum, tum uero, ut legationem, intellexi ad iter id quod constitui nihil mihi optatius cadere posse quam ut tu me quam primum consequare, ut, cum ex Italia profecti essemus, siue per Epirum iter esset faciendum, tuo tuorumque praesidio uteremur, siue aliud quid agendum esset, certum consilium de tua sententia capere possemus. Quamobrem te oro des operam ut me statim consequare; facilius potes quoniam de prouincia Macedonia perlata lex est. Pluribus uerbis tecum agerem nisi pro me apud te res ipsa loqueretur.

I – (*Ad Att.*, III, 1)

*Escrita em certa vila (?),
no final de março de 58.*

Cícero saúda Ático

Antes eu pensava ser do meu máximo interesse que estivesses comigo. Mas, quando li o projeto de lei, entendi que, quanto à viagem que planejei, o mais conveniente para mim é que me sigas sem demora para que, ao deixar a Itália, se a viagem tiver de ser feita através do Epiro,²⁷ eu desfrute da proteção tua e dos teus parentes, mas se ela tiver de ser feita por outro lugar, eu possa tomar uma decisão segura conforme tua opinião. Por isso, rogo-te que te esforces para me seguir logo. Podes fazê-lo mais facilmente, pois a lei acerca da província da Macedônia foi aprovada. Trataria contigo com mais palavras se a própria situação não falasse a meu favor diante de ti.

²⁷ Província ocidental da Grécia. Atual Albânia.

II – (*Ad Att.*, III, 3)

*Scr. ex itinere inter Capuam et Nares
Lucanas in. m. Apr. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

Vtinam illum diem uideam cum tibi agam gratias quod me uiuere coegisti! adhuc equidem ualde me paenitet. Sed te oro ut ad me Vibonem statim uenias quo ego multis de causis conuerti iter meum. Sed eo si ueneris, de toto itinere ac fuga mea consilium capere potero. Si id non feceris, mirabor; sed confido te esse facturum.

II – (*Ad Att.*, III, 3)

*Escrita no caminho entre Capua e Nares da
Lucânia, início de abril de 58.*

Cícero saúda Ático

Tomara que eu veja o dia em que te agradeça por teres me forçado a viver! De fato, ainda me arrependo muito. Mas, rogo-te que venhas logo ao meu encontro em Vibão²⁸ para onde mudei o meu trajeto por muitas razões. Mas se fores para lá, poderei tomar uma decisão sobre toda a viagem e sobre o meu exílio. Se não fizeres isto, estranharei. Porém, estou certo que hás de fazê-lo.

²⁸ Cidade da costa ocidental da Calábria. Atual Bivona.

III – (*Ad Att.*, III, 2)

Scr. Naribus Lucanis VI. Id.
Apr. a. 696/58.

Cicero Attico salutem

Itineris nostri causa fuit quod non habebam locum ubi pro meo iure diutius esse possem quam fundum Siccae, praesertim nondum rogatione correctae, et simul intellegebam ex eo loco, si te haberem, posse me Brundisium referre, sine te autem non esse nobis illas partes tenendas propter Autronium. Nunc, ut ad te antea scripsi, se ad nos ueneris, consilium totius rei capiemus. Iter esse molestum scio, sed tota calamitas omnes molestias habet. Plura scribere non possum; ita sum animo perculso et abiecto. Cura ut ualeas. Data VI. Idus Aprilis Naribus Luc.

III – (*Ad Att.*, III, 2)

Escrita em Naris da Lucânia,²⁹
8 de abril de 58.

Cícero saúda Ático

A causa da minha viagem foi que, sobretudo porque a lei ainda não foi reformulada, eu não tinha um lugar onde pudesse estar por mais tempo no interesse do meu direito do que a propriedade de Sica³⁰ e, ao mesmo tempo, entendia que, se te tivesse comigo, dali eu poderia alcançar Brundísio. Mas, por causa de Autrônio,³¹ não devemos entrar naquelas regiões sem ti. Ora, como antes te escrevi, se vieres a mim, tomarei uma decisão sobre toda a situação. Sei que a viagem é árdua; mas toda calamidade contém todas as moléstias. Não posso escrever mais: estou com a alma abatida e desanimada. Cuida-te para que estejas bem. Enviada em 8 de abril, de Naris da Lucânia.

²⁹ Desfiladeiro localizado entre a província da Lucânia e o Brútio (Calábria)

³⁰ Nada mais se sabe sobre ele.

³¹ *Publius Autronius Paetus* fora cônsul em 65 a. C. e, depois, se aliara a Catilina. Em 58, encontrava-se exilado no Epiro e poderia querer se vingar de Cícero caso o encontrasse.

IV – (*Ad Att.*, III, 5)

Scr. Thuriis IV. Id. Apr. a. 696/58.

Cicero Attico salutem

Terentia tibi et saepe et maximas agit gratias. Id est mihi gratissimum. Ego uiuo miserrimus et maximo dolore conficior. Ad te quid scribam nescio. Si enim es Romae, iam me adsequi non potes; sin es in uia, cum eris me adsecutus, coram agemus quae erunt agenda. Tantum te oro ut, quoniam me ipsum semper amasti, ut eodem amore sis; ego enim idem sum. Inimici mei mea mihi, non me ipsum ademerunt. Cura ut ualeas. Data III. Idus April. Thuri.

IV – (*Ad Att.*, III, 5)

Escrita em Túrio³², 10 de abril de 58.

Cícero saúda Ático

Terência te agradece de forma frequente e efusiva. Isso me é muito agradável. Vivo extremamente infeliz, sendo oprimido por uma enorme aflição. Não sei o que te escrever. Se, de fato, estás em Roma, já não podes me alcançar, mas se estás a caminho, quando tiveres me alcançado, trataremos pessoalmente das coisas a serem feitas. Apenas te rogo que, como sempre amaste a mim mesmo, assim estejas com o mesmo amor, pois eu sou o mesmo. Meus inimigos confiscaram os meus bens, não a mim mesmo. Cuida-te para que estejas bem. Enviada em 10 de abril, de Túrio.

³² Cidade da Magna Grécia (sul da península itálica).

V – (*Ad Att.*, III, 4)

Scr. ex itinere inter Vibonem et Thurios Id.
Apr. (?) a. 696/58.

Cicero Attico salutem

Miseriae nostrae potius uelim quam inconstantiae tribuas quod a Vibone quo te arcessebamur subito discessimus. Allata est enim nobis rogatio de pernicie mea; in qua quod correctum esse audieramus erat eiusmodi ut mihi ultra quadringenta milia liceret esse, illoc peruenire non liceret. Statim iter Brundisium uersus contuli ante diem rogationis, ne et Sicca apud quem eram periret et quod Melitae esse non licebat. Nunc tu propera ut nos consequare, si modo recipiemur. Adhuc inuitamur benigne, sed quod superest timemus. Me, mi Pomponi, ualde paenitet uiuere; qua in re apud me tu plurimum ualulisti. Sed haec coram. Fac modo ut uenias.

V – (*Ad Att.*, III, 4)

Escrita no caminho entre Vibão e Túrio, 13
de abril (?) de 58.

Cícero saúda Ático

Gostaria que atribuísse mais à minha infelicidade do que à minha inconstância o fato de eu ter partido subitamente de Vibão para onde te chamava. Tive notícias do projeto de lei sobre a minha condenação. O que ouvi ter sido reformulado nele era que eu só teria o direito de morar a uma distância acima de quatrocentas milhas; não me era permitido chegar lá. Imediatamente, tomei o caminho para Brundísio³³ antes do dia da lei para que Sica, meu hospedeiro, não estivesse em apuros e também porque não me era permitido estar em Melita.³⁴ Agora, apressa-te em me alcançar, se eu for acolhido. Ainda sou recebido generosamente, mas temo o que está por vir. Meu Pompônio, arrependo-me muito de viver. Nisso tiveste mais influência junto a mim. Mas, tratemos disso pessoalmente. Apressa-te em vires.

³³ Cidade portuária da Calábria, Itália. Atual Brindisi.

³⁴ Ilha do Mediterrâneo, atual Malta.

VI – (*Ad Att.*, III, 6)

Scr. de Tarentino XIV Kal. Mai. 696/58.

Cicero Attico salutem

Non fuerat mihi dubium quin te Tarenti aut Brundisii uisurus essem idque ad multa pertinuit, in eis et ut in Epiro consisteremus et de reliquis rebus tuo consilio uteremur. Quoniam id non contigit, erit hoc quoque in magno numero nostrorum malorum. Nobis iter est in Asiam, maxime Cyzicum. Tibi meos commendo. Me uix misereque sustento. Data XIII, Kal. Maias de Tarentino.

VI – (*Ad Att.*, III, 6)

Escrita em Tarento, 17 de abril de 58.

Cícero saúda Ático

Eu não tinha dúvidas de que te veria em Tarento ou em Brundísio. Isto era importante para muitas coisas, entre elas que nos reuníssemos no Epiro e eu consultasse a tua opinião sobre o que falta ser decidido. Já que tal não ocorreu, também isso estará no grande número dos meus males. Minha viagem é para a Ásia, precisamente para Cízico.³⁵ A ti confio os meus. Mantenho-me de forma dificultosa e infeliz. Enviada em 17 de abril, de Tarento.

³⁵ Cidade que ficava na Mísia, região sudoeste da Ásia Menor (Turquia). Nome atual Marmarameeres.

VII – (*Ad Att.*, III, 7)

Scr. Brundisii pr. Kal. Mai. a. 696/58.

Cicero Attico salutem

1. Brundisium ueni a.d. XIII. Kal. Maias. Eo die pueri tui mihi a te litteras reddiderunt, et alii pueri post diem tertium eius diei alias litteras attulerunt. Quod me rogas et hortaris ut apud te in Epiro sim, uoluntas tua mihi ualde grata est et minime noua. Sed consilium mihi quidem optatum, si liceret ibi omne tempus consumere (odi enim celebritatem, fugio homines, lucem aspicere uix possum; esset mihi ista solitudo, praesertim tam famíliari in loco, non amara), si itineris causa, ut deuorterer, primum est deuium, deinde ab Autronio et ceteris quadridui, deinde sine te. Nam castellum munitum habitanti mihi prodesset, transeunti non est necessarium. Quod si auderem, Athenas peterem. Sane ita cadebat ut uellem. Nunc et nostri hostes ibi sunt et te non habemus et ueremur ne interpretentur illud quoque oppidum ab Italia non satis abesse nec scribis quam ad diem te exspectemus.

2. Quod me ad uitam uocas, unum efficis ut a me manus abstinenceam, alterum non potes ut me non nostri consilii uitaeque paenitat. Quid enim est quod me retineat, praesertim si spes ea non est quae nos proficiscentis prosequatur? Non faciam ut enumerem miseras omnis in quas incidi per summam iniuriam et scelus non tam inimicorum meo-

VII – (*Ad Att.*, III, 7)

Escrita em Brundísio, 29 de abril de 58.

Cícero saúda Ático

1. Cheguei a Brundísio em 17 de abril. Nesse dia, os teus moços trouxeram-me uma carta tua. Dois dias depois, outros moços trouxeram outra carta. Como me pedes insistentemente que esteja na tua casa no Epiro, a tua vontade me é muito agradável e em nada estranha. Sobretudo porque ocorreria em um lugar tão familiar, esse retiro não me seria penoso, pois odeio a multidão, evito os homens e vivo com dificuldade. Mas, de fato, esse plano seria desejável se me fosse permitido passar todo o tempo ali e se a razão da viagem para me hospedar contigo fosse porque o lugar é retirado, fica a quatro dias distante de Autrônio e dos outros e porque estou sem ti. De fato, uma fortaleza me seria útil se eu a habitasse, não se apenas passasse por ela. Se pudesse, iria para Atenas. É o meu grande desejo. Mas meus inimigos estão lá, não tenho a ti, temo que essa cidade também não seja considerada longe o bastante da Itália e não me escreves para qual dia te esperar.

2. Visto que me chamas à vida, fazes com que não me mate, mas não podes evitar que me arrependa por ter decidido viver. Na verdade, o que me impede, sobretudo se a esperança que me seguia quando parti já não existe? Para não revolver minha tristeza nem

rum quam inuidorum, ne et meum maerorem exagitem et te in eundem luctum uocem; hoc adfirmo, neminem umquam tanta calamitate esse adfectum, nemini mortem magis optandam fuisse. Quoius oppetendae tempus honestissimum praetermissum est; reliqua tempora sunt non iam ad medicinam sed ad finem doloris.

3. De re p. uideo te colligere omnia quae putes aliquam spem mihi posse adferre mutandarum rerum. Quae quamquam exigua sunt, tamen, quoniam placet, exspectemus.

Tu nihilo minus si properaris nos consequere; nam aut accedemus in Epirum aut tarde per Candauiam ibimus. Dubitationem autem de Epiro non inconstantia nostra adferbat sed quod de fratre ubi eum uisuri essemus nesciebamus; quem quidem ego nec modo ut uisurus nec ut dimissurus sim scio. Id est maximum et miserrimum mearum omnium miseriarum.

Ego et saepius ad te et plura scriberem, nisi mihi dolor meus cum omnis partis mentis tum maxime huius generis facultatem ademisset. Videre te cupio. Cura ut ualeas. Data pr. Kal. Mai. [Brundisi proficiscens].

gerar em ti a mesma aflição, não enumerarei todos os males em que caí devido à extrema injustiça e ao crime, mais dos invejosos do que dos meus inimigos. Mas afirmo: jamais alguém foi acometido por tão grande mal; para ninguém a morte foi mais desejável. Foi-se a hora mais adequada para eu agarrá-la! As horas futuras já não são para o alívio, mas para o fim da dor.

3. Sobre o quadro político, vejo que recolhes tudo que julgas que pode me trazer alguma esperança de mudança da situação. Mesmo que isso seja pouco, porém, como te apraz, estou aguardando.

Se te apressares, me alcançarás, pois ou entrarei no Epiro ou irei lentamente pela Candávia.³⁶ A dúvida sobre o Epiro não é gerada pela minha inconstância, mas porque eu não sei onde verei meu irmão. De fato, não sei como o verei nem como me despedirei dele. Essa é a maior e a mais miserável de todas as minhas misérias.

Escrever-te-ia mais amiúde e mais longamente se a minha dor não tivesse me privado não só de todas as funções da razão, mas principalmente dessa habilidade específica. Anseio por ver-te. Cuida para que estejas bem. Enviada em 29 de abril, quando eu partia de Brundísio.

³⁶ Região montanhosa da Dalmácia pela qual se pegava o caminho de Dirráquio para Tessalônica.

VIII – (*Ad Fam.*, XIV, 4)

Scr. Brundisii pr. Kal Mai. a. 696/58.

Tullius s. d. Terentiae
et Tulliae et Ciceroni suis.

1. Ego minus saepe do ad uos litteras quam possum, propterea quod cum omnia mihi tempora sunt misera, tum uero, cum aut scribo ad uos aut uestras lego, conficior lacrimis sic ut ferre non possim. Quod utinam minus uitae cupidi fuissetus! Certe nihil aut non multam in uita mali uidissetus. Quod si nos ad aliquam alicuius commodi aliquando recuperandi spem fortuna reseruauit, minus est erratum a nobis; si haec mala fixa sunt, ego uero te quam primum, mea uita, cupio uidere et in tuo complexu emori, quoniam neque dii, quos tu castissime coluisti, neque homines, quibus ego semper seruiui, nobis gratiam rettulerunt.

2. Nos Brundisii apud M. Laenium Flaccum dies XIII fuimus, uirum optimum, qui periculum fortunarum et capitis sui prae mea salute neglexit neque legis improbissimae poena deductus est quo minus hospitii et amicitiae ius officiumque praestaret. Huic utinam aliquando gratiam referre possimus! habebimus quidem semper.

3. Brundisio profecti sumus a.d. II. K. Mai.; per Macedoniam Cyzicum petebamus.

O me perditum, o afflictum! Quid nunc rogem te ut uenias, mulierem aegram et cor-

VIII – (*Ad Fam.*, XIV, 4)

Escrita em Brundísio, 29 de abril de 58.

Túlio saúda os seus:
Terência, Túlia e Cícero.

1. Eu vos escrevo cartas com menos frequência do que posso, porque, já que todos os meus momentos são tristes, desfaço-me em lágrimas quando vos escrevo ou leio as vossas cartas, de modo que não consigo redigir. Ah se eu fosse menos apaixonado pela vida! Por certo pouco ou nenhum mal eu veria na vida. Porque, se o destino me reservou a esperança de um dia recuperar alguma comodidade, estou menos enganado; se estes males são inevitáveis, eu quero, sim, minha vida, ver-te o quanto antes e morrer em teus braços, pois nem os deuses, que cultuaste com extrema piedade, nem os homens, aos quais sempre servi, nos favoreceram.

2. Por treze dias estive em Brundísio, na casa de Marco Lênio Flaco,³⁷ homem excelente, que, para me proteger, desprezou o risco de seus bens e de sua pessoa, nem se abateu pela sanção da perversa lei, para que prestasse menos hospitalidade, afeto e senso de justiça. Que um dia eu possa retribuí-lo. Por certo, o estimarei para sempre.

3. Parti de Brundísio em 29 de abril. Vou para Cízico através da Macedônia.

Estou perdido! Estou destruído! Como te pediria para vires, ó mulher abatida no corpo

³⁷ *Marcus Laenius Flaccus*, cavaleiro romano que possuía muitos terrenos em Brundísio.

pore et animo confectam? Non rogem? Sine te igitur sim? Opinor, sic agam: si est spes nostri reditus, eam confirmes et rem adiuues; sin, ut ego metuo, transactum est, quoquo modo potes ad me fac uenias. Vnum hoc scito: si te habebo, non mihi uidebor plane perisse. Sed quid Tulliola mea fiet? Iam id uos uidete; mihi deest consilium. Sed certe, quoquo modo se res habebit, illius misellae et matrimonio et famae seruiendum est. Quid? Cicero meus quid aget? Iste uero sit in sinu semper et complexu meo. Non queo plura iam scribere; impedit maeror. Tu quid egeris nescio, utrum aliquid teneas an, quod metuo, plane sis spoliata.

4. Pisonem, ut scribis, spero fore semper nostrum. De familia liberata nihil est quod te moueat. Primum tuis ita promissum est, te facturam esse ut quisque esset meritus; est autem in officio adhuc Orpheus, praeterea magnopere nemo; ceterorum seruorum ea causa est ut, si res a nobis abisset, liberti nostri essent, si obtinere potuissent; sin ad nos pertinerent, seruirent praeterquam oppido pauci. Sed haec minora sunt.

5. Tu quod me hortaris ut animo sim magno et spem habeam recuperandae salutis, id uelim sit eius modi ut recte sperare possimus. Nunc miser quando tuas iam litteras accipiam? Quis ad me perferet? Quas ego exspectassem Brundisii, si esset licitum per

e na alma? Não pediria? Viveria, então, sem ti? Penso em fazer isto: se há esperança do meu retorno, que a consolides e fortaleças o movimento; mas se, como temo, tudo se acabou, faz o que podes para vires a mim. Sabe apenas que, se estiveres comigo, nem tudo me parecerá perdido. Mas, o que será feito de minha Tuliuzinha? Decidam isso logo; não tenho plano algum. Mas, de fato, seja como for que a situação se mostrar, o casamento e a honra dessa pobrezinha devem ser preservados. O que? Meu querido Cícero o que fará? Que ele esteja sempre nos meus braços e no meu coração! Já não posso escrever mais: a tristeza me impede. Não sei como tens passado; se tens alguma provisão ou se, como temo, estás em total carência.

4. Como escreves, espero que Pisão³⁸ esteja sempre entre nós. Sobre a alforria dos servos, nada há de te afligir. Primeiro foi prometido aos teus que farás segundo o mérito de cada um. Mas, Orfeu³⁹ ainda cumpre o seu dever; além dele, ninguém muito. O caso dos outros servos: se o lance estiver além das minhas posses, serão meus libertos se pagarem o valor fixado. Do contrário, serão meus e me servirão, salvo os poucos que estão na cidade. Isto, porém, são detalhes.

5. Tu me exortas a confiar totalmente e a ter esperança de voltar do exílio. Queria que,

³⁸ *Gaius Calpurnius Piso Frugi*, primeiro esposo de Túlia, era questor em 58. Faleceu em 58 ou em 57, durante o exílio do sogro.

³⁹ Um escravo de Cícero.

nautas, qui tempestatem praetermittere noluerunt. Quod reliquum est, sustenta te, mea Terentia, ut potes honestissime. Viximus, floruimus; non uitium nostrum sed uirtus nostra nos adflixit; peccatum est nullum, nisi quod non una animam cum ornamentis amisimus. Sed si hoc fuit liberis nostris gratius nos uiuere, cetera, quamquam ferenda non sunt, feramus. Atque ego, qui te confirmo, ipse me non possum.

6. Clodium Philhetaerum, quod ualetudine oculorum impediabatur, hominem fidelem, remisi. Salustius officio uincit omnes. Pescennius est perbeneuolus nobis; quem semper spero tui fore obseruantem. Sicca dixerat se mecum fore sed Brundisio discessit. Cura, quod potes, ut ualeas et sic existimes, me uehementius tua miseria quam mea commoueri. Mea Terentia, fidissima atque optima uxor, et mea karissima filiola et spes reliqua nostra, Cicero, ualete. Pr. K. Mai. Brundisio.

de fato, eu pudesse ter razão em esperar. Agora, infeliz, quando enfim receberei uma carta tua? Quem seria o portador? Eu a teria esperado em Brundísio se fosse permitido pelos marinheiros, que não quiseram deixar passar o bom tempo. Quanto ao mais, minha Terência, não desanimes: és capaz de viver dignamente. Vivi feliz e obtive prestígio. Não o meu defeito, mas a minha virtude me afligiu. Não cometi crime algum salvo o de não renunciar à vida com encantos. Mas, se o fato de eu viver foi mais agradável aos meus filhos, suportarei os outros males, ainda que insuportáveis. E eu, que te animo, não posso animar a mim mesmo.

6. Mandei de volta Clódio Filheteiro,⁴⁰ homem fiel, pois era estorvado por uma enfermidade visual. Salústio⁴¹ supera a todos em deferência. Pescênio⁴² me quer muito bem. Espero que sempre receba o teu reconhecimento. Sica dissera que ficaria comigo, mas partiu de Brundísio. Cuida, visto que podes, para que estejas bem e crê que estou mais fortemente abalado pela tua dor do que pela minha. Adeus a ti, minha Terência, a mais fiel e a melhor esposa; a ti, minha caríssima filhinha; e a ti, Cícero, minha esperança restante. Brundísio, 29 de abril.

⁴⁰ Nada mais se sabe a respeito dele.

⁴¹ *Gneu Sallustius*, fiel e dedicado amigo de Cícero, que o acompanhou até Brundísio. Em 50, foi questor na Síria para onde lhe foi enviada *ad Fam.*, II, 17. Também é citado em *ad At.*, XI, 20, escrita no ano 47.

⁴² Não se sabe mais nada sobre ele.

IX – (*Ad Att.*, III, 8)

Scr. Thessalonicae IV.
Kal. Iun. a. 696/58.

Cicero Attico salutem

1. Brundisio proficiscens scripseram ad te quas ob causas in Epirum non essemus profecti, quod et Achaia prope esset plena audacissimorum inimicorum et exitus difficilis haberet cum inde proficisceremur. Accessit, cum Dyrrachii essemus, ut duo nuntii adferrentur, unus classe fratrem Epheso Athenas, alter pedibus per Macedoniam uenire. Itaque illi obuiam misimus Athenas ut inde Thessalonicam ueniret. Ipsi processimus et Thessalonicam a. d. x. Kal. Iunias uenimus neque de illius itinere quicquam certi habebamus nisi eum ab Epheso ante aliquanto profectum.

2. Nunc istic quid agatur magnopere timeo; quamquam tu altera epistula scribis Idibus Maiis audire fore ut acrius postularetur, altera iam esse mitiora. Sed haec est pridie data quam illa, quo conturbor magis. Itaque cum meus me maeror cotidianus lacerat et conficit, tum uero haec addita cura uix mihi uitam reliquam facit. Sed et nauigatio perdifficilis fuit et ille incertus ubi ego essem fortasse alium cursum petiuit. Nam Phaetho lib. eum non uidit: uento reiectus ab illo in Macedoniam Pellae mihi praesto fuit.

IX – (*Ad Att.*, III, 8)

Escrita em Tessalônica,
29 de maio de 58.

Cícero saúda Ático

1. Quando eu partia de Brundísio, escrevi-te sobre as razões pelas quais não fui para o Epiro. De fato, a Acaia⁴³ próxima estaria cheia dos mais audazes inimigos e eu enfrentaria uma saída difícil ao partir de lá. Somou-se que, quando estava em Dirráquio,⁴⁴ recebi duas notícias. Uma dizia que meu irmão ia de Éfeso⁴⁵ para Atenas por mar; a outra, que ele ia por terra pela Macedônia. Então, escrevi-lhe uma carta e a enviei a Atenas para que ele viesse dali para Tessalônica. Adiantei-me a ele e cheguei aqui em 23 de maio. Não tinha nada seguro sobre sua viagem a não ser que saíra de Éfeso havia pouco.

2. Agora, temo bastante o que ocorre. Embora em outra carta de 15 de maio escrevas ter ouvido que ele será duramente processado, em outra dizes que a situação já se acalmou. Mas, esta foi escrita um dia antes daquela, razão pela qual estou mais agitado. Assim, já que a minha tristeza diária me dilacera e me oprime, esse cuidado adicional dificilmente deixa para mim uma vida futura. Mas a travessia foi muito difícil e ele, sem saber ao certo onde eu estivesse, talvez

⁴³ Grécia.

⁴⁴ Cidade portuária do Epiro. Atual Durazzo.

⁴⁵ Cidade da Ásia Menor, famosa por seu templo de Diana

Reliqua quam mihi timenda sint uideo nec quid scribam habeo et omnia timeo, nec tam miserum est quicquam quod non in nostram fortunam cadere uideatur. Equidem adhuc miser in maximis meis aerumnis et luctibus hoc metu adiecto maneo Thessalonicae suspensus nec audeo quicquam.

3. Nunc ad ea quae scripsisti. Tryphonem Caecilium non uidi. Sermonem tuum et Pompeii cognoui ex tuis litteris. Motum in re p. non tantum ego impendere uideo quantum tu aut uides aut ad me consolandum adfers. Tigrane enim neglecto sublata sunt omnia. Varroni me iubes agere gratias. Faciam; item Hypsaeo. Quod suades ne longius discedamus dum acta mensis Maii ad nos perferantur, puto me ita esse facturum, sed ubi nondum statui; atque ita perturbatum animo de Quinto ut nihil queam statuere; sed tamen statim te faciam certiore.

4. Ex epistularum mearum inconstantia puto te mentis meae motum uidere qui, etsi incredibili et singulari calamitate adflictus sum, tamen non tam est ex miseria quam ex culpa nostrae recordatione commotus. Cuius enim scelere impulsus ac proditi simus iam profecto uides, atque utinam iam ante

tenha tomado outro rumo. Por isso, o liberto Faetonte,⁴⁶ afastado dele devido ao vento, não o viu e esteve ao meu serviço em Pela.⁴⁷ A que ponto deva temer o restante, vejo que não tenho o que escrever e temo tudo e que nem tão mísero é algo que não pareça ocorrer em minha sina. De fato, ainda triste, me detenho em Tessalônica, lançado por este medo nas minhas máximas provações e dores e não me atrevo a nada.

3. Tratemos, agora, do que me escreveste. Não vi Trifão Cecílio.⁴⁸ Eu soube da tua fala com Pompeu por tua carta. Não vejo tanto o início de uma mudança no quadro político como tu vês ou anuncias para me consolar. Pois, se Tigranes⁴⁹ for desprezado, tudo se perde. Pedes que agradeça a Varrão⁵⁰ e o farei. O mesmo se aplica a Hipseu.⁵¹ De fato, orientas que não me afaste demais até saber das ações do mês de maio. Acho que assim farei, mas ainda não decidi onde ficarei. Estou tão agitado por causa de Quinto que nada posso decidir. Mas logo te informarei.

4. Creio que, pela inconstância das minhas cartas, vês a agitação da minha mente e que, embora eu esteja aflito por uma tragé-

⁴⁶ Nome de um libertos de Quinto.

⁴⁷ Porto da Macedônia, pátria de Filipe e de Alexandre.

⁴⁸ Libertos do tio de Ático. Nessa época, estava a serviço de Ático.

⁴⁹ Tendo vencido a guerra do Ponto, Pompeu trouxera à Roma o filho de Tigranes, rei da Armênia, e o confiara à guarda do pretor *Lucius Flavius*, mas os homens de Clódio o raptaram. Seguiu-se um combate no qual morreu *M. Papirius*, amigo de Pompeu. Este se irritou contra Clódio, passando a se aproximar do Senado. Era a oportunidade de Cícero pedir o apoio de Pompeu contra Clódio e ele o fez através de uma carta cuja cópia, conforme *ad Att.*, III, 8, 4, foi enviada a Ático.

⁵⁰ *Marcus Terentius Varro Reatinus*, filósofo e erudito, amigo de Cícero e de Ático.

⁵¹ *Publius Plautius Hypsaeus*, aliado de Pompeu, foi eleito edil em 58.

uidisses neque totum animum tuum maerori mecum simul dedisses! Quare cum me afflictum et confectum luctu audies, existimato me stultitiae meae poenam ferre grauius quam euenti, quod ei crediderim quem esse nefarium non putarim. Me et meorum malorum maeror et metus de fratre in scribendo impedit. Tu ista omnia uide et governa. Terentia tibi maximas gratias agit. Litterarum exemplum quas ad Pompeium scripsi misi tibi. Data III. Kal. Iunias Thessalonicae.

dia singular e inaudita, estou menos abalado pela adversidade do que pela lembrança do meu erro. Pois, por crime de quem fui impedido e exilado, já percebes claramente;⁵² e tomara já antes tivesses percebido e não tivesses rendido toda a tua alma ao desespero junto comigo! Logo, ao ouvires que sou afligido e consumido pela dor, julga que sofro mais gravemente a punição da minha estultícia que a do ocorrido: o fato de ter crido no que não julguei ser um criminoso. A dor dos meus males e o temor sobre o meu irmão me impedem de escrever. Vê e administra tudo isso. Terência é muito grata a ti. Envio-te uma cópia da carta que escrevi a Pompeu. Enviada em 29 de maio, de Tessalônica.

⁵² Alusão a Hortêncio. (cf. *ad Att.*, III, 9, 2).

X – (*Ad Att.*, III, 9)

Scr. Thessalonicae Id.
Iun. a. 696/58.

Cicero Attico salutem

1. Quintus frater cum ex Asia discessisset ante Kal. Maias et Athenas uenisset Id. Mai., ualde fuit ei properandum, ne quid absens acciperet calamitatis, si quis forte fuisset qui contentus nostris malis non esset. Itaque eum malui properare Romam quam ad me uenire et simul (dicam enim quod uerum est, ex quo magnitudinem miserationum mearum perspicere possis) animum inducere non potui ut aut illum, amantissimum mei, mollissimo animo, tanto in maerore aspicerem, aut meas miseras luctu adflictus et perditam fortunam illi offerrem aut ab illo aspici paterer. Atque etiam illud timebam, quod profecto accidisset, ne a me digredi non posset. Versabatur mihi tempus illud ante oculos quom ille aut lictores dimitteret aut ui auelleretur ex complexu meo. Huius acerbitatis euentum altera acerbitate non uidendi fratris uitauit. In hunc me casum uos uiuendi auctores impulistis. Itaque mei peccati luo poenas.

2. Quamquam me tuae litterae sustentant, ex quibus quantum tu ipse speres facile perspicio, quae quidem tamen aliquid habebant solacii ante quam eo uenisti a Pompeio: “Nunc Hortensium allice et eiusmodi uiros.” Obsecro, mi Pomponi, nondum perspi-

X – (*Ad Att.*, III, 9)

Escrita em Tessalônica,
13 de junho de 58.

Cícero saúda Ático

1. Como o irmão Quinto partiu da Ásia antes de primeiro de maio e chegou a Atenas no dia quinze do mesmo mês, ele teve de se apressar muito para que, mesmo fora de Roma, não sofresse uma desventura se, por acaso, houvesse alguém que não julgasse os meus males suficientes. Assim, preferi que ele fosse rápido para Roma a que viesse me encontrar e também (pois direi a verdade, para que possas ver quão grande é o meu mal) não pude aceitar a possibilidade de, sendo muito ligado a mim e dotado de grande sensibilidade, vê-lo em tamanha tristeza; ou que eu, dilacerado pela dor, mostrasse-lhe as minhas mazelas e o meu estado de desespero ou sofresse ao ser visto por ele. Ademais, temia o que por certo ocorreria se ele viesse: não conseguiria se afastar de mim. Passava-me diante dos olhos a hora em que ele despedia os seus lictores e era tirado à força dos meus braços. Evitei o efeito dessa amargura com a outra amargura de não ver meu irmão. Vós, defensores da vida, me induzistes a esse mal. Logo, pago as penas do meu erro.

2. Embora a tua carta me encoraje, por ela vejo facilmente como tinhas esperanças (seja como for, ela continha algum alívio)

cis quorum opera, quorum insidiis, quorum scelere perierimus? Sed tecum haec omnia coram agemus; tantum dico quod scire te puto, nos non inimici sed invidi perdiderunt. Nunc si ita sunt quae speras, sustinebimus nos et spe qua iubes nitemur; sin ut mihi uidentur firma sunt, quod optimo tempore facere non licuit minus idoneo fiet.

3. Terentia tibi saepe agit gratias. Mihi etiam unum de malis in metu est, fratris miseri negotium; quod si sciam quouismodi sit, sciam quid agendum mihi sit. Me etiam nunc istorum beneficiorum et litterarum expectatio, ut tibi placet, Thessalonicae tenet. Si quid erit noui adlatum, sciam de reliquo quid agendum sit. Tu si, ut scribis, Kal. Iuniis Roma profectus es, propediem nos uidebis. Litteras quas ad Pompeium scripsi tibi misi. Data Id. Iun. Thessalonicae.

antes de chegares com isso da parte de Pompeu: “Agora ganhe Hortêncio e os homens do tipo dele”. Ora, dize-me, meu Pompônio: ainda não entendes por obra de quem, por armadilhas de quem e por crime de quem nos arruinamos? Porém, tratarei de tudo isto contigo pessoalmente. Só digo o que acho que sabes: não os inimigos, mas os invejosos me arruinaram. Agora, se assim estão as coisas que esperas, defendamo-nos e nos apoiemos na esperança que ordenas. Mas se, como me parece, são seguras, o que não se pôde fazer em hora mais oportuna se tornará menos recomendável.

3. Terência te agradece frequentemente. De todos os males ainda há um a temer: os negócios do meu pobre irmão. Se soubesse como ele está, saberia o que fazer. A espera de teus favores e de tuas cartas ainda me retém em Tessalônica segundo a tua vontade. Se algo de novo for anunciado, saberei o que deve ser feito sobre o restante. Se, como me escreves, saíste de Roma em 1º de junho, logo me verás. Envio-te a carta que escrevi a Pompeu. Enviada em 13 de junho, de Tessalônica.

XI – (*Ad Q. Fr.*, I, 3)

Scr. Thessalonicae Id.
Iun. a. 696/58.

Marcus Quinto fratri salutem.

1. Mi frater, mi frater, mi frater, tune id ueritus es ne ego iracundia aliqua adductus pueros ad te sine litteris miserim aut etiam ne te uidere noluerim? Ego tibi irascerer, tibi ego possem irasci? Scilicet, tu enim me afflixisti, tui me inimici, tua me inuidia ac non ego te misere perdi. Meus ille laudatus consulatus mihi te, liberos, patriam, fortunas, tibi uelim ne quid eripuerit praeter unum me. Sed certe a te mihi omnia semper honesta et iucunda ceciderunt, a me tibi luctus meae calamitatis, metus tuae, desiderium, maeror, solitudo. Ego te uidere noluerim? Immo uero me a te uideri nolui. Non enim uidisses fratrem tuum, non eum quem reliqueras, non eum quem noras, non eum quem flens flentem, prosequentem proficiscens dimiseras, ne uestigium quidem eius nec simulacrum sed quandam effigiem spirantis mortui. Atque utinam me mortuum prius uidisses aut audisses, utinam te non solum uitae sed etiam dignitatis meae superstitem reliquisses!

2. Sed testor omnes deos me hac una uoce a morte esse reuocatum, quod omnes in mea uita partem aliquam tuae uitae repositam esse dicebant; qua in re peccaui scelera- teque feci. Nam si occidissem, mors ipsa

XI – (*Ad Q. fr.*, I, 3)

Escrita em Tessalônica,
13 de junho de 58.

Marco saúda o irmão Quinto.

1. Meu irmão, meu irmão, meu irmão! Acaso temeste que, irado, eu tivesse te enviado escravos sem cartas ou ainda que não tivesse desejado te ver? Eu me irritar contigo? Como poderia me irritar contigo? Por certo, pois de fato me afligiste. Foram os teus inimigos, a tua infelicidade que miseramente me arruinaram, não eu a ti. O meu famoso consulado tirou-me irmão, filhos, pátria e bens. Gostaria que a ti nada tivesse tirado salvo eu apenas. Mas, certamente, da tua parte tudo que me veio sempre foi honroso e agradável; da minha parte para ti, a dor do meu mal, o medo do teu próprio, a saudade, a solidão, a tristeza. Eu não quis te ver? Pelo contrário, não quis ser visto por ti, pois não terias visto o teu irmão: não o que deixaste, não o que conheceste, não o que caminhava em lágrimas quando tu, ao partir choroso, dele te despediste. De fato, não terias visto nem traço nem imitação daquele, mas a imagem de um morto vivo. Ah se tivesses me visto morto ou ouvido falar da minha morte! Ah se eu tivesse te deixado sobrevivente à minha vida, bem como à minha dignidade!

2. Mas tomo todos os deuses por testemunhas de que apenas esta fala dita por to-

meam pietatem amoremque in te facile defenderet; nunc commisi ut uiuo me careres, uiuo me aliis indigeres, mea uox in domesticis periculis potissimum occideret quae saepe alienissimis praesidio fuisset. Nam quod ad te pueri sine litteris uenerunt, quoniam uides non fuisse iracundiam causam, certe pigritia fuit et quaedam infinita uis lacrimarum et dolor. **3.** Haec ipsa me quo fletu putas scripsisse? Eodem quo te legere certe scio. An ego possum aut non cogitare aliquando de te aut umquam sine lacrimis cogitare? Cum enim te desidero, fratrem solum desidero? Ego uero suauitate [prope fratrem prope] aequalem, obsequio filium, consilio parentem. Quid mihi sine te umquam aut tibi sine me iucundum fuit? Quid, quod eodem tempore desidero filiam? qua pietate, qua modestia, quo ingenio! effigiem oris, sermonis, animi mei. Quid filium uenustissimum mihi que dulcissimum? quem ego ferus ac ferreus e complexu dimisi meo, sapientiorum puerum quam uellem; sentiebat enim miser iam quid ageretur. Quid uero tuum filium, quid imaginem meam, quem meus Cicero et amabat ut fratrem et iam ut maiorem fratrem uerebatur? Quid, quod mulierem miserrimam, fidelissimam coniugem, me prosequi non sum passus, ut esset quae reliquias communis calamitatis, communes liberos tueretur?

4. Sed tamen, quoquo modo potui, scripsi et dedi litteras ad te Philogono, liberto tuo,

dos me afastou da morte: que uma parte da tua vida repousava sobre a minha vida. Por isso errei e agi criminosamente, pois, se tivesse morrido, a própria morte facilmente defenderia a minha devoção e o meu amor perante ti. Mas agi de modo que, mesmo eu vivendo, sintas falta; mesmo eu vivendo, precisas dos outros. Minha voz, que amiúde fora uma proteção para estranhos, teria se calado exatamente nos perigos para os de casa. Assim, a razão porque os servos foram a ti sem carta, já que vês não ter sido devido à ira, por certo foi a indisposição gerada pela profusão de lágrimas e pela dor. **3.** Imaginas com que choro redigi esta carta? Com o mesmo que, por certo, sei que a lêes. Algum dia, posso não pensar em ti ou pensar em ti sem chorar? Ao sentir a tua falta, apenas de um irmão sinto falta? De fato, pela tua suavidade, sinto a falta de um companheiro; pela tua obediência, de um filho; pela tua prudência, de um pai. Em algum momento já houve deleite para mim sem ti ou para ti sem mim? Ademais, também sinto falta de minha filha? Que devoção, que modéstia, que inteligência! Ela é o retrato do meu rosto, do meu jeito de falar e de pensar. E quanto ao meu filho tão belo e querido? Esse menino, que eu, rude e insensível, tirei dos meus braços, pois, pobre dele, mais sábio do que eu queria, já sentia o que se passava. E quanto ao teu filho, meu retrato, que meu Cícero amava como a um irmão e já venera-

quas credo tibi postea redditas esse; in quibus idem te hortor et rogo, quod pueri tibi uerbis meis nuntiarunt, ut Romam protinus pergas et properes. Primum enim te praesidio esse uolui, si qui essent inimici quorum crudelitas nondum esset nostra calamitate satiata; deinde congressus nostri lamentationem pertimui; digressum uero non tulissem atque etiam id ipsum quod tu scribis metuebam ne a me distrahi non posses. His de causis hoc maximum malum quod te non uidi, quo nihil amantissimis et coniunctissimis fratribus acerbius, miserius uidetur accedere potuisse, minus acerbum, minus miserum fuit quam fuisset cum congressio tum uero digressio nostra.

5. Nunc si potes, id quod ego qui tibi semper fortis uidebar non possum, erige te et confirma, si qua subeunda dimicatio erit. Spero, si quid mea spes habet auctoritatis, tibi et integritatem tuam et amorem in te ciuitatis et aliquid etiam misericordiam nostri praesidii laturam; sin eris ab isto periculo uacuuus, ages scilicet si quid agere posse de nobis putabis. De quo scribunt ad me quidem multi multa et se sperare demonstrant; sed ego quod sperem non dispicio, cum inimici plurimum ualeant, amici partim deseruerint me, partim etiam prodiderint; qui in meo reditu fortasse reprehensionem sui sceleris pertimescant. Sed ista qualia sint tu uelim perspicias mihi que declares. Ego tamen quamdiu tibi opus erit, si quid periculi sube-

ua como a um primogênito? Por isso não permiti que a mulher mais sofredora, a mais fiel das esposas me seguisse, para que protegesse a sobra de nosso desastre comum?

4. Mas, como pude, escrevi uma carta e a enviei a ti através do teu líberto Filógono e creio que depois tenha sido entregue a ti. Nessa carta te oriento e rogo com as minhas palavras que os servos te disseram: que vás sem demora e com pressa para Roma. Com efeito, primeiro quero contar com teu apoio se a crueldade dos nossos inimigos ainda não estiver satisfeita com a nossa desgraça. Ademais, temo muito o pranto do nosso encontro. De fato, não suportaria nossa separação e também temia o mesmo que escreves: que não poderias separar-te de mim. O fato de eu não ter te visto causou esse extremo mal, pelo qual nada mais cruel e triste parece ter podido ocorrer a irmãos tão afeiçoados e unidos, mas foi menos cruel e triste do que teria sido o nosso encontro e separação.

5. Nesta hora, se podes fazer o que eu, que sempre te parecia forte não posso, levanta-te e encoraja-te se houver uma luta a ser travada. Espero, se a minha esperança merece algum crédito, que a tua integridade, o amor dos cidadãos para contigo e também a compaixão gerada pelo meu estado de abandono te sustentem. Mas, se estiveres livre desse perigo, por certo agirás caso penses poder fazer algo a meu respeito. Sobre isso, de fato muitos me escrevem e

undum uidebis, uiuam; diutius in hac uita esse non possum. Neque enim tantum uirum habet ulla aut prudentia aut doctrina ut tantum dolorem possit sustinere.

6. Scio fuisse et honestius moriendi tempus et utilius; sed non hoc solum, multa alia praetermisi, quae si queri uelim praeterita, nihil agam nisi ut augeam dolorem tuum, indicem stultitiam meam. Illud quidem nec faciendum est nec fieri potest, me diutius quam aut tuum tempus aut firma spes postulat in tam misera tamque turpi uita commorari, ut qui modo fratre fuerim, liberis, coniuge, copiis, genere ipso pecuniae beatissimus, dignitate, auctoritate, existimatione, gratia non inferior quam qui umquam fuerunt amplissimi, is nunc in hac tam afflictata perditaque fortuna neque me neque meos lugere diutius possim.

7. Quare quid ad me scripsisti de permutatione? Quasi uero nunc me non tuae facultates sustineant, qua in re ipsa uideo miser et sentio quid sceleris admiserim, cum de uisceribus tuis et filii tui satis facturum sis quibus debes, ego acceptam ex aerario pecuniam tuo nomine frustra dissiparim. Sed tamen et M. Antonio, quantum tu scripseras, et Caepioni tantundem solutum est. Mihi ad id quod cogito hoc quod habeo satis est: siue enim restituimur siue desperamus, nihil amplius opus est. Tu si forte quid erit molestiae, te ad Crassum et ad Calidium conferas censeo. Quantum Hortensio credendum sit

mostram ter muita esperança. Mas não vejo claramente o que devo esperar, pois os meus inimigos são muito mais fortes e parte dos meus amigos me deixou e parte até me traiu. Talvez esses devam ser censurados por seu crime quando eu voltar. Mas queria que sondasses o real estado da situação e o disseses a mim. Mas, se notares quantos perigos te esperam, viverei o tempo que te for preciso. Não posso viver por mais tempo, pois nenhum saber prático ou teórico tem tanta força para que possa suportar tamanha dor.

6. Sei que houve um tempo mais honroso e útil para minha morte. Aliás, perdi outras ocasiões oportunas para morrer. Mas, se quisesse lamentar o passado, nada faria senão elevar a tua dor e revelar o meu desatino. Por certo, o que não deve nem pode ser feito é que me detenha em uma vida tão indigna e triste por mais tempo do que os teus interesses ou uma firme esperança exigirem para que eu, que há pouco fora tão feliz por causa do irmão, dos filhos, da esposa, das posses, da própria origem da riqueza e que não era inferior em títulos, autoridade, reputação e influência aos que um dia foram os mais ilustres, agora, nesse estado de tanta dor e ruína, não tenha de chorar por mais tempo nem por mim nem pelos meus.

7. Por que me escreveste sobre peculato? Como se, de fato, agora os teus bens não me sustentassem. Visto que o que deves terá de ser pago com o melhor da riqueza tua e do

nescio. **8.** Me summa simulatione amoris summaque assiduitate cotidiana sceleratissime insidiosissimeque tractavit adiuncto quoque Arrio; quorum ego consiliis, promissis, praeceptis destitutus in hanc calamitatem incidi. Sed haec occultabis, ne quid obsint. Illud caueto (et eo puto per Pomponium fouendum tibi esse ipsum Hortensium) ne ille uersus, qui in te erat collatus cum aedilitatem petebas, de lege Aurelia, falso testimonio confirmetur. Nihil enim tam timeo quam ne, cum intellegant homines quantum misericordiae nobis tuae preces et tua salus allatura sit, obpugnent te uehementius. **9.** Messalam tui studiosum esse arbitror; Pompeium etiam simulatorem puto. Sed haec utinam ne experiare! Quod precarer deos nisi meas preces audire desissent. Verum tamen precor ut his infinitis nostris malis contenti sint; in quibus non modo tamen nullius inest peccati infamia, sed omnis dolor est quod optime factis poena maxima est constituta.

10. Filiam meam et tuam Ciceronemque nostrum quid ego, mi frater, tibi commendem? Quin illud maereo quod tibi non mino-

teu filho, por isso mesmo vejo e sinto com tristeza o crime que teria cometido. Tendo recebido dinheiro do erário em teu nome, eu o teria gastado levemente. Mas, tanto a Marco Antônio⁵³ quanto a Cepião⁵⁴ foi paga a exata quantia que me escreveste. Para o que planejo o que tenho me é suficiente. Assim, quer seja restaurado quer deva perder as esperanças, nada mais é preciso. Se, por acaso, tens alguma inquietação, acho que deves recorrer a Crasso⁵⁵ e a Calídio.⁵⁶ Ignoro quanto crédito deve ser dado a Hortêncio. **8.** Muito perversa e insidiosamente ele, junto com Ário,⁵⁷ me tratou com amizade muito fingida e com a máxima assiduidade diária. Iludido por seus conselhos, promessas e avisos caí nesse mal. Mas, ocultarás esses fatos para que não te afetem. Acautela-te quanto a isso (e creio que Hortêncio deve ser bem tratado por ti através de Pompônio), para que o verso sobre a lei Aurélia,⁵⁸ que fora atribuído a ti quando eras candidato a edil, não se confirme por falso testemunho. De fato, já que os homens veem quanta compaixão os teus rogos por mim e o teu bem estar causarão, o que mais temo é que te persigam

⁵³ *Marcus Antonius*, aliado e amigo íntimo de Júlio César, futuro membro do segundo Triunvirato.

⁵⁴ *Marcus Iunius Brutus Caepio*, inicialmente era um dos aliados de César, mas, em 44, foi um dos seus assassinos.

⁵⁵ *Marcus Licinius Crassus Diues*, membro do primeiro Triunvirato e um dos homens mais ricos de Roma.

⁵⁶ *Marcus Callidius* foi pretor em 57 e discursou em favor da restituição da casa de Cícero (*De Domo Ciceronis*)

⁵⁷ *Quintus Arrius* parece ter abandonado Cícero nesse período, mas depois se reconciliou com ele.

⁵⁸ Lei aprovada no ano 70 durante o consulado de Pompeu e Crasso, visando a reorganizar a composição dos júris. Cícero se refere ao incidente ocorrido em 66 no qual alguém escreveu um verso possivelmente criticando a lei Aurélia, Hortêncio teria se aborrecido com tal crítica e poderia responsabilizar Quinto pela composição do epigrama, o que poderia gerar mais um imbrólio político.

rem dolorem illorum orbitas afferet quam mihi. Sed te incolumi orbi non erunt. Reliqua, ita mihi salus aliqua detur potestasque in patria moriendi, ut me lacrimae non sinunt scribere! Etiam Terentiam uelim tueare mihi que de omnibus rebus rescribas; sis fortis quoad rei natura patiatur. Idibus Iuniis Thessalonicae.

mais duramente. **9.** Creio que Messala⁵⁹ está do teu lado, mas acho que Pompeu também é um fingido. Mas, oxalá não sofras tais coisas! Isso pediria aos deuses, se não tivessem parado de ouvir-me as preces. Mas, rogo que estejam contentes com esses meus infinitos males em que, porém, tanto há a infâmia de erro algum quanto a dor é que para ótimas ações fixou-se a máxima pena.

10. A filha minha e tua e o nosso Cícero que eu, meu irmão, confie a ti? Ademais, entristeço-me, pois a orfandade deles não gerará menor dor para ti do que para mim. Mas, estando tu incólume, não serão órfãos. No mais, assim, por algum modo, me seja dada salvação e a permissão de morrer na pátria tal como as lágrimas não me deixam redigir. Ainda gostaria que protegesses Terência e me escrevesse sobre todos os fatos, que fosses forte até quando a natureza da situação permita. 13 de junho, de Tessalônica.

⁵⁹ Cícero pode estar se referindo a *Marcus Valerius Messala Níger*, cônsul em 61, ou a *Marcus Valerius Messala Rufus*, cônsul em 53 e sobrinho de Hortêncio.

XII – (*Ad Att.*, III, 10)

*Scr. Thessalonicae XIV. K.
Quint. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

1. Acta quae essent usque ad a. d. VIII. Kal. Iunias cognoui ex tuis litteris; reliqua expectabam, ut tibi placebat, Thessalonicae. Quibus allatis facilius statuere potero ubi sim. Nam si erit causa, si quid agetur, si spem uidero, aut ibidem obperiar aut me ad te conferam; sin, ut tu scribis, ista euanuerint, aliud aliquid uidebimus. Omnino adhuc nihil mihi significatis nisi discordiam istorum; quae tamen inter eos de omnibus potius rebus est quam de me. Itaque quid ea mihi prosit nescio; sed tamen, quoad me uos sperare uoltis, uobis obtemperabo.

2. Nam quod me tam saepe et tam uehementer obiurgas et animo infirmo esse dicis, quaeso, ecquod tantum malum est quod in mea calamitate non sit? ecquis umquam tam ex amplo statu, tam in bona causa, tantis facultatibus ingenii, consilii, gratiae, tantis praesidiis bonorum omnium concidit? Possum obliuisci qui fuerim, non sentire qui sim, quo caream honore, qua gloria, quibus liberis, quibus fortunis, quo fratre? Quem ego, ut nouum calamitatis genus attendas, quom pluris facerem quam me ipsum semperque fecissem, uitauit ne uiderem, ne aut illius luctum squaloremque aspicerem aut me quem ille florentissimum reliquerat per-

XII – (*Ad Att.*, III, 10)

*Escrita em Tessalônica,
17 de junho de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Eu soube das coisas que ocorreram até 25 de maio pela tua carta. Espero as restantes em Tessalônica, como é do teu agrado. Sendo anunciadas, poderei decidir mais facilmente onde morar. De fato, se houver um motivo, se algo for feito, se eu avistar uma esperança, esperarei no mesmo lugar ou irei a ti. Mas se, como escreves, tudo isto tiver se dissipado, desejarei alguma outra coisa. Até agora, absolutamente nada significativo para mim a não ser o desacordo desses que, porém, tratam de tudo entre si menos sobre mim. Por isso, ignoro o que haja de útil para mim lá. Contudo, enquanto queiras que te espere, te obedecerei.

2. Ora, como me censuras de forma tão frequente e severa e dizes que sou covarde, eu te pergunto: Há algum mal tão grande que não faça parte da minha calamidade? Por acaso algum dia alguém já decaiu de tão ilustre posição, enquanto lutava por tão boa causa, tendo tanta abundância de talento, de prudência, de crédito, e gozando de tão grande apoio de todos os nobres? Posso esquecer o que fui, não reconhecer o que sou, de que honra estou privado, de que glória, de que filhos, de que bens, de que irmão? Irmão ao qual (para que atentes num

ditum illi afflictumque offerrem. Mitto cetera intolerabilia; etenim fletu impior. Hic utrum tandem sum accusandus quod doleo, an quod commisi ut haec aut non retinerem, quod facile fuisset nisi inter parietes meos de mea pernicie consilia inirentur, aut certe uiuus non amitterem?

3. Haec eo scripsi ut potius releuares me, quod facis, quam ut castigatione aut obiurgatione dignum putares, eo que ad te minus multa scribo quod et maerore impior et quod expectem istinc magis habeo quam quod ipse scribam. Quae si erunt allata, faciam te consilii nostri certiore. Tu, ut adhuc fecisti, quam plurimis de rebus ad me uelim scribas, ut prorsus ne quid ignorem. Data XIII. Kal. Quintilis Thessalonicae.

novo tipo de calamidade), embora eu estimasse e sempre tivesse estimado mais do que a mim mesmo, evitei encontrar, para que eu não visse a sua dor e aflição ou para que eu, a quem ele deixara em tanta prosperidade, não me mostrasse a ele abatido e arruinado. Omito outras coisas intoleráveis, pois sou impedido pelo pranto. Enfim, agora devo ser acusado porque sofro, ou porque me arrisquei para que não retivesse essas coisas (o que teria sido fácil se dentro de minha casa não tivessem sido feitos planos sobre a minha ruína) ou, pelo menos, para que não as perdesse enquanto vivo.

3. Escrevi estas coisas para que me consoles (o que tens feito) ao invés de me julgar digno de castigo ou de censura. E não te escrevo muitas coisas, pois sou impedido pela tristeza e porque tenho mais a esperar daí do que eu mesmo a escrever. Se eu receber novas notícias, informar-te-ei a minha decisão. Gostaria que, como fizeste até agora, me escrevesse o mais possível sobre os fatos, para que eu não ignore absolutamente nada. Enviada em 17 de junho, de Tessalônica.

XIII – (*Ad Att.*, III, 11)

*Scr. Thessalonicae IV. K.
Quint. a. 696/58.*

Cícero Attico salutem

1. Me et tuae litterae et quidam boni nuntii, non optimis tamen auctoribus, et expectatio uestrarum litterarum et quod tibi ita placuerat adhuc Thessalonicae tenebat. Si accepero litteras quas expecto, si spes erit ea quae rumoribus adferebatur, ad te me conferam; si non erit, faciam te certiore quid egerim. 2. Tu me, ut facis, opera, consilio, gratia iuua; consolari iam desine, obiurgare uero noli; quod cum facis, ut ego tuum amorem et dolorem desidero! quem ita adfectum mea aerumna esse arbitror ut te ipsum consolari nemo possit. Q. fratrem optimum humanissimumque sustenta. Ad me obsecro te ut omnia certa perscribas. Data IIII. Kal. Quintiles.

XIII - (*Ad Att.*, III, 11)

*Escrita de Tessalônica,
27 de junho de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Tanto a tua carta quanto algumas boas notícias (não de todo fidedignas) e a expectativa das tuas cartas e que a ti assim agradara ainda me retêm em Tessalônica. Se eu receber a carta que aguardo, se a esperança for aquela que é gerada por rumores, me refugiarei em tua casa.⁶⁰ Caso contrário, te informarei sobre o que eu tiver feito. 2. Ajuda-me, como estás fazendo, por ações, conselho e reconhecimento. Doravante deixa de consolar, mas não censures, pois, ao fazeres, como sinto a falta do teu amor e sensibilidade! Creio que estás tão afetado pelo meu sofrimento, que ninguém possa consolar a ti mesmo. Cuida de Quinto, irmão tão bom e afetuoso. Rogo-te que me escrevas detalhadamente sobre todas as coisas seguras. Enviada em 27 de junho, de Tessalônica.

⁶⁰ Em 1º de junho de 58, o tribuno *Lucius Ninnius Quadratus* apresentou ao Senado uma proposta para o retorno de Cícero a qual foi vetada por outro tribuno, *Lucius Aelius Ligus*.

XIV – (*Ad Att.*, III, 12)

*Scr. Thessalonicae XVI. Kal.
Sexl. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

1. Tu quidem sedulo argumentaris quid sit sperandum, et maxime per senatum, idemque caput rogationis proponi scribis qua re in senatu dici nihil liceat. Itaque siletur. Hic tu me accusas quod me afflictem, cum ita sim afflictus ut nemo umquam, quod tute intelligis. Spem ostendis secundum comitia. Quae ista est eodem tr. pl. et inimico consule designato? 2. Percussisti autem me etiam de oratione prolata. Cui uulneri ut scribis medere, si quid potes. Scripsi equidem olim ei iratus, quod ille prior scripserat, sed ita compresseram ut numquam emanaturam putarem. Quo modo exciderit nescio. Sed quia numquam accidit ut cum eo uerbo uno concertarem et quia scripta mihi uidetur negligentius quam ceterae, puto ex se probari non esse meam. Id, si putas me posse sanari, cures uelim; sin plane perii, minus laboro.

3. Ego etiam nunc eodem in loco iaceo sine sermone ullo, sine cogitatione ulla. Licet tibi, ut scribis, significarim ut ad me ue-

XIV – (*Ad Att.*, III, 12)

*Escrita em Tessalônica,
17 de julho de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Tu argumentas com empenho sobre o que se deva esperar e, sobretudo, pelo Senado e, ao mesmo tempo, escreves ser proposto o artigo da lei pelo qual nada permita ser dito no Senado. Assim, guarda-se silêncio. Nisto me acusas: porque me aflija, já que a tal ponto esteja aflito como ninguém antes, o que tu mesmo vês. Mostras uma esperança após os comícios. Qual é esta sendo o mesmo tribuno da plebe e o inimigo nomeado cônsul?⁶¹ 2. Mas, também me feriste acerca do discurso proferido.⁶² Medica essa ferida, como escreves, se podes algo. De fato, escrevi outrora a ele irado, pois ele escrevera antes, mas assim eu ocultara como jamais cresse que se divulgaria. Como teria escapado não sei. Mas, como jamais se deu que eu discutisse com ele uma única palavra e como os escritos me parecem mais descuidados do que os demais, julgo daí que provam não serem meus. Disso, se crês que posso ser medicado, queria que tratasses; do contrário, me arruinei totalmente; sofro menos.

⁶¹ Alusão a *Quintus Caecilius Metellus Nepos*, que fora tribuno da plebe em 62 e se opusera francamente às medidas adotadas por Cícero quando cônsul. Reconciliaram-se antes de sua entrada no consulado em 57. (*ad Att.*, III, 22, 2; 23, 1; 24, 2). A ele é endereçada *ad Fam.*, V, 4 (p. 113).

⁶² Em 61, Cícero escrevera um panfleto (*In Clodium et Curionem*) dirigido contra Clódio e Curião (*Gaius Scribonius Curio*), um influente senador. Esse panfleto fora conhecido apenas por um restrito grupo de pessoas e logo retirado de circulação. Porém, em 58, Clódio fez com que ele fosse distribuído para lançar Curião contra Cícero, tentando, com isso, aumentar o número de inimigos do orador e diminuir-lhe a possibilidade de apoio no Senado.

nires, condono tamen et intelligo te istic prodesse, hic ne uerbo quidem leuare me posse. Non queo plura scribere nec est quod scribam; uestra magis expecto. Data XVI. Kal. Sextiles Thessalonicae.

3. Agora, ainda estou no mesmo lugar sem conversa alguma, sem reflexão alguma. Embora a ti, como escreves, tenha dado a entender que viesses a mim, desisto, porém, e vejo que és útil aí; aqui só podes me aliviar por palavra. Não posso escrever mais nem há o que escrever. Espero mais as tuas cartas. Tessalônica, 17 de julho.

XV – (*Ad Att.*, III, 14)

*Scr. Thessalonicae XII. Kal.
Sext. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

1. Ex tuis litteris plenus sum expectatione de Pompeio, quidnam de nobis uelit aut ostendat. Comitia enim credo esse habita; quibus absolutis scribis illi placuisse agi de nobis. Si tibi stultus esse uideor que sperem, facio tuo iussu, etsi scio te me iis epistulis potius et meas spes solitum esse remorari. Nunc uelim mihi plane perscribas quid uideas. Scio nos nostris multis peccatis in hanc aerumnam incidisse. Ea si qui casus aliqua ex parte correxerit, minus moleste feremus nos uixisse et adhuc uiuere.

2. Ego propter uiae celebritatem et cotidianam expectationem rerum nouarum non commoui me adhuc Thessalonica. Sed iam extrudimur non a Plancio (nam is quidem retinet) uerum ab ipso loco minime appposito ad tolerandam in tanto luctu calamitatem. In Epirum ideo, ut scripseram, non ueni, quod subito mihi uniuersi nuntii uenerant et litterae, qua re nihil esset necesse quam proxime Italiam esse. Hinc, si aliquid a comitiis audierimus, nos in Asiam conuertemus; neque adhuc stabat quo potissimum, sed scies. Data XII, Kal. Sextiles Thessalonicae.

XV – (*Ad Att.*, III, 14)

*Escrita em Tessalônica,
21 de julho de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Por causa da tua carta estou cheio de expectativa sobre Pompeu: o que ele desejaria ou prometeria acerca de mim. Creio que, sem dúvida, foram realizados os comícios, os quais terminados, escreves o que lhe agradou ser feito de mim. Se te pareço tolo por esperar, faço por tua ordem, embora saiba que és acostumado a reter a mim e as minhas esperanças, de preferência, por cartas. Agora, gostaria que me escrevesse tudo o que vês. Sei que pelos meus muitos erros caí nesse mal, o qual se algum incidente de algum modo corrigir em parte, com menos dor suportarei ter vivido e ainda viver.

2. Devido à afluência da estrada e à expectativa diária de novos fatos, ainda não saí de Tessalônica. Mas agora sou expulso não por Plânco⁶³ (pois ele, de fato, me retém), mas pelo próprio lugar que é o menos adequado para aliviar um mal tão grande. Logo, não fui para o Epiro, como escrevera, pois, de repente, todos os mensageiros e cartas me vieram com o fato de que eu não teria de morar muito perto da Itália. Daqui, se ouvir algo dos comícios, irei para a Ásia. Ainda não é o melhor lugar para onde ir, mas saberás. Enviada em 21 de julho, de Tessalônica.

⁶³ *Gneu Plancius*, questor da Macedônia.

XVI – (*Ad Att.*, III, 13)

*Scr. Thessalonicae Non.
Sext. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

1. Quod ad te scripseram me in Epiro futurum, postea quam extenuari spem nostram et euanescere uidi, mutaui consilium nec me Thessalonica commoui, ubi esse statueram quoad aliquid ad me de eo scriberes, quod proximis litteris scripseras fore uti secundum comitia aliquid de nobis in senatu ageretur; id tibi Pompeium dixisse. Qua de re quoniam comitia habita sunt tuque nihil ad me scribis, proinde habeo ac si scripsisses nihil esse neque temporis non longinqui spe ductum esse moleste feram. Quem autem motum te uidere scripseras qui nobis utilis fore uideretur, eum nuntiant qui ueniunt nullum fore. In tr. pl. designatis reliqua spes est. Quam si expectaro, non erit quod putes me causae meae, uoluntati meorum defuisse.

2. Quod me saepe accusas cur hunc meum casum tam grauitate feram, debes ignoscere, cum ita me afflictum uideas ut neminem umquam nec uideris nec audieris. Nam quod scribis te audire me etiam mentis errore ex dolore affici, mihi uero mens integra est. Atque utinam tam in periculo fuisset! cum ego iis quibus meam salutem carissimam esse arbitrabar inimicissimis crudelissimisque usus sum; qui, ut me paulum

XVI – (*Ad Att.*, III, 13)

*Escrita em Tessalônica,
05 de agosto de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Embora eu tivesse te escrito que estaria no Epiro, após ver a minha esperança se debilitar e se dissipar, mudei de opinião e não me movi de Tessalônica, onde eu decidira morar até que me escrevesse algo daí, pois escreveras na carta anterior haver de ocorrer que, após os comícios,⁶⁴ algo seria tratado sobre mim no Senado. Isso te foi dito por Pompeu. Sobre isso, como os comícios ocorreram e nada me escreves, assim julgarei e, se tivesses escrito nada haver nem de ocasião favorável nem que é levado a uma esperança longa, suportaria com pesar. Mas, o movimento que escreveras ver, que parecia haver de me ser útil, os que chegam dizem que há de ser nulo.⁶⁵ Nos tribunos da plebe nomeados está a esperança restante a qual, se espero, não há porque achares que deixei a minha causa, o desejo dos meus.

2. Como frequentemente me acusas porque suportaria de mau grado esse meu infortúnio, debes perdoar, embora assim me vejas aflito como ninguém jamais terias visto nem ouvido. Na verdade, escreves que ouves estar eu afetado também de mente pelo delírio da dor, mas eu tenho uma mente íntegra. E tomara que eu tivesse estado em tão grande

⁶⁴ *Comitia*, assembleia geral do povo romano.

⁶⁵ Referência à questão de Tigranes (cf. nota 49).

inclinari timore uiderunt, sic impulerunt ut omni suo scelere et perfidia abuterentur ad exitium meum.

Nunc quoniam iam est Cyzicum nobis eundem, quo rarius ad me litterae perferentur, hoc uelim diligentius omnia quae putaris me scire opus esse perscribas. Q. fratrem meum fac diligas; quem ego miser si incolumem relinquo, non me totum periisse arbitrabor. Data Nonis Sextilibus.

perigo quando, naqueles aos quais julgava ser a minha saúde caríssima, achei os piores inimigos e os mais cruéis, os quais, como me viram ser levemente dobrado pelo temor, assim empurraram de modo a usarem todo o seu crime e perfidia para a minha queda!

Agora, porque já tenho de ir a Cízico, para onde mais raramente cartas me seriam enviadas, desejo que com mais zelo escrevas em detalhes tudo que julgares ser preciso que eu saiba. Faze por amar o meu irmão Quinto, que eu, infeliz, se deixo para trás incólume, não julgarei que pereci totalmente. Enviada em 5 de agosto.

XVII – (*Ad Q. fr.*, I, 4)

Scr. Thessalonicae m.
Sext. a. 696/58.

Marcus Quinto fratri salutem

1. Amabo te, mi frater, ne, si uno meo facto et tu et omnes mei corruistis, improbitati et sceleri meo potius quam imprudentiae miseriaeque adsignes. Nullum est meum peccatum nisi quod iis credidi a quibus nefas putarem esse me decipi aut etiam quibus ne id expedire quidem arbitraber. Intimus, proximus, familiarissimus quisque aut sibi peritumit aut mihi inuidit. Ita mihi nihil misero praeter fidem amicorum, cautum meum consilium defuit.

2. Quod si te satis innocentia tua et misericordia hominum uindicat hoc tempore a molestia, perspicias profecto ecquaenam nobis spes salutis relinquatur. Nam me Pomponius et Sestius et Piso noster adhuc Thessalonicae retinuerunt, cum longius discedere propter nescio quos motus uerarent. Verum ego magis exitum illorum litteris quam spe certa expectabam; nam quid sperem potentissimo inimico, dominatione obrectatorum, infidelibus amicis, plurimis inuidis? 3. De nouis autem tribunis pl. est ille quidem in me officiosissimus Sestius et, spero, Curius, Milo, Fadius, Gratidius, sed ualde aduersante Clodio, qui etiam priuatus eadem manu poterit contiones concitare; deinde etiam in-

XVII – (*Ad Q. fr.*, I, 4)

Escrita em Tessalônica,
em meados de agosto de 58.

Marco saúda o irmão Quinto

1. Por favor, meu irmão, se por uma única ação minha tu e todos os meus familiares caístes, não atribuas isso mais à minha improbidade e ao meu crime do que à imprudência e ao infortúnio. Meu erro é só o fato de que cri naqueles pelos quais pensava que seria um sacrilégio ser eu iludido ou aos quais eu ainda nem achava ser isso útil. Mesmo sendo o mais íntimo, próximo e familiar, cada um deles temeu por si mesmo ou me invejou. Faltou-me um conselho precavido e, assim, nada há para um infeliz como eu senão a fidelidade dos amigos.

2. Se, agora, a tua inocência e a misericórdia dos homens te livraram o bastante do mal, sonda com cuidado se teria me restado alguma esperança de salvação. De fato, Pompônio, Séstio⁶⁶ e o meu caro Pisão me retiveram até agora em Tessalônica, pois me proibiram de ir para mais longe devido a ações que ignoro. Mas espero um resultado mais através das cartas deles do que por uma esperança segura. De fato, o que esperaria com um inimigo tão forte, com o governo dos detratores, com amigos desleais, com tantos invejosos? 3. Dentre os novos tribunos da plebe o próprio Séstio é, sem dúvida,

⁶⁶ *Publius Sestius*, um dos tribunos nomeados para o ano de 57.

tercessor parabitur. **4.** Haec mihi proficiscenti non proponerentur, sed saepe triduo summa cum gloria dicebar esse rediturus. "Quid tu igitur?" inquires. Quid? multa conuenerunt quae mentem exturbarent meam, subita defectio Pompei, alienatio consulum, etiam praetorum, timor publicanorum, arma. Lacrimae meorum me ad mortem ire prohibuerunt; quod certe et ad honestatem et ad effugiendos intolerabiles dolores fuit aptissimum. Sed de hoc scripsi ad te in ea epistula quam Phaëthonti dedi. Nunc tu, quoniam in tantum luctum, laborem detrusus es quantum nemo umquam, si releuare potest communem casum misericordia hominum, scilicet incredibile quiddam adsequeris; sin plane occidimus, me miserum! ego omnibus meis exitio fuero, quibus ante dedecori non eram.

5. Sed tu, ut ante ad te scripsi, perspicere et pertempta et ad me, ut tempora nostra, non ut amor tuus fert, uere perscribe. Ego uitam, quoad putabo tua interesse aut ad spem seruandam esse, retinebo. Tu nobis amicissimum Sestium cognosces; credo tua causa uelle Lentulum, qui erit consul. Quamquam sunt facta uerbis difficiliora. Tu et quid opus sit et quid sit uidebis omnino. Si tuam solitudinem communemque calamitatem nemo despexerit, aut per te aliquid confici aut nullo modo poterit; sin te quoque inimici uexare coeperint, ne cessaris; non

muito atencioso para comigo e espero que também o sejam Cúrio, Milão, Fádio e Gratídio,⁶⁷ mas sob a dura oposição de Clódio, o qual, mesmo sem um cargo público, seria capaz de agitar as assembleias populares com o mesmo bando e, em seguida, também será preparado um defensor. **4.** Isso não me foi exposto quando eu partia, mas frequentemente se pensava que eu voltaria gloriosamente dentro de três dias. "Então, por que tu?", dirás. Por quê? Muitas coisas foram reunidas para perturbar a minha mente: a súbita prostração de Pompeu, a desarmonia dos cônsules e também dos pretores, o temor dos publicanos, as armas. As lágrimas dos meus me impediram de recorrer à morte, o que foi muito oportuno tanto para a honra quanto para fugir às dores intoleráveis. Mas, sobre isso te escrevi na carta que enviei a Faetonte. Agora, uma vez que foste lançado em tanta dor e desventura como ninguém jamais o fora, se a misericórdia dos homens pode aliviar nossa queda mútua, certamente obterás algo inimaginável. Mas, se, estamos de todo perdidos, ai de mim! Terei sido a ruína para todos os meus, para os quais antes não havia desonra.

5. Mas tu, conforme te escrevi antes, observa e esquadrinha a situação e me escreve com sinceridade, segundo a minha situação, não como o teu amor propõe. Conservarei a vida até quando julgar ser do teu interesse

⁶⁷ Cícero cita mais quatro dos dez tribunos da plebe nomeados para 57: *Gaius Curius, Titus Annius Milo, Titus Fadius e Marcus Gratidius*.

enim gladiis mecum sed litibus agetur. Verum haec absint uelim. Te oro ut ad me de omnibus rebus rescribas et in me animi potius aut consilii minus putes esse quam antea, amoris uero et officii non minus.

ou que ela deve ser mantida devido à esperança. Saberás sobre Séstio, o mais devotado a mim. Creio que Lêntulo,⁶⁸ que será cônsul, quer a tua causa embora os atos sejam mais difíceis do que as palavras. Verás totalmente o que é preciso e de que se trata. Se ninguém desprezar o teu abandono e o mal mútuo, faze algo por ti ou não será possível por nenhum modo. Mas, se os inimigos também começarem a te perturbar, não cesses, pois não se tratará comigo por espadas, mas por processos. Porém, queria que tal não ocorresse.⁶⁹ Peço-te que me escrevas sobre todos os fatos e que, de preferência, julgues haver em mim menos ânimo e conselho do que antes, mas não menos amor e respeito.

⁶⁸ *Pubius Cornelius Lentulus Spinther*, cônsul eleito para o ano 57 junto com Quinto Metelo Nepos (cf. nota 61).

⁶⁹ Cícero crê que seu irmão era atacado judicialmente e se mostra disposto a escrever-lhe uma defesa.

XVIII – (*Ad Att.*, III, 15)

Scr. Thessalonicae XIV. K.
Sept. a. 696/58.

Cícero Attico salutem

1. Accepi Idibus Sextilibus quattuor epistulas a te missas, unam qua me obiurgas et rogas ut sim firmior, alteram qua Crassi libertum ais tibi de mea sollicitudine macieque narrasse, tertiam qua demonstras acta in senatu, quartam de eo quod a Varrone scribis tibi esse confirmatum de uoluntate Pompeii. 2. Ad primam tibi hoc scribo, me ita dolere ut non modo a mente non deserar sed id ipsum doleam, me tam firma mente ubi utar et quibuscum non habere. Nam si tu me uno non sine maerore cares, quid me censes qui et te et omnibus? et si tu incolumis me requiris, [et] quo modo a me ipsam incolumitatem desiderari putas? Nolo commemorare quibus rebus sim spoliatus, non solum quia non ignoras sed etiam ne scindam ipse dolorem meum; hoc confirmo neque tantis bonis esse priuatum quemquam neque in tantas misérias incidisse. Dies autem non modo non leuat luctum hunc sed etiam auget. Nam ceteri dolores mitigantur uetustate, hic non potest non et sensu praesentis miseriae et recordatione praeteritae uitae cotidie augeri. Desidero enim non mea solum neque meos sed me ipsum. Quid enim sum? Sed non faciam ut aut tuum animum angam querelis aut meis uulneribus saepius manus

XVIII – (*Ad Att.*, III, 15)

Escrita em Tessalônica,
17 de agosto de 58.

Cícero saúda Ático

1. No dia 13 de agosto, recebi quatro cartas tuas. A primeira, na qual me repreendes e rogas que eu seja mais firme; a segunda, em que dizes que um liberto de Crasso te falou da minha inquietação e da minha magreza; a terceira, na qual descreves as ações no Senado; a quarta, em que escreves sobre o que te foi confirmado por Varrão sobre a vontade de Pompeu. 2. Primeiro, escrevo-te que estou, sim, sofrendo; que não sou privado de inteligência e sofro por isso mesmo e que não tenho pessoas com quem utilize uma inteligência tão vigorosa. De fato, se sentes falta só de mim não sem tristeza, o que pensas de mim, que sinto falta não só de ti, mas de todos? E se, incólume, me desejas, como pensas ser anelada por mim mesmo a incolumidade? Não quero relembrar as coisas de que teria sido despojado porque não ignoras e para que eu mesmo não agrave a minha dor. Afirmo que ninguém foi privado de tantas coisas boas nem caiu em tantos males. O dia não alivia essa aflição, mas a aumenta. De fato, as outras dores são aliviadas pelo tempo; esta não pode deixar de aumentar diáriamente pela percepção das misérias do presente e pela recordação do passado. De fato, não perdi só os meus bens

adferam. Nam quod purgas eos quos ego mihi scripsi inuidisse et in eis Catonem, ego uero tantum illum puto ab isto scelere afuisse ut maxime doleam plus apud me simulationem aliorum quam istius fidem ualuisse. Ceteros quod purgas, debent mihi probati esse, tibi si sunt. **3.** Sed haec sero agimus.

Crassi libertum nihil puto sincere locutum. In senatu rem probe scribis actam. Sed quid Curio? an illam orationem non legit? quae unde sit prolata nescio. Sed Axius eiusdem diei scribens ad me acta non ita laudat Curionem. At potest ille aliquid praetermittere; tu, nisi quod erat, profecto non scripsisti. Varronis sermo facit expectationem Caesaris. Atque utinam ipse Varro incumbat in causam! quod profecto cum sua sponte tum te instante faciet.

4. Ego si me aliquando uestri et patriae compotem fortuna fecerit, certe efficiam ut maxime laetere unus ex omnibus amicis meaque officia et studia, quae parum antea luxerunt (fatendum est enim), sic exsequar ut me aequae tibi ac fratri et liberis nostris restitutum putes. Si quid in te peccaui ac potius quoniam peccaui ignosce; in me enim ipsum peccaui uehementius. Neque haec eo scribo quo te non meo casu maximo dolore esse affectum sciam, sed profecto, si quantum me amas et amasti tantum amare deberes ac de-

nem os meus familiares, mas a mim mesmo. Com efeito, o que sou eu? Mas, não farei de modo que agite a tua alma com queixas ou produza cutiladas em minhas feridas mais amiúde. Ora, como absolves os que escrevi terem me invejado, e entre eles Catão,⁷⁰ acho que, de fato, só este se isentou desse crime, embora lamente que o engano dos outros teve mais efeito para mim do que a sinceridade dele. Os outros que justificas, devem ser provados por mim, se o são por ti. **3.** Porém, tratamos tarde disso.

Acho que o libertado de Crasso nada falou com franqueza. Dizes que meu processo é tratado com zelo no Senado. Mas, o que há sobre Cúrio? Acaso não leu aquele discurso que ignoro por quem tenha sido escrito? Porém, Áxio,⁷¹ relatando-me os atos do mesmo dia, não elogia Cúrio. Mas, ele mesmo pode estar omitindo algo. Por certo, não relataste senão aquilo que ocorria. A fala de Varrão cria a expectativa de César.⁷² E tomara que o mesmo Varrão se aplique à causa! O que, certamente, ele fará por si mesmo como tu nesse momento.

4. Se o destino algum dia me tornar participante de vós e da pátria, farei com que tu, o melhor dos amigos, te alegres por meus benefícios e afeições, as quais antes foram pouco claras (logo, deve ser confessado), e

⁷⁰ *Marcus Porcius Cato*, político conhecido por sua austeridade e integridade moral e um dos aliados de Cícero no Senado.

⁷¹ *Quintus Axius*, senador e amigo de Cícero.

⁷² Ou seja, a expectativa do apoio de César.

buisse, numquam esses passus me quo tu abundabas egere consilio nec esses passus mihi persuaderi utile nobis esse legem de collegiis perferri. Sed tu tantum lacrimas praeuisti dolori meo, quod erat amoris, tamquam ipse ego; quod meritis méis perfectum potuit, ut dies et noctes quid mihi faciendum esset cogitares, id abs te meo, non tuo scelere praetermissum est. Quod si non modo tu sed quisquam fuisset qui me Pompeii minus liberali responso perterritum a turpissimo consilio reuocaret, quod unus tu facere maxime potuisti, aut occubissem honeste aut uictores hodie uiueremus. Hic mihi ignosces; me enim ipsum multo magis accuso, deinde te quasi me alterum et simul meae culpae socium quaero. Ac si restitutor, etiam minus uidebimur deliquisse abs teque certe, quoniam nullo nostro, tuo ipsius beneficio diligemur.

5. Quod te cum Culleone scribis de priuilegio locutum, est aliquid, sed multo est melius abrogari. Si enim nemo impedit, sic est firmiter; sin erit qui ferri non sinat, idem senatus consulto intercedet. Nec quicquam aliud opus est [quam] abrogari; nam prior lex nos nihil laedebat. Quam si ut est promulgata laudare uoluissimus aut ut erat negligenda negligere, nocere omnino nobis non potuisset. Hic mihi primum meum consilium defuit, sed etiam obfuit. Caeci, caeci, inquam, fuimus in uestitu mutando, in populo rogando, quod, nisi nominatim mecum

buscarei que me julgues restituído igualmente a ti, ao meu irmão e aos meus filhos. Se cometi algum erro para contigo e, de preferência, porque errei, perdoa; pois para comigo mesmo errei mais gravemente. Não digo isto porque ignore que foste afetado com a máxima dor por causa da minha queda, mas, sem dúvida, se quanto me amas e amaste tanto devesse amar e tivesses devido, nunca terias me deixado ter falta da prudência que tinhas em abundância nem terias me deixado ser convencido de que me era útil fazer ser aprovada a lei dos colégios. Mas verteste tantas lágrimas pela minha dor como eu mesmo, pois era próprio do teu amor. Ainda que pudesse ter sido feito, em atenção a mim, segundo o que por dias e noites cogitasses que deveria ser feito a meu respeito, isso, não por crime teu, mas meu, foi desprezado por ti. Pois, se tu ou outrem existisse que, assustado com uma resposta menos generosa de Pompeu, me afastasse de uma decisão tão infame (pois só tu pudeste agir muito bem), estaria sepultado com honra ou viveria hoje como vencedor. Tu me perdoarás isto, pois acuso muito mais a mim mesmo; em seguida, busco-te como outro eu e, ao mesmo tempo, um cúmplice da minha culpa. Se sou restituído, também parecerei ter delinquido menos e, por certo, já que nada há em mim, me amarás por causa do teu favor, dele mesmo.

5. O que escreves teres falado com Cule-

agi coeptum esset, fieri perniciosum fuit. Sed pergo praeterita, uerum tamen ob hanc causam ut, si quid agetur, legem illam in qua popularia multa sunt ne tangatis.

6. Verum est stultum me praecipere quid agatis aut quo modo. Vtinam modo agatur aliquid! In quo ipso multa occultant tuae litterae, credo, ne uehementius desperatione perturber. Quid enim uides agi posse aut quo modo? Per senatumne? Ast tute scripsisti ad me quoddam caput legis Clodium in curiae poste fixisse, NE REFERRI NEVE DICI LICERET. Quo modo igitur Domitius se dixit relaturum? quo modo autem iis quos tu scribis et de re dicentibus et ut referretur postulantibus Clodius tacuit? Ac si per populum, poteritne nisi de omnium tr. pl. sententia? Quid de bonis? quid de domo? poteritne restitui? aut si non poterit, egomet quo modo potero? Haec nisi uides expediri, quam in spem me uocas? sin autem spei nihil est, quae est mihi uita? Itaque expecto Thessalonicae acta Kal. Sext., ex quibus statuam in tuosne agros confugiam, ut neque uideam homines quos nolim et te, ut scribis, uideam et propius sim si quid agatur, idque intellexi cum tibi tum Q. fratri placere, an abeam Cyzicum.

7. Nunc, Pomponi, quoniam nihil imperitisti tuae prudentiae ad salutem meam, quod aut in me ipso satis esse consilii decreras aut

ão⁷³ sobre o privilégio⁷⁴ vale alguma coisa, mas é muito melhor ser anulado, pois se ninguém barrar, assim é mais seguro. Mas, se ocorrer que alguém não deixe que ele seja apresentado, este mesmo barrará o decreto do Senado. Nenhuma outra é preciso anular, pois não me afeta a lei anterior, a qual, ainda que, ao ser promulgada, eu tivesse desejado louvar ou, quando devia ser rejeitada, rejeitar, não poderia me afetar de todo. Primeiro tal conselho me faltou, mas também causou dano. Cego, cego, direi, fui ao mudar o traje, ao rogar ao povo, pois se tornou perigoso se não tivesse começado a ser tratado comigo nominalmente. Mas, levo adiante as coisas passadas, porém, de fato, para que, se algo for feito, não toques aquela lei na qual há muitas coisas populares.

6. Mas, é estulto me preocupar com o que façam ou de que modo. Tomara que apenas seja feito algo! Por isso, as tuas cartas ocultam muitas coisas, creio, para que eu não seja agitado mais fortemente pelo desespero. De fato, o que vêes que pode ser feito ou de que modo? Pelo Senado? Porém, tu mesmo me escreveste certo artigo da lei que Clódio pôs na porta da cúria:⁷⁵ NÃO SE PERMITE TOMAR A PALAVRA NEM REPLICAR. Como, pois, Domício⁷⁶ disse que apresentará? Mas, como Clódio se calou para com os que descreves,

⁷³ *Quintus Terentius Culleo*, amigo de Cícero e tribuno da plebe em 58.

⁷⁴ *Priuilegium*, lei excepcional que se referia a um indivíduo ou a poucas pessoas.

⁷⁵ Lugar onde o Senado se reunia.

⁷⁶ *Lucius Domitius Ahenobarbus*, ferrenho adversário de César e pretor em 58. Sua proposta para o retorno de Cícero não obteve êxito.

te nihil plus mihi debere quam ut praesto es-
ses, quoniamque ego proditus, inductus,
coniectus in fraudem omnia mea praesidia
neglexi, totam Italiam iam erectam ad me
defendendum destitui et reliqui, me, meos
meis tradidi inimicis inspectante et tacente
te qui, si non plus ingenio ualebas quam
ego, certe timebas minus, si potes, erige ad-
flictos et in eo nos iuua; sin omnia sunt obs-
tructa, id ipsum fac ut sciamus et nos ali-
quando aut obiurgare aut communiter conso-
lari desine. Ego si tuam fidem accusarem,
non me potissimum tuis tectis crederem;
meam amentiam accuso quod a te tantum
amari quantum ego uellem putauí. Quod si
fuisset, fidem eandem, curam maiorem adhi-
buisses, me certe ad exitium praecipitatem
retinuisses, istos labores quos nunc in nau-
fragiis nostris suscipis non subisses.

8. Quare fac ut omnia ad me perspecta et
explorata perscribas meque, ut facis, uelis
esse aliquem, quoniam qui fui et qui esse
potui iam esse non possum, et ut his litteris
non te sed me ipsum a me esse accusatum
putes. Si qui erunt quibus putes opus esse
meo nomine litteras dari, uelim conscribas
curesque dandas. Data XIII. Kal. Sept.

tomando a palavra quanto ao processo e re-
querendo que ele fosse submetido à delibe-
ração? E, se pelo povo, será possível senão
segundo o parecer de todos os tribunos? O
que em relação aos bens? O que em relação
à casa? Poderá ser restituída? Ou, se não pu-
der, eu mesmo poderei de algum modo? Se
não vês essas coisas serem resolvidas, para
qual esperança me incitas? Mas, se não há
esperança alguma, que é a vida para mim?
Assim, espero em Tessalônica os registros
de primeiro de agosto, segundo os quais de-
cidirei se me refugiarei em tuas terras para
que nem veja os homens que não queira e,
como escreves, te veja e esteja mais perto se
algo for feito ou se eu partir para Cízico (e
vi que isso agrada a ti e ao irmão Quinto).

7. Agora, Pompônio, como nada comuni-
caste da tua prudência para o meu bem-estar
porque consideraras que há em mim mesmo
bastante conselho ou que nada mais me de-
ves para que estivesse ao meu dispor, e já
que, traído, induzido, lançado em uma frau-
de, desprezei toda a minha proteção, frustrei
e deixei toda a Itália já erguida para me de-
fender; eu e os meus nos rendemos a meus
inimigos enquanto olhavas e te calavas. Tu
que, se não me excedias em inteligência, por
certo temias menos, se potes, ergue os aba-
tidos e ajuda-me aqui. Mas, se tudo foi obs-
truído, faz isso mesmo para que eu saiba e,
enfim, deixa de me censurar ou consolar
junto com outros. Se acusasse a tua fidelida-

de, de preferência não me confiaria aos teus tetos. Acuso o meu desatino, pois julguei ser amado por ti tanto como queria. Se tal tivesse ocorrido, mostrarias essa mesma fidelidade, um zelo maior; por certo, terias impedido que eu caísse na ruína; essas dores, que agora sofres nos meus naufrágios, não sofrerias.

8. Por isso, faze com que me escrevas tudo que foi visto e verificado e, como fazes, queiras que eu seja alguém, pois o que fui e podia ser já não posso ser, e que, nesta carta, julgues não tu, mas eu mesmo ter sido acusado por mim. Se há aqueles aos quais achas que é preciso enviar cartas em meu nome, gostaria que as redigisses e cuidasses de enviá-las. Enviada em 17 de agosto.

XIX – (*Ad Att.*, III, 16)

*Scr. Thessalonicae XII. K.
Sept. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

Totum iter mihi incertum facit expectatio litterarum uestrarum Kal. Sextil. datarum. Nam [aliud aliquid] si spes erit, Epirum, si minus, Cyzicum aut aliud quid sequemur. Tuae quidem litterae quo saepius a me leguntur, hoc c spem faciunt mihi minorem; quae cum conlatae sunt, tum id quod adtulerunt ad spem infirmant, ut facile appareat te et consolationi seruire et ueritati. Itaque te rogo plane ut ad me quae scis ut erunt, quae putabis ut putabis ita scribas. Data XII. Kal.

XIX – (*Ad Att.*, III, 16)

*Escrita em Tessalônica,
19 de agosto de 58.*

Cícero saúda Ático

A expectativa da tua carta de primeiro de agosto torna todo caminho incerto para mim. Na verdade, uma coisa ou outra: se houver esperança, irei para o Epiro; caso contrário, para Cízico ou para outro lugar. De fato, as tuas cartas tanto mais amiúde são lidas por mim, quanto mais elas tornam a esperança menor para mim. Quando comparadas, então o que geraram quanto à esperança elas destroem, de modo que facilmente se mostre que ser- ves ao consolo e à verdade. Logo, rogo-te que notes totalmente para mim tudo que ocorrerá; escrevas as que avaliares tal como avaliares. Enviada em 19 de agosto.

XX – (*Ad Att.*, III, 17)

*Scr. Thessalonicae pr. Non.
Sept. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

1. De Quinto fratre nuntii nobis tristes nec uarii uenerant ex ante diem III. Non. Iun. usque ad pr. Kal. Sept. Eo autem die Leiuineius Reguli I. ad me a Regulo missus uenit. Is omnino mentionem nullam factam esse nuntiauit, sed fuisse tamen sermonem de C. Clodii filio isque mihi a Q. Fratre litteras attulit. Sed postridie Sestii pueri uenerunt qui a te litteras attulerunt non tam exploratas a timore quam sermo Liuinei fuerat. Sane sum in meo infinito maerore sollicitus et eo magis quod Appii quaestio est.

2. Cetera quae ad me eisdem litteris scribis de nostra spe intellego esse languidiora quam alii ostendunt. Ego autem quoniam non longe ab eo tempore absumus in quo res diiudicabitur, aut ad te conferam me aut etiam nunc circum haec loca commorabor.

3. Scribit ad me frater omnia sua per te unum sustineri. Quid te aut horret quod facis, aut agam gratias quod non expectas? Tantum uelim fortuna det nobis potestatem ut incolumes amore nostro perfruamur. Tuas litteras semper maxime expecto; in quibus caue uereare ne aut diligentia tua mihi mo-

XX – (*Ad Att.*, III, 17)

*Escrita em Tessalônica,
04 de setembro de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Notícias tristes e não variadas sobre o irmão Quinto chegaram-me desde o dia 3 de junho até 29 de agosto. Mas, nesse dia, Livineio, liberto de Régulo,⁷⁷ veio a mim enviado por seu amo. Ele disse que, no conjunto, nenhuma proposta será feita, mas, apesar de tudo, teria havido uma conversa sobre o filho de Caio Clódio,⁷⁸ e ele me trouxe uma carta do irmão Quinto. Mas, no dia seguinte, vieram os moços de Séstio que trouxeram uma carta tua não tão explorada pelo temor quanto fora a fala de Livineio. De fato, estou inquieto na minha infinda tristeza, tanto mais que há o inquérito de Ápio.⁷⁹

2. Vejo que as outras coisas que me escreves na mesma carta sobre a minha esperança são mais débeis do que as outras. Mas, como não estou longe da hora em que a causa será julgada, recorrerei a ti ou então ainda me deterei nas imediações desses lugares.

3. O irmão me escreve que todos os seus bens são geridos só por ti. E por que ou te animaria por fazeres, ou agradeceria por não teres medo? Só queria que o destino me permitisse que, incólumes, gozemos totalmen-

⁷⁷ *Lucius Livineius Regulus* que Cícero considerava um amigo muito íntimo (*ad Fam.*, 13, 60).

⁷⁸ *Gaius Clodius*, irmão mais velho de Clódio, cujo filho mais velho acusara Quinto de crime financeiro.

⁷⁹ *Apus Claudius Pulcher*, irmão mais velho de Clódio, era pretor nomeado para 57 e fora encarregado de dirigir o processo contra Cícero.

lesta aut ueritas acerba sit. Data pr. Nonas
Sept.

te da nossa amizade. Sempre aguardo sobretudo as tuas cartas, nas quais evita temer que o teu zelo me seja molesto ou a tua franqueza amarga. Enviada em 4 de setembro.

XXI – (*Ad Att.*, III, 18)*Scr. Thessalonicae médio fere m.
Sept. a. 696/58.*

Cícero Attico salutem

1. Expectationem nobis non paruum attuleras cum scripseras Varronem tibi pro amicitia confirmasse causam nostram Pompeium certe suscepturum et, simul a Caesare ei litterae quas expectaret remissae essent, auctorem etiam daturum. Vtrum id nihil fuit, an aduersatae sunt Caesaris litterae, an est aliquid in spe? Etiam illud scripseras, eundem “secundum comitia” dixisse. 2. Fac, si uides quantis in malis iaceam et si putas esse humanitatis tuae, me fac de tota causa nostra certiore. Nam Q. frater, homo mirus, qui me tam ualde amat, omnia mittit spei plena metuens, credo, defectionem animi mei; tuae autem litterae sunt uariae; neque enim me desperare uis nec temere sperare. Fac, obsecro te, ut omnia quae perspicere a te possunt sciamus.

XXI – (*Ad Att.*, III, 18)*Escrita em Tessalônica,
em meados de setembro de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Produziras uma não pequena expectativa em mim quando escreveras que Varrão confirmou a ti, por amizade, que certamente Pompeu defenderá a minha causa e, logo que a carta que ele espera tenha sido enviada a ele por César, também apresentará o autor.⁸⁰ Acaso isso não ocorreu ou a carta de César foi contrária ou há algo sobre a esperança? Também escreveras que ele mesmo disse: “após os comícios”. 2. Informa-me, se vês que estou lançado em tão grandes males e se julgas ser da tua humanidade, informa-me sobre toda a minha causa. De fato, o irmão Quinto, homem admirável, que tão grandemente me ama, escreve tudo para a esperança, temendo, creio, pelo total abatimento do meu ânimo. Mas, as tuas cartas são variadas, pois nem queres que me desespere nem que cegamente espere. Faze, peço-te, com que eu saiba de tudo que pode ser cuidadosamente sondado por ti.

⁸⁰ Empregado no sentido jurídico: o autor da proposta de uma lei.

XXII – (*Ad Att.*, III, 19)

Scr. Thessalonicae XVI. K.
Oct. a. 696/58.

Cicero Attico salutem

1. Quod eiusmodi mihi a uobis litterae adferebantur ut aliquid ex iis esset expectandum, spe et cupiditate Thessalonicae retentus sum; postea quam omnis actio huius anni confecta nobis uidebatur, in Asiam ire nolui, quod et celebritas mihi odio est et, si fieret aliquid a nouis magistratibus, abesse longe nolebam. Itaque in Epirum ad te statui me conferre, non quo mea interesset loci natura qui lucem omnino fugerem, sed et ad salutem libentissime ex tuo portu proficiscar et, si ea praecisa erit, nusquam facilius hanc miserrimam uitam uel sustentabo uel, quod multo est melius, abiecero. Ero cum paucis, multitudinem dimittam.

2. Me tuae litterae numquam in tantam spem adduxerunt quantam aliorum; ac tamen mea spes etiam tenuior semper fuit quam tuae litterae. Sed tamen quoniam coeptum est agi, quoquo modo coeptum est et quacumque de causa, non deseram neque optimi atque unici fratris miseras ac luctuosas preces nec Sesti ceterorumque promissa nec spem aerumnosissimae mulieris Terentiae nec miserrimae [mulieris] Tulliolae obsecrationem et fidelis litteras tuas. Mihi Epirus aut iter ad salutem dabit aut quod scripsi supra.

XXII – (*Ad Att.*, III, 19)

Escrita em Tessalônica,
15 de setembro de 58.

Cícero saúda Ático

1. Visto que me eram enviadas cartas por ti de tal modo que algo pudesse ser esperado quanto ao processo, fui retido em Tessalônica pela esperança e pelo desejo de bem-estar. Depois que a ação de todo este ano me parecia concluída, não quero ir para a Ásia, pois a multidão me faz perder a paciência e, se ocorrer algo da parte dos novos magistrados, não queria estar distante. Logo, decidi recorrer a ti no Epiro, não porque me interessaria pela natureza do lugar (já que evitaria de todo a luz do dia), mas também parta com muito prazer do teu porto para o retorno e, se ele for impedido, em lugar algum suportarei mais facilmente esta vida tão miserável ou, o que é muito melhor, morrerei. Estarei com poucos, despedirei muitos.

2. As tuas cartas nunca me levaram a tanta esperança quanto às dos outros. Contudo, a minha esperança também sempre foi mais fraca do que as tuas cartas. Mas, já que começou a ser feito (de qualquer modo e por qualquer lugar começou sobre a causa), não frustrarei os tristes e dolorosos rogos do melhor e único dos irmãos nem as promessas de Séstio e dos demais nem a esperança de Terência, mulher infelicíssima, nem a prece ardente de Tuliazinha, mulher tão triste, e as

3. Te oro et obsecro, T. Pomponi, si me omnibus amplissimis, carissimis iucundissimisque rebus perfidia hominum spoliatum, si me a meis consiliariis proditum et proiectum uides, si intellegis me coactum ut ipse me et meos perderem, ut me tua misericordia iuues et Q. fratrem qui potest esse saluus sustentens, Terentiam liberosque meos tueare, me, si putas te istic uisurum, expectes, si minus, inuisas, si potes, mihique ex agro tuo tantum adsignes quantum meo corpore occupari potest, et pueros ad me cum litteris quam primum et quam saepissime mittas. Data XVI. Kal. Octobres.

tuas cartas fiéis. O Epiro me dará a via para a salvação ou o que escrevi acima.

3. Rogo-te e suplico-te, Tito Pompônio, se eu for despojado de todas as coisas muito nobres, caras e agradáveis pela perfídia dos homens, se vês que fui traído e deixado por meus conselheiros, se percebes que fui coagido para arruinar a mim mesmo e os meus, que me ajudes pela tua misericórdia e auxili-es o irmão Quinto que pode ser salvo; que protejas Terência e meus filhos; que me esperes, se pensas que me verás aí; caso contrário, que venhas me ver, se podes, e me dêes da tua propriedade tanto quanto pode ser ocupado pelo meu corpo e que me envies moços com cartas o mais cedo e o mais amigável possível. Enviada em 15 de setembro.

XXIII – (*Ad Att.*, III, 20)

Scr. Thessalonicae III. Non.
Oct. a. 696/58.

Q. Caecilio Q. f.
Pomponiano Attico.

1. Quod quidem ita esse et auunculum tuum functum esse officio uehementissime probo, gaudere me tum dicam, si mihi hoc uerbo licebit uti. Me miserum! quam omnia essent ex sententia, si nobis animus, si consilium, si fides eorum quibus credidimus non defuisset! Quae conligere nolo, ne augeam maerorem; sed tibi in mentem uenire certo scio quae uita esset nostra, quae suauitas, quae dignitas. Ad quae recuperanda, per fortunas! incumbere, ut facis, diemque natalium reditus mei cura ut in tuis aedibus amoenissimis agam tecum et cum meis. Ego huic spei et expectationi, quae nobis proponitur, maxime tamen uolui praestolari apud te in Epiro, sed ita ad me scribitur ut putem esse commodius nos eisdem in locis esse.

2. De domo et Curionis oratione ut scribis ita est. In uniuersa salute, si ea modo nobis restituetur, inerunt omnia; ex quibus nihil malo quam domum. Sed tibi nihil mando nominatim, totum me tuo amori fideique commendo.

Quod te in tanta hereditate ab omni occupatione expedisti, ualde mihi gratum est. Quod facultates tuas ad meam salutem

XXIII – (*Ad Att.*, III, 20)

Escrita em Tessalônica,
05 de outubro de 58.

A Quinto Cecílio, filho de
Quinto, Pompônio Ático.⁸¹

1. Aprovo muito fortemente o fato de ocorrer realmente assim e o teu tio materno ter cumprido o dever e direi que me alegro, se me for permitido usar esta palavra. Pobre de mim! Como tudo seria segundo o meu desejo, se ânimo para mim, se conselho, se a lealdade daqueles em que confei não tivesse faltado! Nisso não quero refletir para que não aumente a minha tristeza; mas sei com certeza que lembras que vida era a minha, que bom gosto, que dignidade. Para eu recuperar essas coisas (pelo que há de mais caro!), aplica-te, como fazes, e trata do dia do nascimento da minha volta para que, em tuas moradas tão amenas, eu o passe contigo e com os meus. Mas, esta esperança e expectativa, que me é exposta, quis aguardar momentalmente junto a ti no Epiro, mas assim me é escrito como eu julgue ser mais conveniente que eu esteja nos mesmos lugares.

2. Quanto à minha casa e o discurso de Curião, como escreves, assim convém. Sobre a completa salvação, se ao menos a casa me for restituída, todas as coisas se acharam, dentre as quais nada prefiro a ela. Mas, não te incumbo de nada nominalmente; confio-

⁸¹ Ático fora adotado por seu tio, *Quintus Caecilius*, tornando-se, pois, seu filho e herdeiro de sua grande fortuna.

polliceris ut omnibus rebus a te praeter ceteros iuuer, id quantum sit praesidium uideo intelligoque te multas partis meae salutis et suscipere et posse sustinere neque ut ita facias rogandum esse. **3.** Quod me uetas quicquam suspicari accidisse ad animum tuum quod secus a me erga te commissum aut praetermissum uideretur, geram tibi moerem et liberabor ista cura, tibi tamen eo plus debebo quo tua in me humanitas fuerit excelsior quam in te mea. Velim quid uideas, quid intelligas, quid agatur ad me scribas tuosque omnis ad nostram salutem adhortere.

Rogatio Sestii neque dignitatis satis habet nec cautionis. Nam et nominatim ferri oportet et de bonis diligentius scribi, et id animaduertas uelim. Data III. Nonas Octobres Thessalonicae.

me todo ao teu amor e à tua lealdade.

O fato de que em meio a tão grande herança te livraste de toda distração, muito me alegrou. Como ofereces os teus bens para a minha salvação, de modo que eu seja ajudado por ti em tudo mais do que pelos outros, vejo quão grande ajuda isso seja e percebo que tu, em muitas partes do meu retorno, amparas tanto quanto é possível sustentar e nem deve ser rogado que assim faças. **3.** Como me impedes de supor que algo chegou à tua mente, pelo que, contrariamente, uma falta foi cometida por mim para contigo, ou parecesse que foste olvidado, farei o que queres e estarei livre desse incômodo; mas, por isso te deverei mais já que a tua bondade para comigo teria sido maior do que a minha para contigo. Gostaria que me relatasses o que visses, que percebesses, que fosse feito e que exortasses todos os teus sobre a minha volta.

O projeto de lei de Séstio não tem bastante dignidade nem precaução.⁸² De fato, é preciso que seja apresentada nominalmente e escrita com mais cuidado quanto aos meus bens, e gostaria que olhasses isso. Enviada em 5 de outubro, de Tessalônica.

⁸²Tanto Séstio quanto Fádio, tribunos nomeados para 57, haviam preparado um projeto de lei favorável a Cícero. Ele aprovou o de Fádio, mas considerou o de Séstio insatisfatório.

XXIV – (*Ad Fam.*, XIV, 2)

*Scr. Thessalonicae III. Non.
Oct. a.. 696/58.*

Tullius s. d. Terentiae suae et Tulliolae et
Ciceroni suis.

1. Noli putare me ad quemquam longiores epistulas scribere, nisi si quis ad me plura scripsit, cui puto rescribi oportere. Nec enim habeo quid scribam nec hoc tempore quicquam difficilium facio. Ad te uero et ad nostram Tulliolam non queo sine plurimis lacrimis scribere. Vos enim uideo esse miserimas, quas ego beatissimas semper esse uolui, idque praestare debui et, nisi tam timidi fuissetis, praestitissetis.

2. Pisonem nostrum merito eius amo plurimum. Eum, ut potui, per litteras cohortatus sum gratiasque egi, ut debui. In nouis tr. pl. intellego spem te habere. Id erit firmum, si Pompei uoluntas erit; sed Crassum tamen metuo. A te quidem omnia fieri fortissime et amantissime uideo nec miror, sed maereo casum eius modi ut tantis tuis miseriis meae miseriae subleuentur. Nam ad me P. Valerius, homo officiosus, scripsit, id quod ego maximo cum fletu legi, quemadmodum a Vestae ad tabulam Valeriam ducta esses. Hem, mea lux, meum desiderium, unde omnes opem petere solebant! Te nunc, mea Terentia, sic uexari, sic iacere in lacri-

XXIV – (*Ad Fam.*, XIV, 2)

*Escrita em Tessalônica,
05 de outubro de 58.*

Túlio saúda sua Terência e os filhos
Tuliazinha e Cícero.

1. Não penses que escrevo cartas mais longas a alguém, salvo se me escreveu mais, ao qual julgo ser preciso escrever em resposta. De fato, nem tenho o que escrever nem faço nada com mais dificuldade agora. A verdade é que a ti e à nossa Tuliazinha não posso escrever sem muitas lágrimas. Realmente, vejo que estais muito infelizes, aquelas que eu sempre quis que fossem muito felizes; e isso eu deveria garantir e, se não tivesse sido tão medroso, teria garantido.

2. Amo muito o nosso Pisão por mérito dele. A ele, como pude, exortei por carta e agradei, como devia. Nos novos tribunos da plebe vejo que tens esperança. Isso será seguro, se for a vontade de Pompeu. Porém, temo Crasso. Vejo que, sem dúvida, tudo é feito por ti de forma muito corajosa e amorosa e não me admiro, mas lamento ser a queda de tal forma que as minhas misérias sejam aliviadas pelas tuas tão grandes misérias. Com efeito, P. Valério,⁸³ homem obsequioso, escreveu-me isso que li com o máximo pranto: como terias sido levada do templo de Vesta⁸⁴ à tabula Valéria.⁸⁵ Ah! minha

⁸³ Banqueiro amigo de Cícero e de Ático.

⁸⁴ Deusa do fogo, filha de Saturno e de Ops.

⁸⁵ Local onde *Manius Valerius Messala* mandara representar em um quadro suas vitórias na 1ª Guerra Púnica.

mis et sordibus, idque fieri mea culpa, qui ceteros seruauī, ut nos periremus!

3. Quod de domo scribis, hoc est de area, ego uero tum denique mihi uidebor restitutus, si illa nobis erit restituta. Verum haec non sunt in nostra manu; illud doleo, quae impensa faciendast, in eius partem *te* miseram et despoliatam uenire. Quod si conficitur negotium, omnia consequemur; sin eadem nos fortuna premet, etiamne reliquias tuas misera proicies? Obsecro te, mea uita, quod ad sumptum attinet, sine alios, qui possunt si modo uolunt, sustinere et ualetudinem istam infirmam, si me amas, noli uexare. Nam mihi ante oculos dies noctesque uersaris; omnis labores te excipere uideo; timeo ut sustineas. Sed uideo in te esse omnia. Quare, ut id quod speras et quod agis consequamur, serui ualetudini.

4. Ego ad quos scribam nescio, nisi ad eos qui ad me scribunt, aut ad eos de quibus ad me uos aliquid scribitis. Longius, quoniam ita uobis placet, non discedam; sed uelim quam saepissime litteras mittatis, praesertim si quid est firmitus quod speremus. Valete, mea desideria, ualete. D. a. d. III. Non. Oct. Thessalonica.

luz, meu desejo, a quem todos costumavam pedir ajuda! Então, minha Terência, assim eras afligida, assim jazias em lágrimas e em aflições, e isso ocorria por minha culpa, pois preservei os outros para que perecêssemos!

3. Quanto ao que escreves sobre a casa, isto é, sobre o terreno, eu, de fato, só então parecerei restituído a mim quando ela nos for restituída. Mas, estas coisas não estão em nossa mão. Sofro isto: que o gasto que deve ser feito, para parte dele tu, triste e arruinada, concorres. Pois, se o negócio é fechado, obteremos tudo. Mas, se a mesma sina nos oprimir, ó infeliz, também lançarás para diante o que te resta? Peço-te, minha vida: quanto à despesa, deixa os outros que podem, se ao menos querem, suportar; e essa fraca saúde, se me amas, não abales. Na verdade, passas-me diante dos olhos de dia e de noite; vejo que sofres todas as dores; temo que não suportes. Mas, vejo que estás em tudo. Logo, para que alcancemos o que esperas e que executas, atende à tua saúde.

4. Não sei a quem escrever a não ser aos que me escrevem ou àqueles sobre quem me escreveis algo. Para mais longe não irei, pois assim vos agrada. Mas, queria que enviásseis cartas o mais amiúde possível, mormente se o que esperamos está mais firme. Adeus, meus desejos, adeus. Enviada em 5 de outubro, de Tessalônica.

XXV – (*Ad Att.*, III., 21)

Scr. Thessalonicae V. Kal.
Nou. a. 696/58.

Cicero Attico salutem

Triginta dies erant ipsi, cum has dabam litteras, per quos nullas a uobis acceperam. Mihi autem erat in animo iam, ut antea ad te scripsi, ire in Epirum et ibi omnem casum potissimum expectare. Te oro ut, si quid erit quod perspicias quamcumque in partem, quam planissime ad me scribas et meo nomine, ut scribis, litteras quibus putabis opus esse ut des. Data V. Kal. Nouembris

XXV – (*Ad Att.*, III., 21)

Escrita em Tessalônica,
28 de outubro de 58.

Cícero saúda Ático

Quando envio esta carta, há exatamente trinta dias durante os quais nenhuma recebi de ti. Mas, como antes te escrevi, eu já tinha em mente ir para o Epiro e ali preferentemente esperar qualquer resultado. Se ocorrer o que verias em qualquer direção, rogo-te que me escrevas o mais claro possível e que em meu nome, como escreves, envies cartas a quem achares necessário. Enviada em 28 de outubro.

XXVI – (*Ad Att.*, III, 22)

*Scr. partim Thessalonicae, partim Dyrrachii
VI. Kal. Dec. a. 696 /58.*

Cicero Attico salutem

1. Etsi diligenter ad me Q. frater et Piso quae essent acta scripserant, tamen uellem tua te occupatio non impedisset quo minus, ut consuesti, ad me quid ageretur et quid intelligeres perscriberes. Me adhuc Plancius liberalitate sua retinet iam aliquotiens conatum ire in Epirum. Spes homini est iniecta non eadem quae mihi, posse nos una decedere; quam rem sibi magno honori sperat fore. Sed iam, cum aduentare milites dicentur, faciendum nobis erit ut ab eo discedamus. Quod cum faciemus, ad te statim mittemus, ut scias ubi simus. 2. Lentulus suo in nos officio, quod et re et promissis et litteris declarat, spem nobis nonnullam affert Pompeii uoluntatis; saepe enim tu ad me scripsisti eum totum esse in illius potestate. De Metello scripsit ad me frater quantum speraret profectum esse per te. 3. Mi Pomponi, pugna ut tecum et cum meis mihi liceat uiuere et scribe ad me omnia. Premor cum luctu, tum desiderio omnium rerum quae mihi me cariores semper fuerunt. Cura ut ualeas.

4. Ego quod per Thessaliam si irem in Epirum perdiu nihil eram auditurus et quod mei studiosos habeo Dyrrachinos, ad eos perrexi, cum illa superiora Thessalonicae

XXVI – (*Ad Att.*, III, 22)

*Escrita parte em Tessalônica parte em
Dirrácio, 25 de novembro de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Embora o irmão Quinto e Pisão tenham me escrito com zelo as ações que se davam, todavia gostaria que a tua ocupação não te impedisse, de modo que não me escrevesse, como estás acostumado, o que seria feito e o que perceberias. Até agora Plânicio, por sua liberalidade, já algumas vezes me contém o esforço de ir para o Epiro. A esperança lançada sobre ele não é a mesma para mim: poderemos nos retirar juntos. E isso ele espera que lhe ocorrerá para grande honra. Mas agora, que se divulgou que os soldados se aproximam, deverá ser feito a mim de modo que me retire deste lugar.⁸⁶ Quando fizer isso, logo enviarei a ti para que saibas onde eu esteja. 2. Lêntulo, pela consideração que me declara através do modo de vida, das promessas e das cartas, me traz alguma esperança da vontade de Pompeu; de fato, muitas vezes me escreveste que ele está totalmente sob a autoridade deste. Quanto a Metelo, meu irmão me escreveu quão grande avanço ele espera ocorrer através de ti. 3. Meu Pompônio, luta para que me seja permitido viver contigo e com os meus, e escreve-me todas as coisas. Sou oprimido tanto pela aflição quanto pela sal-

⁸⁶ Quando Lúcio Pisão, cônsul de 58 e inimigo de Cícero, viajou para a Macedônia, província que lhe fora destinada após o consulado.

scripsissem. Inde cum ad te me conuertam, faciam ut scias, tuque ad me uelim omnia quam diligentissime cuicumodi sunt scribas. Ego iam aut rem aut ne spem quidem expecto. Data VI. Kal. Decembr. Dyrrachii.

dade de tudo que para mim sempre foi mais caro do que eu. Cuida para que estejas bem.

4. Já que, se eu fosse para o Epiro pela Tessália, durante muito tempo nada ouviria; e já que tenho os dirraquianos como protetores, dirigi-me a eles depois de escrever as coisas anteriores em Tessalônica. Daqui, farei com que saibas quando irei a ti e gostaria que me escrevesse tudo o mais detalhadamente possível seja como for. Doravante, espero a realidade ou só a esperança. Enviada em 25 de novembro, de Dirráquio.

XXVII – (*Ad Fam.*, XIV, 1)

*Scr. partim Thessalonicae, partim Dyrrachii
a. d. VI. Kal. Dec. a. 696/58.*

Tullius Terentiae suae, Tulliolae suae,
Ciceroni suo salutem dicit.

1. Et litteris multorum et sermone omnium perfertur ad me incredibilem tuam uirtutem et fortitudinem esse teque nec animi neque corporis laboribus defatigari. Me miserum! te ista uirtute, fide, probitate, humanitate in tantas aerumnas propter me incidisse, Tulliolamque nostram, ex quo patre tantas uoluptates capiebat, ex eo tantos percipere luctus! Nam quid ego de Cicerone dicam? qui cum primum sapere coepit, Acerbissimos dolores miseriasque percepit. Quae si, tu ut scribis, “fata facta” putarem, ferrem paulo facilius; sed omnia sunt mea culpa commissa, qui ab iis me amari putabam qui inuidebant, eos non sequebar qui petebant.

2. Quod si nostris consiliis usi essemus neque apud nos tantum ualuisset sermo aut stultorum amicorum aut improborum, beatissimi uiueremus. Nunc quoniam sperare nos amici iubent, dabo operam ne mea uale tudo tuo labori desit. Res quanta sit intellego quantoque fuerit facilius manere domi quam redire; sed tamen si omnis tr. pl. habemus, si Lentulum tam studiosum quam uidetur, si uero etiam Pompeium et Caesarem, non est desperandum.

3. De familia quomodo placuisse scribis amicis faciemus. De loco nunc quidem iam

XXVII – (*Ad Fam.*, XIV, 1)

*Escrita parte em Tessalônica parte em
Dirráquio, 25 de novembro de 58.*

Túlio saúda sua Terência, sua Tuliazinha e seu Cícero.

1. Tanto pelas cartas de muitos quanto pela fala de todos me é anunciado serem incriveis a tua virtude e a tua coragem e que nem de alma nem de corpo és afadigada pelas provações. Ai de mim! Tu com tal coragem, fidelidade, integridade, bondade ter caído em tão grandes provações por minha causa, e a nossa Tuliazinha, quanto mais do pai tão grandes alegrias obtinha, tanto mais tão grandes aflições receber! Ora, o que direi sobre Cícero? Que logo que começa a ter discernimento, conheceu as dores e as misérias agudíssimas, as quais, se eu julgasse (como escreves) “feitas pelo destino”, suportaria um pouco mais facilmente. Mas, tudo começou por minha culpa, pois julgava ser amado pelos que me invejavam, não ouvia os que me buscavam. 2. Se tivesse usado os meus conselhos, nem teria prevalecido tanto para comigo a fala ou dos amigos estultos ou dos ímprobos: viveria muito feliz. Agora, já que os amigos me mandam esperar, esforçar-me-ei para que a minha saúde não falte ao teu empenho. Vejo quão grande seja o trabalho e como teria sido mais fácil ficar em casa do que voltar. Contudo, se temos todos os tribunos da plebe; se Léntulo está tão dedicado quanto parece; se, de fato,

abiit pestilentia, sed quam diu fuit me non attigit. Plancius, homo officiosissimus, me cupit esse secum et adhuc retinet. Ego uolebam loco magis deserto esse in Epiro, quo neque L. Piso ueniret nec milites, sed adhuc Plancius me retinet; sperat posse fieri ut mecum in Italiam decedat. Quem ego diem si uidero et si in uestrum complexum uenero ac si et uos et me ipsum recuperaro, satis magnum mihi fructum uidebor percepisse et uestrae pietatis et meae.

4. Pisonis humanitas, uirtus, amor in omnibus nos tantus est ut nihil supra possit. Vt nam ea res ei uoluptati sit! gloriae quidem uideo fore. De Q. fratre nihil ego te accusaui, sed uos, cum praesertim tam pauci sitis, uolui esse quam coniunctissimos. **5.** Quibus me uoluisti agere gratias egi et me a te certorem factum esse scripsi.

Quod ad me, mea Terentia, scribis te uicum uendituram, quid, obsecro te, me miserum! quid futurum est? et si nos premet eadem fortuna, quid puero misero fiet? Non queo reliqua scribere; tanta uis lacrimarum est; neque te in eundem fletum adducam. Tantum scribo: si erunt in officio amici, pecunia non derit; si non erunt, tu efficere tua pecunia non poteris. Per fortunas miseras nostras, uide ne puerum perditum perdamus; cui si aliquid erit ne egeat, mediocri uirtute opus est et mediocri fortuna ut cetera consequatur.

6. Fac ualeas et ad me tabellarios mittas,

também Pompeu e César, não se deve desesperar.

3. Quanto aos escravos, fazemos como escreves ter agradado aos amigos. Quanto ao local, agora realmente a epidemia já cessou; mas, enquanto durou, não me atingiu. Plânicio, homem muito atencioso, deseja que eu esteja consigo e ainda me retém. Eu queria estar no Epiro, lugar mais deserto, para onde nem Lúcio Pisão nem os soldados fossem, mas Plânicio ainda me retém; espera ser possível ocorrer que parta comigo para a Itália. Se eu vir esse dia e se voltar para os vossos braços e se recuperar a vós e a mim mesmo, parecerei ter colhido para mim um fruto bastante grande do vosso amor e do meu.

4. A bondade, a virtude, o amor de Pisão por todos nós é tão grande de modo que nada seja capaz de mais. Oxalá isso lhe seja para prazer! Para glória, por certo, vejo que será. Sobre o irmão Quinto, nada te censurarei, mas, mormente por serdes tão poucos, queria que fôsseis o mais unidos possível. **5.** A quem quiseste que agradecesse, agradecei e escrevi que sou informado por ti.

Como me escreves, minha Terência, que venderás a propriedade no campo, o que, ora dize-me (ai de mim!), o que há de ocorrer? E, se a mesma sina nos oprime, o que sucederá ao pobre menino? Não posso escrever o restante, tão grande é a força das lágrimas, nem te levarei ao mesmo pranto. Só escrevo que, se os amigos cumprem o dever, o

ut sciam quid agatur et uos quid agatis. Mihi omnino iam brevis expectatio est, Tulliolae et Ciceroni salutem dic. Valet. D. a, d. VI. K. Decemb. Dyrrhachii.

7. Dyrrhachium ueni, quod et libera ciuitas est et in me officiosa et proxima Italiae; sed si offendet me loci celebritas, alio me conferam, ad te scribam.

dinheiro não faltará; do contrário, não poderás obter o teu dinheiro. Devido às nossas míseras condições, cuida para que não percamos o perdido menino, o qual, se algo ocorrer para que não esteja na pobreza, é preciso que obtenha as demais coisas através de uma coragem e de uma sorte medianas.

6. Faze de modo que estejas bem e me envies os mensageiros para que eu saiba o que seria feito e o que vós fazeis. Para mim, a expectativa já é totalmente limitada. Saúda Tuliuzinha e Cícero. Adeus. Enviada em 25 de novembro, de Dirráquio.

7. Vim para Dirráquio porque a cidade é livre, atenciosa para comigo e próxima da Itália. Mas, se a afluência do lugar me enfiar, irei para outro lugar; a ti escreverei.

XXVIII – (*Ad Att.*, III, 23)*Scr. Dyrrachii pr. Kal.
Dec. a. 696 /58.*

Cícero Attico salutem

1. A. d. v. Kal. Decembr. tres epistulas a te accepi, unam datam a. d. VIII. Kal. Nouembres, in qua me hortaris ut forti animo mensem Ianuarium expectem eaque quae ad spem putas pertinere de Lentuli studio, de Metelli uoluntate, de tota Pompeii ratione perscribis. In altera epistula praeter consuetudinem tuam diem non adscribis sed satis significas tempus; lege enim ab octo tr. pl. promulgata scribis te eas litteras eo ipso die dedisse, id est a. d. IIII. Kal. Nouembres, et quid putes utilitatis eam promulgationem adtulisse perscribis. In quo, si iam nostra salus cum hac lege desperata erit, uelim pro tuo in me amore hanc inanem meam diligentiam miserabilem potius quam ineptam putes; sin est aliquid spei, des operam ut maiore diligentia posthac a nostris magistratibus defendamur. 2. Nam ea ueterum tr. pl. rogatio tria capita habuit, unum de reditu meo scriptum incaute; nihil enim restituitur praeter ciuitatem et ordinem, quod mihi pro meo casu satis est; sed quae cauenda fuerint et quo modo te non fugit. Alterum caput est tralaticium de impunitate, SI QUID CONTRA ALIAS LEGES EIVS LEGIS ERGO FACTVM SIT. Tertium caput, mi Pomponi, quo consilio et

XXVIII – (*Ad Att.*, III, 23)*Escrita em Dirráquio,
29 de novembro de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Em 26 de novembro recebi três cartas tuas. A primeira enviada em 25 de outubro na qual me exortas a esperar o mês de janeiro com coragem e relatas as coisas sobre o empenho de Lêntulo que julgas concernirem à esperança, da vontade de Metelo, de todo o plano de Pompeu. Na segunda epístola, contra o teu costume, não pões a data, mas indicas suficientemente a conjuntura, pois escreves que, promulgada a lei por oito tribunos da plebe, escreveste essa carta nesse mesmo dia, isto é, em 29 de outubro, e relatas o que achas ter criado de utilidade tal promulgação. Por isso, se agora com essa lei a minha volta estará sem esperanças, gostaria que, pelo teu amor para comigo, julgasses esse meu inútil cuidado mais digno de compaixão antes que tolo. Mas, se há alguma esperança, esforça-te para que doravante eu seja defendido pelos nossos magistrados com maior empenho. 2. De fato, o projeto de lei dos antigos tribunos tinha três artigos: o primeiro, acerca da minha volta, escrito sem cautela, pois nada é restituído salvo a cidadania e a classe social, o que para mim, no interesse do meu caso, é suficiente, mas as garantias que deveriam ter sido dadas e co-

quo sit inculcatum uide. Scis enim Clodium sanxisse ut uix aut ut omnino non posset nec per senatum nec per populum infirmari sua lex. Sed uides numquam esse obseruatas sanctiones earum legum quae abrogarentur. Nam si id esset, nulla fere abrogari posset; neque enim ulla est quae non ipsa se saepiat difficultate abrogationis. Sed cum lex abrogatur, illud ipsum abrogatur quomodo eam abrogari oporteat. **3.** Hoc quom et re uera ita sit et cum semper ita habitum obseruatumque sit, octo nostri tr. pl. caput posuerunt hoc: SI QUID IN HAC ROGATIONE SCRIPTVM EST QVOD PER LEGES PL. VE SC., hoc est quod per legem Clodiam, PROMVLGARE, ABROGARE, DEROGARE, OBROGARE SINE FRAUDE SVA NON LICEAT, NON LICVERIT, QVODVE EI QVI PROMVLGAVIT, ABROGAVIT, DEROGAVIT, OBROGAVIT, OB EAM REM POENAE MVLTAEVE SIT, E. H. L. N. R. **4.** Atque hoc in illis tr. pl. non laedebat; lege enim collegii sui non tenebantur. Quo maior est suspicio malitiae aliquoius, cum id quod ad ipsos nihil pertinebat, erat autem contra me, scripserunt, ut noui tr. pl., si essent timidiores, multo magis sibi eo capite utendum putarent. Neque id a Clodio praetermissum est; dixit enim in contione a. d. III. Nonas Nouembres hoc capite designatis tr. pl. praescriptum esse quid liceret. Tamen in lege nulla esse eiusmodi caput te non fallit, quod si opus esset, omnes in abrogando uterentur. Vt Ninnium aut ceteros fugerit inuestiges uelim et quis

mo não te escapam. O segundo artigo é comum quanto à impunidade: SI ALGO CONTRA OUTRAS LEIS, POR CAUSA DESTA LEI TERIA FEITO. O terceiro artigo, meu Pompônio, verifica com que propósito e por quem teria sido inserido. Por certo, sabes que Clódio ordenou que sua lei não poderia ser anulada, escassamente ou no conjunto, nem pelo Senado nem pelo povo. Mas percebes que nunca se observaram as sanções das leis que seriam anuladas. Com efeito, se isso ocorresse, quase nenhuma poderia ser abrogada, pois nenhuma há que a si mesma não se cerque com dificuldade de anulação. Mas, quando uma lei é abrogada, aquilo mesmo é anulado como é preciso ela ser abrogada. **3.** Embora isso assim seja por fato verdadeiro e embora sempre assim seja cumprido e observado, nossos oito tribunos da plebe propuseram este artigo: SE O QUE NESTA LEI FOI ESCRITO, AINDA QUE PELAS LEIS, PLEBISCITOS OU DECRETOS DO SENADO (isso é, ainda que pela lei Clódia), PROMULGAR, ABROGAR, DEROGAR, OBROGAR SEM DANO SEU NÃO SE PERMITA, NÃO SE PERMITIRÁ A QUALQUER QUE SEJA AQUELE QUE PROMULGOU, ABROGOU, DEROGOU, OBROGOU: POR CAUSA DISSO PENAS OU MULTAS HAJA. DELE NADA É PROPOSTO POR ESTA LEI. **4.** E isto não afetava aqueles tribunos da plebe, pois não estavam sujeitos à lei de seus pares. Logo, maior é a suspeita da malícia de alguém ao redigirem isso que não se referia a eles mesmos, mas

attulerit et quare octo tr. pl. ad senatum de me referre non dubitarint, siue... siue quod obseruandum illud caput non putabant, eidem in abrogando tam cauti fuerint ut id metuerent, soluti cum essent, quod ne iis quidem qui lege tenentur est curandum. Id caput sane nolim nouos tr. pl. ferre; sed perferant modo quidlibet; uno capite quo reuocabor, modo res conficiatur, ero contentus. Iam dudum pudet tam multa scribere; uereor enim ne re iam desperata legas, ut haec mea diligentia miserabilis tibi, aliis irridenda uideatur. Sed si est aliquid in spe, uide legem quam T. Fadio scripsit Visellius. Ea mihi perplacet; nam Sestii nostri quam tu tibi probari scribis mihi non placet.

5. Tertia est epistula pridie Idus Novembr. data, in qua exponis prudenter et diligenter quae sint quae rem distingere uideantur, de Crasso, de Pompeio, de ceteris. Quare oro te ut, si qua spes erit posse studiis bonorum, auctoritate, multitudine comparata rem confici, des operam ut uno impetu perfringatur, in eam rem incumbas ceterosque excites. Sin, ut ego perspicio cum tua coniectura tum etiam mea, spei nihil est, oro obtestorque te ut Q. fratrem ames quem ego miserum misere perdidisti neque quid eum pati-are grauius consulere de se quam expediat sororis tuae filio, meum Ciceronem cui nihil misello relinquo praeter inuidiam et ignominiam nominis mei tueare quoad poteris, Terentiam, unam omnium aerumnosissimam,

era contrário a mim, de modo que, se os novos tribunos fossem mais receosos, muito mais julgariam que nesse artigo deve ser usado para si. E isso não foi desprezado por Clódio, pois ele disse em discurso, no dia 3 de novembro, que neste artigo seria permitido ser algo prescrito para os tribunos designados. Porém, na lei nada há. Deste modo o artigo não te engana porque, se fosse preciso, todos o usariam abrogando. Gostaria que sondasses como Nínio ou os demais teriam fugido e quem produziu o artigo e por que os oito tribunos não hesitaram em expor sobre mim ao Senado ou... ou por que não julgavam que aquele artigo deve ser observado, tão precavidos teriam sido para com o mesmo ao anulá-lo que isso temeriam, embora isentos, já que só aos que estão sujeitos à lei deve ser aplicado. Não gostaria que os novos tribunos apresentassem esse artigo por inteiro; mas tão somente façam aprovar qualquer que seja. Como por um só artigo serei chamado de volta, estarei satisfeito tão somente o processo se conclua. Há muito tempo causa vergonha escrever tão longamente, pois temo que já não leias sobre uma causa sem esperanças, de modo que este meu cuidado, digno de compaixão para ti, parecesse aos outros que deve ser ridicularizado. Mas, se há algo relativo à esperança, examina a lei que Caio Visélio redigiu para Túlio Fádio. Ela muito me agrada. Quanto à de nosso Séstio, que dizes aprovar, não me

sustentes tuis officiis. Ego in Epirum proficiscar quom primorum dierum nuntios excepero. Tu ad me uelim proximis litteris ut se initia dederint perscribas. Data pridie Kal. Decembr.

agrada.

5. A Terceira carta foi enviada em 12 de novembro, na qual explicas prudente e diligentemente os fatos que parecem dividir o processo de acordo com Crasso, com Pompeu, com os outros. Por isso te peço que, se houver alguma esperança de poder o processo ser concluído pelos esforços dos bons, pela autoridade, pela multidão reunida, que te esforces para que por um só movimento seja abatido, te apliques a essa causa e animes os outros. Mas se, como entendo pela tua conjectura e também pela minha, nada há de esperança, peço-te e rogo-te que ames o mísero irmão Quinto do qual infelizmente causei a ruína e que não sofras mais fortemente por ele tomar uma decisão sobre o filho de tua irmã da qual se livraria; que, enquanto puderes, cuides do meu Cícero, ao qual, pobrezinho, nada deixo senão a odiosidade e a desonra do meu nome; que, por teus deveres de amizade, cuides de Terência, a primeira de todas as mais infelizes. Irei para o Epiro logo que receber as notícias dos primeiros dias. Gostaria que me relatasses na próxima carta como se deram os começos. Enviada em 29 de novembro.

XXIX – (*Ad Fam.*, XIV, 3)

*Scr. Dyrrhachii pr. Kal.
Dec. a. 696/58.*

Tullius s. d. Terentiae suae et Tulliae et
Ciceroni.

1. Accepi ab Aristocrito tres epistulas, quas ego lacrimis prope deleui; conficior enim maerore, mea Terentia, nec meae miseriae magis excruciant quam tuae uestraeque; ego autem hoc miserior sum quam tu, quae es miserrima, quod ipsa calamitas communis est utriusque nostrum, sed culpa mea propria est. Meum fuit officium uel legatione uitare periculum uel diligentia et copiis resistere uel cadere fortiter. Hoc miserius, turpius, indignius nobis nihil fuit. 2. Quare cum dolore conficiat tum etiam pudore; pudet enim me uxori meae optimae, suauissimis liberis uirtutem et diligentiam non praestitisse. Nam mi ante oculos dies noctesque uersatur squalor uester et maeror et infirmitas ualetudinis tuae, spes autem salutis pertenuis ostenditur. Inimici sunt multi, inuidi paene omnes; eicere nos magnum fuit, excludere facile est. Sed tamen quamdiu uos eritis in spe, non deficiam, ne omnia mea culpa cecidisse uideantur.

3. Vt tuto sim, quod laboras, id mihi nunc facillimum est, quem etiam inimici uolunt uiuere in tantis miseriis; ego tamen faciam quae praecipis. Amicis quibus uoluisti egi

XXIX – (*Ad Fam.*, XIV, 3)

*Escrita em Dirráquio,
29 de novembro de 58.*

Túlio saúda a sua Terência,
Túlia e Cícero.

1. Recebi três epístolas de Aristócrito⁸⁷ que eu quase apaguei com lágrimas. De fato, sou consumido pela tristeza, minha Terência, e as minhas infelicidades não me atormentam mais do que as tuas e as vossas. Porém, nisto sou mais infeliz do que tu, que és muito infeliz: porque o mal em si pertence a nós dois, mas a culpa é minha própria. Meu dever era evitar o perigo pela embaixada⁸⁸ ou resistir com diligência e com tropas ou cair corajosamente no combate. Por isso, nada mais infeliz, mais torpe, mais indigno houve para nós. 2. Assim, serei consumido não só pela dor, mas também pela vergonha, porque me envergonho de não ter mostrado coragem e zelo à minha excelente esposa, aos filhos tão agradáveis. De fato, passa diante dos meus olhos de dia e de noite a vossa aflição e tristeza e a tua saúde debilitada, mas a esperança de salvação é posta diante dos olhos muito fraca. Os inimigos são muitos; os invejosos, quase todos. Foi difícil me exilar; é fácil não me deixar entrar. Mas, apesar de tudo, enquanto estiverdes na esperança, não desanimarei para que tudo não pareça ter acontecido por minha culpa.

⁸⁷ Talvez um escravo ou um liberto.

⁸⁸ Em 59, César convidara Cícero para ser seu lugar-tenente na Gália a fim de livrá-lo de Clódio. Cícero recusou.

gratias et eas litteras Dexippo dedi meque de eorum officio scripsi a te certiore esse factum. Pisonem nostrum mirifico esse studio in nos et officio et ego perspicio et omnes praedicant. Di faxint ut tali genero mihi praesenti tecum simul et cum liberis nostris frui liceat! Nunc spes reliqua est in nouis tr. pl. et in primis quidem diebus; nam si inuenterit, actum est. **4.** Ea re ad te statim Aristocritum misi ut ad me continuo initia rerum et rationem totius negotii posses scribere; etsi Dexippo quoque ita imperaui, statim ut recurreret, et ad fratrem misi ut crebro tabellarios mitteret. Nam ego eo nomine sum Dyrhachii hoc tempore, ut quam celerrime quid agatur audiam, et sum tuto; ciuitas enim haec semper a me defensa est. Cum inimici nostri uenire dicentur, tum in Epirum ibo.

5. Quod scribis te, si uelim, ad me uenturam, ego uero, cum sciam magnam partem istius oneris abs te sustineri, te istic esse uolo. Si perficitis quod agitis, me ad uos uenire oportet; sin autem - sed nihil opus est reliqua scribere. Ex primis aut summum secundis litteris tuis constituere poterimus quid nobis faciendum sit. Tu modo ad me uelim omnia diligentissime perscribas; etsi magis iam rem quam litteras debeo expectare. Cura ut ualeas et ita tibi persuadeas, mihi te carius nihil esse nec umquam fuisse. Vale, mea Terentia; quam ego uidere uideor itaque debitor lacrimis. Vale. PR. Kal. Dec.

3. Para que eu esteja seguro, visto que te inquietas, isso agora é o mais fácil para mim, que os inimigos também querem que eu viva em tão grandes misérias. Mas, farei o que recomendas. Aos amigos aos quais quiseste agradecer e enviei aquelas cartas a Dexipo⁸⁹ e escrevi que eu fui informado por ti sobre o benefício deles. Tanto eu reconheço quanto todos proclamam que o nosso Pisão também está cumprindo o dever para conosco com empenho admirável. Façam os deuses com que ele me seja dado e que me seja permitido desfrutar de tal genro junto contigo e com os nossos filhos! Agora, a esperança que resta está nos novos tribunos da plebe e precisamente nos primeiros dias, pois, se for protelado, foi julgado. **4.** Por isso, imediatamente te enviei Aristócrito para que, sem demora, possas me escrever os inícios das ações e a marcha de todo o processo, embora a Dexipo também assim tenha ordenado que voltasse logo, e escrevi ao irmão que ele enviasse mensageiros sem interrupção. Com efeito, por isso agora estou em Dirráquio: para que o mais rápido possível ouça o que seja feito. E estou seguro, pois toda a cidade foi defendida por mim. Quando se disser que os meus inimigos se aproximam, então irei para o Epiro.

5. Como escreves que, se eu quiser, virás a mim, eu, de fato, embora saiba que a maior parte desta carga é sustentada por ti, dese-

⁸⁹ Um escravo de Cícero.

jo que estejas aqui. Se terminais o que fazeis, é preciso que eu vá a vós. Caso contrario... Mas não é preciso escrever o restante. Depois da primeira ou quando muito da tua segunda carta, poderemos decidir o que nos deva ser feito. Gostaria apenas que me relatastes todas as coisas o mais detalhadamente, embora agora eu deva esperar um resultado mais do que cartas. Cuida para que estejas bem e assim te convenças de que nada há mais caro para mim do que tu, nem jamais houve. Adeus, minha Terência, que eu pareço ver e, assim, sou debilitado pelas lágrimas. Adeus. 29 de novembro.

XXX – (*Ad Att.*, III, 24)*Scr. Dyrrachii IV. Id.
Dec. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

1. Antea cum ad me scripsissetis uestro consensu consulum prouincias ornatas esse, etsi uerebar quorsum id casurum esset, tamen sperabam uos aliquid aliquando uidisse prudentius; postea quam mihi et dictum est et scriptum uehementer consilium uestrum reprehendi, sum grauiter commotus, quod illa ipsa spes exigua quae erat uideretur esse sublata. Nam si tr. pl. nobis suscensent, quae potest spes esse? Ac uidentur iure suscensere, cum et expertes consilii fuerint ei qui causam nostram susceperant, et nostra concessione omnem uim sui iuris amiserint, praesertim cum ita dicant, se nostra causa uoluisse suam potestatem esse de consulibus ornandis non ut eos impedirent sed ut ad nostram causam adiungerent; nunc si consules a nobis alieniores esse uelint, posse id libere facere; sin uelint nostra causa, nihil posse se inuitis. Nam quod scribis, ni ita uobis placuisset, illos hoc idem per populum assecuturos fuisse, inuitis tribunis pl. fieri nullo modo potuit. Ita uereor ne et studia tribunorum amiserimus et, si studia manent, uinclum illud adiungendorum consulum amissum sit.

2. Accedit aliud non paruum incommo- dum quod grauis illa opinio, ut quidem ad

XXX – (*Ad Att.*, III, 24)*Escrita em Dirráquio,
10 de dezembro de 58.*

Cícero saúda Ático

1. Ainda que antes me tivesses escrito que as províncias dos cônsules foram reguladas com a tua anuência (embora eu temesse que isso haveria de ocorrer, esperava que algum dia terias examinado algo com mais prudência), depois que me foi dito e escrito ser refutado o teu conselho, estou fortemente agitado, pois aquela mesma esperança pequena que havia pareceria ter sido destruída. De fato, se os tribunos se irritam conosco, que esperança pode haver? E parecem se irritar com razão, pois tanto teriam sido desprovidos de conselho aqueles que tinham defendido a nossa causa quanto teriam perdido toda a força de seu direito por nossa concessão, mormente, como assim diriam, que em meu interesse teriam desejado que a influência deles acerca das coisas que devem ser reguladas para os cônsules fosse não para que estes retardassem, mas para que aderissem à minha causa. Agora, se os cônsules quiserem estar mais afastados de mim, podem fazê-lo livremente. Mas, se quiserem a minha causa, nada podem contra a vontade deles. De fato, embora escrevas que, se assim não tivesse me agradado, eles haviam de obter isto mesmo através do povo, contra a vontade dos tribunos da plebe

nos perferebatur, senatum nihil decernere ante quam de nobis actum esset, amissa est, praesertim in ea causa quae non modo necessaria non fuit sed etiam inusitata ac noua (neque enim umquam arbitror ornatas esse prouincias designatorum), ut, cum in hoc illa constantia quae erat mea causa suscepta imminuta sit, nihil iam possit non decerni. Iam iis ad quos relatum est amicis placuisse non mirum est; erat enim difficile reperire qui contra tanta commoda duorum consulum palam sententiam diceret, et fuit omnino difficile non obsequi uel amicíssimo homini Lentulo uel Metello qui simultatem humanissime deponeret; sed uereor ne hos tamen tenere potuerimus, tribunos plebis miserimus. Haec res quemadmodum ceciderit et tota res quo loco sit uelim ad me scribas et ita ut instituisti: nam ista ueritas, etiam si iucunda non est, mihi tamen grata est. Data III. Id. Decembr.

de modo algum poderia acontecer. Logo, temo que tanto tenhamos perdido os favores dos tribunos quanto, se os favores persistirem, tenha sido perdido aquele vínculo dos cônsules que devem ser agregados.

2. Acresce outro não pequeno incômodo: foi abandonada aquela forte opinião, como realmente me era anunciada, que o Senado nada votaria antes que tivesse sido tratado sobre mim, sobretudo, nessa condição, o que fosse desnecessário, inusitado e recente (por isso, jamais pensei que seriam reguladas as províncias dos nomeados), de modo que, embora por isso a firmeza que fora gerada pela minha causa tivesse sido enfraquecida, nada poderia ser votado agora. Já não é espantoso ter agradado àqueles amigos para os quais foi reenviado, pois era difícil achar alguém que pronunciasse uma sentença em público contra tão grandes vantagens dos dois cônsules, e foi totalmente difícil não obedecer a Lêntulo, homem amicíssimo, ou a Metelo, que deixaria a desavença com muita resignação. Mas, temo que tenhamos perdido estes tribunos da plebe embora tenhamos podido conservá-los. Como tais coisas tenham ocorrido e todo fato no local em que ocorra, gostaria que me escrevesse e assim como estabeleceste, pois essa franqueza, mesmo que não seja agradável, contudo me é digna de agradecimento. Enviada em 10 de dezembro.

XXXI – (*Ad Att.*, III, 25)

*Scr. Dyrrachii post IV. Id.
Dec., ante II. Kal. Ian. a. 696/58.*

Cicero Attico salutem

Post tuum a me discessum litterae mihi Roma allatae sunt ex quibus prospicio nobis in hac calamitate tabescendum esse. Neque enim (sed bonam in partem accipies) si ulla spes salutis nostrae subesset, tu pro tuo amore in me hoc tempore discessisses. Sed ne ingrati aut ne omnia uelle nobiscum una interire uideamur, haec omitto; illud abs te peto des operam, id quod mihi affirmasti, ut te ante Kalendas Ianuarias ubicumque erimus sistas.

XXXI – (*Ad Att.*, III, 25)

Escrita em Dirráquio, na segunda metade de dezembro de 58.

Cícero saúda Ático

Após o teu afastamento de mim, foi-me trazida uma carta de Roma segundo a qual vejo que devo me consumir nesta calamidade. Porque (mas tomarás para o lado bom), nem se alguma esperança de minha volta estivesse próxima, tu, pelo teu amor para comigo, terias partido agora. Mas, para que não pareça ingrato ou para que não pareça querer que tudo pereça junto comigo, omito estas coisas. Peço-te que te esforces (o que me asseguraste), para que te presentes perante mim antes de primeiro de janeiro em qualquer lugar em que eu estiver.

XXXII – (*Ad Att.*, III, 26)

*Scr. Dyrrachii medio fere m.
Ian. a. 697/57.*

Cícero Attico salutem

Litterae mihi a Q. fratre cum s. c. quod de me est factum allatae sunt. Mihi in animo est legum lationem expectare et, si obrectabitur, utar auctoritate senatus et potius uita quam patria carebo. Tu, quaeso, festina ad nos uenire.

XXXII – (*Ad Att.*, III, 26)

*Escrita em Dirráquio, em meados
de janeiro de 57.*

Cícero saúda Ático

Uma carta do irmão Quinto com o decreto do Senado que foi feito a meu respeito foi trazida a mim. Tenho a intenção de esperar a apresentação das leis e, se for feita oposição, farei uso da autoridade do Senado e passarei antes sem vida do que sem pátria. Por favor, apressa-te para vires a mim.

XXXIII – (*Ad Fam.*, V, 4)

*Scr. Dyrrachii medio fere m.
Ian. a. 697/57.*

M. Cicero s. d.
Q. Metello cos.

1. Litterae Q. fratris et T. Pomponi, necessarii mei, tantum spei dederant ut in te non minus auxilii quam in tuo collega mihi constitutum fuerit. Itaque ad te litteras statim misi per quas, ut fortuna postulabat, et gratias tibi egi et de reliquo tempore auxilium petii. Postea mihi non tam meorum litterae quam sermones eorum qui hac iter faciebant animum tuum immutatum significabant; quae res fecit ut tibi litteris obstrepere non auderem. 2. Nunc mihi Q. frater meus mitissimam tuam orationem, quam in senatu habuisses, perscripsit; qua inductus ad te scribere sum conatus et abs te, quantum tua fert uoluntas, peto quaesoque ut tuos mecum serues potius quam propter adrogantem crudelitatem tuorum me obpugnes. Tu, tuas inimicitias ut rei p. donares, te uicisti: alienas ut contra rem p. confirmes, adduceras? Quod si mihi tua clementia opem tuleris, omnibus in rebus me fore in tua potestate tibi confirmo. Si mihi neque magistratus neque senatum neque populum auxiliari propter eam uim quae me cum re p. uicit licuerit, uide ne, cum uelis reuocare tempus omnium reseruatorum, cum qui seruetur non erit, non possis.

XXXIII – (*Ad Fam.*, V, 4)

*Escrita em Dirráquio,
em meados de janeiro de 57.*

Marco Cícero saúda o
cônsul Quinto Metelo.

1. As cartas do irmão Quinto e de Tito Pompônio, meu amigo íntimo, geraram tanta esperança que seria definida não menos ajuda para mim em ti do que em teu colega. Assim, logo te enviei uma carta pela qual, como a situação exigia, te agradeci e pedi ajuda para o futuro. Depois, não tanto as cartas dos meus como a fala dos que andavam por esta região indicavam-me que o teu intento foi mudado. Nessas condições, não ousei te amolar por cartas. 2. Agora, meu irmão Quinto me escreveu por extenso o discurso muito suave que fizeste no Senado, levado pelo qual te escrevi e a ti, quanto a tua vontade tolera, peço e imploro que antes salves os teus comigo do que me acuses devido à intensa crueldade dos teus. Para sacrificar tuas inimizades pela república, venceste a ti mesmo. Serás levado a fortificar as alheias contra a república? Porque, se, por tua clemência, me trouxeres ajuda, afirmo-te que sempre estarei sob tua autoridade. Se nem a magistratura nem o Senado nem o povo me ajudar, porque a violência que me venceu com a república teria sido permitida, cuida para que, embora queiras fazer voltar a hora favorável de todos os que devem ser salvos, ao não mais existirem, não possas.

XXXIV – (*Ad Att.*, III, 27)

Scr. Dyrrachii in. m.
Febr. 697/57.

Cicero Attico salutem

Ex tuis litteris, ex re ipsa nos funditus perisse uideo. Te oro ut quibus in rebus tui mei indigebunt nostris miseris ne desis. Ego te, ut scribis, cito uidebo.

XXXIV – (*Ad Att.*, III, 27)

Escrita em Dirráquio,
início de fevereiro de 57.

Cícero saúda Ático

Pela tua carta, pela própria conjuntura, vejo que pereci totalmente. Rogo-te que, nas situações em que os meus precisarão de ti devido aos meus males, não deixes de ajudar. Como escreves, ver-te-ei em breve.

PARTE 3

3.1 - Figuras: concepções antigas e modernas

As figuras relativas à disposição das palavras, que se empregam como se fossem luzes, trazem um grande ornamento para a oração, pois se assemelham àquelas que, no majestoso ornamento da cena ou da galeria, são chamadas enfeites não porque apenas ornem, mas porque elevam. (Cic., *Or.*, 134).

As figuras são elementos que provocam a alteração da estrutura sintática considerada normal em determinada língua, visando à produção do estranhamento, bem como ao embelezamento (*ornatus*) da expressão linguística. No âmbito da palavra individual (*in verbis singulis*), o *ornatus* se dá através dos tropos como, por exemplo, a sinédoque, a metonímia, a hipérbole e a metáfora. Já no âmbito da construção frásica (*in verbis coniunctis*), ele se realiza mediante o emprego das figuras.

A fim de se chegar a uma compreensão satisfatória da natureza e da função das figuras, convém verificar qual a concepção que os antigos tinham delas e também como alguns estudiosos modernos as entendem. Para o presente trabalho, foram pesquisados, entre os antigos, a *Rhetorica ad Herennium* (*ad Her.*), Cícero (*de Oratore* e *Orator*) e Quintiliano (*Institutio oratoria*). A escolha desses nomes justifica-se pelo fato de a *ad Her.* ser o mais antigo manual de retórica escrito em latim de que se tem notícia; Cícero ser não apenas considerado o melhor orador romano, mas também o autor que é objeto desse trabalho, sendo, portanto, fundamental entender sua concepção de figuras; e Quintiliano ter sido um dos autores que mais influenciou a educação retórica a partir do século I d.C. Entre os autores modernos, buscou-se embasar esse capítulo nas ideias de alguns dos principais estudiosos sobre o assunto nos tempos modernos.

3.1.1 Concepções antigas

Inicia-se essa seção com a apresentação de três quadros que mostram a classificação das figuras segundo o autor da *ad Her.*, Cícero e Quintiliano. Em seguida, seguem-se os devidos comentários referentes ao conteúdo de cada quadro bem como ao posicionamento teórico de cada um dos referidos autores em relação às figuras.

QUADRO 3 - Classificação das figuras na *Ad Her.*

Ornamentos de palavras		Ornamentos de pensamentos	
Anáfora	<i>Repetitio</i> (19) ⁹⁰	Distribuição	<i>Distributio</i> (47)
Epífora	<i>Conuersio</i> (19)	Licença	<i>Licentia</i> (48)
Complexão	<i>Complexio</i> (20)	Lítotes	<i>Deminutio</i> (50)
Antanáclase	<i>Traductio</i> (20)	Descrição	<i>Descriptio</i> (51)
Antítese	<i>Contentio</i> (21)	Divisão	<i>Divisio</i> (52)
Exclamação	<i>Exclamatio</i> (22)	Recapitulação	<i>Frequentatio</i> (52)
Apóstrofe	<i>Exclamatio</i> (22)	Expolição	<i>Expolitio</i> (54)
Pergunta retórica	<i>Interrogatio</i> (22)	Comoração	<i>Commoratio</i> (58)
Arrazoado	<i>Ratiocinatio</i> (23)	Antítese	<i>Contentio</i> (58)
Sentença	<i>Sententia</i> (24)	Parábola	<i>Similitudo</i> (59)
Contrário	<i>Contrarium</i> (25)	Exemplo	<i>Exemplum</i> (62)
Cólon	<i>Membrum</i> (26)	Imagem	<i>Imago</i> (62)
Coma	<i>Articulus</i> (26)	Retrato	<i>Effictio</i> (63)
Continuação	<i>Continuatio</i> (27)	Descrição	<i>Notatio</i> (63)
Isócolo	<i>Compar</i> (27)	Etopeia	<i>Sermocinatio</i> (65)
Homeoptoto	<i>Similiter</i> (29)	Prosopopeia	<i>Conformatio</i> (66)
Homeoteleuto	<i>Similiter</i> (29)	Ênfase	<i>Significatio</i> (67)
Paronomásia	<i>Adnominatio</i> (29)	Braquilogia	<i>Breuitas</i> (68)
Subjeção	<i>Subiectio</i> (33)	Hipotipose	<i>Demonstratio</i> (68)
Gradação	<i>Gradatio</i> (34)		
Definição	<i>Definitio</i> (35)		
Transição	<i>Transitio</i> (35)		
Correção	<i>Correctio</i> (36)		
Preterição	<i>Occultatio</i> (37)		
Disjunção	<i>Disiunctio</i> (37)		
Conjunção	<i>Coniunctio</i> (38)		
Adjunção	<i>Adiunctio</i> (38)		
Epanalepse	<i>Conduplicatio</i> (38)		
Anadiplose	<i>Conduplicatio</i> (38)		
Interpretação	<i>Interpretatio</i> (38)		
Reversão	<i>Commutatio</i> (39)		
Permissão	<i>Permissio</i> (39)		
Dubitação	<i>Dubitatio</i> (40)		
Expediência	<i>Expeditio</i> (40)		
Assíndeto	<i>Dissolutum</i> (41)		
Aposiopese	<i>Praecisio</i> (41)		
Conclusão	<i>Conclusio</i> (41)		

⁹⁰ O número entre parênteses indica o parágrafo onde a respectiva figura se encontra no capítulo IV da *Ad Her.*

QUADRO 4 - Classificação das figuras segundo Cícero

Figuras de pensamento		Figuras de palavras	
Comoração	<i>Commoratio</i> (202) ⁹¹	Paronomásia	<i>Adnominatio</i> (206)
Hipotipose	<i>Explanatio</i> (202)	Poliptoto	<i>Polyptoton</i> (206)
Percursão	<i>Percursio</i> (202)	Anáfora	<i>Repetitio</i> (206)
Ênfase	<i>Significatio</i> (202)	Epífora	<i>Conuersio</i> (206)
Braquilogia	<i>Breuitas</i> (202)	Complexão	<i>Complexio</i> (206)
Extenuação	<i>Extenuatio</i> (202)	Congérie	<i>Adiunctio</i> (206)
Ironia	<i>Illusio</i> (202)	Gradação	<i>Progressio</i> (206)
Digressão	<i>Digressio</i> (203)	Repetição enfática	<i>Distinctio</i> (206)
Iteração	<i>Iteratio</i> (203)	Homeoptoto	<i>Similiter</i> (206)
Hipérbole	<i>Traiectio</i> (203)	Homeoteleuto	<i>Similiter</i> (206)
Pergunta retórica	<i>Percontatio</i> (203)	Isócolo	<i>Compar</i> (206)
Dissimulação	<i>Dissimulatio</i> (203)	Gradação	<i>Gradatio</i> (207)
Dubitação	<i>Dubitatio</i> (203)	Reversão	<i>Conuersio</i> (207)
Distribuição	<i>Distributio</i> (203)	Hipérbato	<i>Transgressio</i> (207)
Correção	<i>Correctio</i> (203)	Contrário	<i>Contrarium</i> (207)
Prolepse	<i>Praemunitio</i> (204)	Assíndeto	<i>Dissolutum</i> (207)
Comunicação	<i>Communicatio</i> (204)	Preterição	<i>Declinatio</i> (207)
Imitação	<i>Imitatio</i> (204)	Correção	<i>Reprehensio</i> (207)
Prosopopéia	<i>Inductio personarum ficta</i> (205)	Exclamação	<i>Exclamatio</i> (207)
Descrição	<i>Descriptio</i> (205)	Diminuição	<i>Imminutio</i> (207)
Prolepse	<i>Anteoccupatio</i> (205)	Jogo de palavras	<i>Traductio</i> (207)
Parábola	<i>Similitudo</i> (205)	Zeugma	<i>Zeugma</i> (207)
Exemplo	<i>Exemplum</i> (205)	Permissão	<i>Permissio</i> (207)
Distribuição	<i>Digestio</i> (205)	Dubitação	<i>Dubitatio</i> (207)
Interrupção	<i>Interpellatio</i> (205)	Correção	<i>Correctio</i> (207)
Antítese	<i>Contentio</i> (205)	Dispersão	<i>Dissipatio</i> (207)
Aposiopese	<i>Reticentia</i> (205)	Continuação	<i>Continuatum</i> (207)
Cominação	<i>Comminatio</i> (205)	Interrupção	<i>Interruptum</i> (207)
Indignação	<i>Iracundia</i> (205)	Imagem	<i>Imago</i> (207)
Objurgação	<i>Obiurgatio</i> (205)	Resposta	<i>Responsio</i> (207)
Promissão	<i>Promissio</i> (205)	Metonímia	<i>Immutatio</i> (207)
Deprecação	<i>Deprecatio</i> (205)	Disjunção	<i>Disiunctio</i> (207)
Obsecração	<i>Obsecratio</i> (205)	Ordem	<i>Ordo</i> (207)
Digressão breve	<i>Declinatio</i> (205)	Relação	<i>Relatio</i> (207)
Justificação	<i>Purgatio</i> (205)	Digressão	<i>Digressio</i> (207)
Conciliação	<i>Conciliatio</i> (205)	Perífrase	<i>Circumscriptio</i> (207)
Opção	<i>Optatio</i> (205)		

⁹¹ O número entre parênteses indica o parágrafo do *De Oratore* no qual se encontra a respectiva figura.

QUADRO 5 - Classificação das figuras segundo Quintiliano

Figuras de pensamento		Figuras de palavras	
Pergunta retórica	<i>Interrogatio</i> (2, 6) ⁹²	Epanalepse	<i>Geminatio</i> (3, 28)
Resposta	<i>Responsio</i> (2, 12)	Diácope	<i>Repetitio</i> (3, 29)
Prolepse	<i>Prolepsis</i> (2, 16)	Anáfora	<i>Repetitio</i> (3, 30)
Dubitação	<i>Dubitatio</i> (2, 19)	Epífora	<i>Epífora</i> (3, 30)
Comunicação	<i>Communicatio</i> (2, 20)	Complexão	<i>Complexio</i> (3, 31)
Suspensão	<i>Sustentatio</i> (2, 22)	Regressão	<i>Regressio</i> (3, 36)
Permissão	<i>Permissio</i> (2, 25)	Derivação	<i>Derivatio</i> (3, 36)
Exclamação	<i>Exclamatio</i> (2, 27)	Poliptoto	<i>Polyptoton</i> (3, 37)
Licença	<i>Licentia</i> (2, 27)	Anadiplose	<i>Anadiplosis</i> (3, 44)
Prosopopeia	<i>Prosopopoeia</i> (2, 29)	Sinonímia	<i>Synonymia</i> (3, 45)
Apóstrofe	<i>Apostrophe</i> (2, 38)	Assíndeto	<i>Dissolutio</i> (3, 50)
Hipotipose	<i>Hypotyposis</i> (2, 40)	Polissíndeto	<i>Polysyndeton</i> (3, 50)
Aposiopese	<i>Aposiopesis</i> (2, 54)	Gradação	<i>Gradatio</i> (3, 54)
Etopeia	<i>Ethopoeia</i> (2, 58)	Elipse	<i>Synecdoche</i> (3, 58)
Correção	<i>Correctio</i> (2, 60)	Zeugma	<i>Epezeugmenon</i> (3, 62)
		Paronomásia	<i>Adnominatio</i> (3, 66)
		Antanáclase	<i>Antanaclasis</i> (3, 68)
		Párison	<i>Parison</i> (3, 76)
		Homeoteleuto	<i>Homoioteleuton</i> (3, 77)
		Homeoptoto	<i>Homoioptoton</i> (3, 38)
		Isocólon	<i>Isokolon</i> (3, 80)
		Antítese	<i>Contrapositum</i> (3, 81)

A *Retórica a Herênio (Ad Her.)*, obra anônima escrita entre 86 e 82 a.C., é, segundo Faria e Seabra, suas tradutoras para o português, “a mais remota arte retórica escrita em latim que a Antiguidade nos legou e uma das obras antigas de maior circulação na Idade Média.”⁹³ Conforme as mesmas tradutoras, o escritor dessa obra procura “sistematizar, verter em latim e adequar aos costumes romanos a totalidade do ensinamento retórico aprendido dos gregos”.⁹⁴

A *Ad Her.* trata das figuras no capítulo IV, onde são chamadas de ornamento de palavras (*exornatio uerborum*) e ornamento de sentenças (*exornatio sententiarum*), sendo assim definidas: “ornamento de palavras é aquele que se atém ao polimento insigne da fala.

⁹² Visto que Quintiliano trata das figuras no livro IX da *Institutio oratória*, os números entre parênteses se referem, respectivamente, ao capítulo e ao parágrafo desse mesmo livro.

⁹³ *Retórica a Herênio*, São Paulo, 2005, p. 11.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 34.

Ornamento de sentenças é o que encontra dignidade não nas palavras, mas nas próprias coisas.”⁹⁵ Todas as figuras elencadas na *ad Her.* são devidamente nomeadas com termos latinos e exemplificadas. O quadro 3 (p. 118) mostra a classificação das figuras feita pelo autor da *Ad Her.* com os correspondentes termos em português.

Cícero, igualmente, faz a distinção entre figuras de palavras e de pensamentos, mas as denomina, respectivamente, *conformatio uerborum* e *conformatio sententiarum*.⁹⁶ A expressão *conformatio uerborum* diz respeito à disposição das palavras⁹⁷, ou seja, à sua colocação na construção frásica. Por sua vez, a expressão *conformatio sententiarum* define-se como “o estilo com que se exprimem os pensamentos.”⁹⁸ Seja como for, para Cícero as figuras são luzes (*lumina*) que proveem um grande enfeite (*magnum ornatum*) para o discurso e pelas quais os pensamentos o abrilhantam (*inlustrant*).⁹⁹ Cícero aborda as figuras especificamente no *De Oratore*, III, 199-209 e no *Orator* 134-139. No primeiro, escrito em 54 a.C., apresenta-se uma extensa lista de figuras. No último, escrito em 46 a.C., observa-se que as figuras não são nomeadas, mas apresentadas por meio de suas características. Comparando as duas passagens, percebe-se que a do *De Oratore* é bem mais abrangente. Por isso, o quadro 4 (p. 119) mostra a classificação das figuras feita por Cícero nessa passagem.

Diferentemente do autor da *ad Her.* e de Cícero, Quintiliano usa o termo latino *figura* para se referir àquilo que o primeiro chamou de *exornatio* e o segundo denominou *conformatio*. Essa diferença terminológica é relevante, pois indica que Quintiliano tinha uma concepção diferente de figura. Segundo Fontanier (1977: 63),

ao que parece, a palavra figura devia indicar, inicialmente, apenas os corpos tanto de homens quanto de animais considerados fisicamente e em relação aos limites de sua extensão. E, nessa primeira acepção, o que ela significa? Os contornos, os traços, a forma exterior de um homem, de um animal ou de um objeto palpável qualquer.

Em seguida, Fontanier afirma que o discurso, “em suas diferentes maneiras de significar e de exprimir, tem algo de análogo às diferenças de forma e de traços que se encontram nos vários corpos.” Portanto, vê-se que, ao usar o termo *figura*, Quintiliano destaca, sobretudo, não a

⁹⁵ *Ibidem*, p. 225.

⁹⁶ Cic., *de Orat.*, III, 201.

⁹⁷ SARAIVA, 1993, p. 279.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ *Orator*, 134; *de Orat.*, III, 205.

ornamentação e o abrilhantamento do discurso, mas a capacidade que a figura tem de fornecer variedades estilísticas aos discursos.

Quintiliano define figura como “uma forma de oração afastada do modo normal de falar, e que primeiro se oferece” (Quint., *Inst. Orat.*, IX, 1, 5) e faz a distinção entre figuras de pensamento (*figurae sententiarum*) e figuras de palavras (*figurae uerborum*). Ele subdivide as últimas em gramaticais e retóricas. Estas se referem à palavra dentro da estrutura sintática; aquelas, por sua vez, relacionam-se às possíveis alterações ocorridas na estrutura morfológica da palavra. (Quint., *Inst. Orat.*, IX, 3, 2). De acordo com Brandão (1989: 24), eram três as alterações morfológicas que poderiam ocorrer no vocábulo a fim de transformá-lo em figura gramatical: a) por aumento no início (prótese), no meio (epêntese) e no fim (paragoge); b) por supressão no início (aférese), no meio (síncope) e no fim (apócope); c) por transposição interna (metátese).

Quintiliano apresenta as figuras de pensamentos e as de palavras ora nomeadamente, ora apenas por suas características, mas sempre com as devidas exemplificações. No quadro 5 (p. 120), apresenta-se a classificação das figuras feita por ele. Cumpre lembrar que as figuras de palavras elencadas são apenas aquelas que ele denomina retóricas.

Comparando as três classificações acima apresentadas, constata-se que a de Cícero é a mais extensa. Além disso, observa-se que os autores às vezes chamam a mesma figura por nomes diferentes: à *demonstratio* da *ad Her.* Cícero chama de *explanatio*, enquanto Quintiliano a denomina *hypotyposis*; a *praecisio* da *ad Her.*, é chamada *reticentia* por Cícero e *aposiopesis* por Quintiliano. Por fim, vê-se que Quintiliano usa extensivamente os nomes gregos das figuras ao contrário da *ad Her.* e de Cícero que procuram sempre empregar uma terminologia latina. Isso provavelmente se explica pelo fato de que tanto a *ad Her.* quanto o *de Oratore* foram escritos em um período em que o latim ainda estava se afirmando como uma língua apropriada ao ensino da retórica, tornando-se importante a formação e utilização de termos técnicos latinos nessa área. Por outro lado, no final do século I d.C., quando se publicou a obra de Quintiliano, o latim já havia atingido o status de língua adequada à expressão poético-filosófica, bem como ao ensino de retórica. Podia-se, então, utilizar termos técnicos gregos como opção e não mais devido a uma suposta insuficiência do latim para atender às necessidades docentes dos retores.

3.1.2 Concepções modernas

Por mais que tenham se empenhado no estudo das figuras, os antigos não atingiram um nível elevado de entendimento concernente à natureza e às relações sintático-semânticas das mesmas, como esclarece Brandão (1989: 18):

Embora estivessem preocupados em agrupar as diferentes espécies de figuras a partir de traços comuns, não chegaram os antigos a estabelecer critérios rigorosos, sob perspectivas modernas, evidentemente, das relações originais entre os termos expressos e os subentendidos. Isso se deveu, sobretudo, ao caráter pragmático da retórica, pois o que realmente contava era o efeito de sentido como produto acabado, ao passo que a relação enquanto processo era considerada simples meio para atingir aquele.

Modernamente, não mais se admite a definição milenar de figura como um desvio da forma comum ou natural de expressão. A esse respeito, comenta Tringali (1988: 122):

Considera-se a figura como um desvio de uma norma, de um modo normal e comum de dizer. É um modo diferente de dizer. A dificuldade toda reside em estabelecer o que se entende por norma. A figura é um desvio de que norma? Se dissermos que a norma é a linguagem corrente, a linguagem utilitária cotidiana, não corresponde à verdade porque também neste nível da linguagem as figuras pululam.

Todorov (1973: 100) vai mais longe, atribuindo à oposição entre linguagem natural e linguagem figurada ou artificial o próprio declínio da retórica.

Com o advento do Romantismo, e mais tarde, em toda a cultura moderna, deixa de se acreditar na existência duma dicotomia ‘natural-artificial’ no interior do discurso. Tudo é natural ou tudo é artificial, mas não existe grau zero da escrita, não há escrita inocente, a linguagem mais neutra está tão carregada de sentido como uma expressão extravagante. Privou-se assim a retórica das suas bases – e a sua derrocada não passa duma consequência lógica.

Sem receios de incorrer na deficiência conceitual dos antigos, Perelman (2005: 189-190) define as figuras como “certos modos de expressão que não se enquadram no comum”. Todavia, esse autor não as vê como meros ornamentos que ajudam a tornar o estilo artificial e floreado, mas como elementos que possuem uma importante função argumentativa. Assim, mais a frente ele critica a posição teórica dos antigos, alegando que “uma das maiores

distinções, aquela entre figuras de pensamentos e figuras de palavras, desconhecida de Aristóteles, mas que parece obrigatória desde o século dois antes de nossa era, contribuiu para obscurecer toda a concepção das figuras de retórica.¹⁰⁰

Perelman reconhece a existência de duas condições básicas para a constituição de uma figura: uma forma identificável e um uso que se diferencia do modo habitual de se expressar. Ele também concorda que tais condições, consonante à ideia dos antigos, inescapavelmente levam ao estabelecimento de uma ligação entre o uso de figuras e a simulação, mas observa que

é certo, de todo modo, que só há figura quando se pode operar uma dissociação entre o uso normal de uma estrutura e seu uso no discurso, quando o ouvinte faz uma distinção entre a forma e o fundo, que lhe parece impor-se. Mas é quando essa distinção, percebida logo de início, se extingue em virtude do efeito mesmo do discurso, que as figuras assumem todo o seu significado argumentativo. (PERELMAN, 2005: 191).

Genette, outro importante estudioso das figuras, contrapõe ao tipo classificatório dos antigos, que, sendo “de ordem puramente lógica, nada indica sobre o valor de significação das figuras ou grupos de figuras considerados”, o tipo de classificação semiológica, o qual

consiste em distinguir as figuras das outras fixando para cada uma delas um valor psicológico preciso, conforme o caráter do desvio imposto à expressão. Esse valor é dado (para empregar antecipadamente o vocabulário da estilística moderna) ou como *impressivo* (a figura deve provocar tal sentimento) ou como *expressivo* (a figura é ditada pelo sentimento) ou, preferentemente, como as duas coisas ao mesmo tempo, pois deseja-se postular o acordo entre o estado de espírito do autor ou do personagem e o do leitor. (GENETTE, 1972: 208).

Nesse ponto, Genette não se preocupa em oferecer uma classificação semiológica completa das figuras, mas em apontar a necessidade de se estabelecer um estudo mais produtivo da linguagem figurada. É certo, porém, que o entendimento do valor psicológico das figuras traz uma enorme contribuição para o estudo do uso que delas se faz em textos tanto orais quanto escritos.

¹⁰⁰ PERELMAN, 2005, p. 194.

3.1.3 Figuras de repetição

O presente trabalho tratará, especificamente, das chamadas de figuras de repetição, as quais objetivam amplificar o grau de emotividade das expressões através de um acréscimo àquilo que já foi escrito ou proferido de forma sintaticamente satisfatória.

Lausberg (2004: 166-178) divide as figuras de repetição em dois grupos: repetição de partes de frase iguais e repetição de partes de frase em igualdade abrandada. O primeiro tipo de repetição pode ocorrer por contato, quando as palavras repetidas aparecem sucessivamente, e a distância, quando entre as palavras repetidas há a interposição de outras palavras. Pertencem ao primeiro grupo as seguintes figuras: a) repetição por contato: epanalepse, diácope, anadiplose, gradação; b) repetição a distância: ciclo, anáfora, polissíndeto, epífora, complexão. Por sua vez, a repetição de partes de frase em igualdade abrandada consiste em uma alteração seja na estrutura morfológica, gerando a paronomásia, o poliptoto, a figura etimológica e a sinonímia, seja no conteúdo semântico da palavra repetida, originando o jogo de palavras, a diáfora e a antanáclase.

Para os propósitos deste trabalho, utilizam-se as figuras de repetição encontradas nas cartas exílicas de Cícero as quais serão elencadas, definidas e exemplificadas a seguir.

3.1.3.1 Epanalepse (*geminatio*)

Essa figura consiste na repetição de uma palavra ou de um grupo de palavras em contato, podendo ocorrer no princípio, no meio ou no fim da oração. Sua composição pode ser dupla, tripla ou múltipla, dependendo se a palavra ou o grupo de palavras repetido aparece duas, três ou mais de três vezes. Cícero utiliza uma epanalepse dupla, por exemplo, no início de uma oração em *ad Att.*, III, 15, 5.

Caeci, caeci, inquam, fuimus in uestitu mutando, in populo rogando...

Cego, cego, direi, fui ao mudar o traje, ao rogar ao povo...

3.1.3.2 Diácope (*separatio*)

Essa figura distingue-se da anterior apenas pelo fato de que entre a palavra ou grupo de palavras que se repetem se interpõe um ou mais vocábulos, como em *ad Fam.*, XIV, 4, 3.

Quid? Cicero meus quid aget?

O que? Meu querido Cícero o que fará?

3.1.3.3 Anáfora (*repetitio*)

A anáfora é a repetição de parte de uma frase no início de grupos de palavras sucessivos. Um exemplo encontra-se em *ad Att.*, III, 9, 2, onde ocorre a repetição tripla do pronome relativo.

Obsecro, mi Pomponi, nondum perspicias quorum opera, quorum insidiis, quorum scelere perierimus?

Ora, dize-me, meu Pompônio: ainda não entendes por obra de quem, por armadilhas de quem e por crime de quem nos arruinamos?

3.1.3.4 Polissíndeto (*polysyndeton*)

Essa figura é um tipo especial de anáfora, consistindo na repetição da mesma conjunção no início de grupos de palavras sucessivos. Ela ocorre, por exemplo, em um trecho de *ad Fam.*, XIV, 1, 2 onde se repete a conjunção subordinativa condicional.

...sed tamen si omnis tr. pl. habemus, si Lentulum tam studiosum quam uidetur, si uero etiam Pompeium et Caesarem, non est desperandum.

Mas, apesar de tudo, se temos todos os tribunos da plebe, se Lêntulo está tão dedicado quanto parece, se, de fato, também Pompeu e César, não se deve desesperar.

3.1.3.5 Epífora (*conuersio*)

A epífora consiste na repetição de uma parte da frase no fim de grupos de palavras consecutivos, o que pode ser visto em *ad Q. fr.*, I, 3, 3.

Cum enim te desidero, fratrem solum desidero?

Pois, quando sinto a tua falta, apenas de um irmão sinto falta?

3.1.3.6 Complexão (*complexio*)

A complexão é a combinação da anáfora com a epífora, ou seja, a repetição de partes da frase no início e no fim de grupos de palavras sucessivos. Em Cícero, o único exemplo dessa figura nas cartas de exílio se encontra em *ad Att.* III, 12, 3.

Ego etiam nunc eodem in loco iaceo sine sermone ullo, sine cogitatione ulla.

Agora, ainda me encontro no mesmo lugar sem conversação alguma, sem resolução alguma.

Nota-se, no exemplo latino acima, a variação de gênero do pronome indefinido (*ullo/ulla*). O uso de tal variação, genericamente chamada de poliptoto, é reconhecido por Lausberg (2004: 177) como uma das formas de “abrandamento” não só da complexão, mas também da anáfora e da epífora.

3.1.3.7 Poliptoto (*polyptoton*)

Modernamente, entende-se essa figura como uma modificação flexional que, apesar de ocasionar uma alteração do ponto de vista sintático, mantém inalterada a significação dessa palavra. Entretanto, os antigos denominavam *polyptoton* apenas a variação de casos de uma mesma palavra na oração ou período,¹⁰¹ sendo considerado um tipo de *adnominatio*.¹⁰² A variação de gênero era reconhecida como um tipo de derivação (*derivatio*).¹⁰³ Todavia, neste trabalho admitem-se para o poliptoto as alterações flexionais de gênero, número e caso. Assim, pode-se ver um exemplo dessa figura em *ad Att.* III, 10, 2.

Possum obliuisci qui fuerim, non sentire qui sim, quo caream honore, qua gloria, quibus liberis, quibus fortunis, quo fratre?

Posso esquecer o que fui, não reconhecer o que sou, de que honra estou privado, de que glória, de que filhos, de que bens, de que irmão?

¹⁰¹ Quint., *Inst. Or.*, IV, 3, 37.

¹⁰² *ad Her.*, IV, 31.

¹⁰³ Quint., *Inst. Or.*, IV, 3, 36.

3.1.3.8 Figura etimológica (*figura etymologica*)

Essa figura, que, na antiguidade, também era considerada como uma modalidade de derivação,¹⁰⁴ consiste na repetição de um radical, apresentando palavras que, em geral, pertencem a classes gramaticais diferentes, a fim de intensificar a força semântica da expressão. Vê-se um exemplo dela em *ad Fam.*, XIV, 1, 5.

Per fortunas miseris nostras, uide ne puerum perditum perdamus...

Devido a nossas míseras condições, cuida para que não percamos o perdido menino.

A importância argumentativa do uso das figuras de repetição é enfatizada de várias maneiras. De acordo com Lausberg (2004: 166), “as figuras de repetição detêm o fluir da informação e dão tempo para que se ‘saboreie’ afetivamente a informação apresentada como importante”.

Perelman (2005: 198-199), por sua vez, salienta que o uso de figuras de repetição resulta no aumento do “sentido de presença”. Ele dá um exemplo extraído da *ad Her.*, IV, 38:

Tumultus, Gai Gracce, tumultus domesticos et intestinos conparas!

Comentando esse exemplo, o referido autor afirma que, nele, a repetição duplica “o efeito de presença”, mas também observa que “com a repetição, o segundo enunciado do termo parece repleto de valor; o primeiro, por reação, parece relacionar-se exclusivamente com um fato, enquanto, normalmente e sozinho, teria parecido conter fato e valor.” Plebe (1992: 75) aclara esse pensamento, destacando que

o primeiro *tumultus* limita-se a informar que Caio Graco prepara tumultos, enquanto o segundo *tumultus* carrega essa informação de um significado valorativo, sustentando que aqueles tumultos serão lutas intestinas entre cidadãos e, portanto, particularmente lamentáveis.

Outro aspecto importante do uso das figuras de repetição diz respeito ao ritmo do enunciado, como indicado por Plebe (*Ibidem*: 77): “existe uma *repetição criativa* que é bem diferente da pura e simples reapresentação de elementos idênticos, e essa repetição criativa incide de

¹⁰⁴ LAUSBERG, 2004, p. 181,

maneira essencial sobre o ritmo de uma composição.” Para confirmar essa ideia, ele extrai um exemplo do *Orator*, 233, onde Cícero apresenta um período disposto de duas formas diferentes.

a) *abesse non potest, quin eiusdem hominis sit probos improbare, qui improbos probet.*

b) *abesse non potest, quin eiusdem hominis sit, qui improbos probet, probos improbare.*

Observa-se que em (b) a repetição produziu um ritmo bem mais fluido do que em (a). Portanto, em (b) ocorre o que Plebe denomina *repetição criativa*.

Pelo que se viu neste capítulo, a concepção de figura modificou-se significativamente ao longo do tempo. Apesar de suas limitações teóricas, os antigos deram uma grande contribuição para o entendimento da natureza das figuras. A enorme importância dada por eles à retórica, sem dúvida, fez com que esses elementos discursivos fossem amplamente estudados, classificados e exercitados. Entretanto, o tempo passou e a velha retórica decaiu de sua ilustre posição. Com a elevação da linguística ao status de ciência, no início do século XX, o estudo das figuras foi retomado sob rigorosos critérios científicos, suscitando novas concepções a respeito delas e o reconhecimento de sua relevante função argumentativa. Nesse novo contexto, as figuras de repetição passaram a ser vistas como elementos portadores de valores afetivos e argumentativos de alta relevância para a comunicação oral ou escrita. No próximo capítulo, será analisado o uso que Cícero fez dessas figuras.

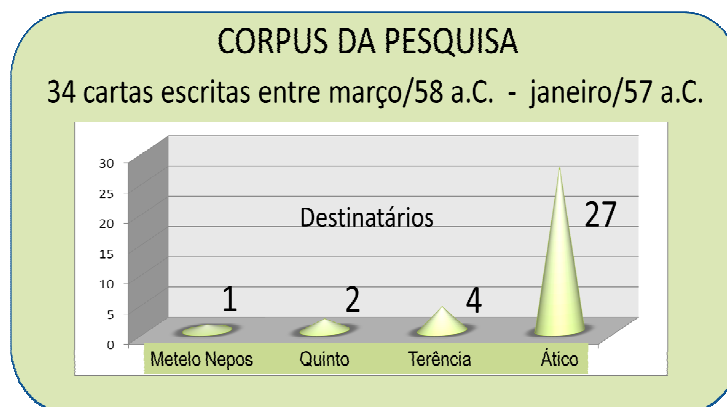
3.2 - Análise dos dados

A repetição de palavras algumas vezes tem força, outras vezes, encanto.
(Cic., *De Orat.*, III, 206).

Neste capítulo, faz-se uma análise do uso de figuras de repetição nas cartas escritas por Cícero durante o seu exílio. A partir da epígrafe acima, constata-se que o príncipe dos oradores romanos tinha plena consciência da importância de tais figuras para a dinamização dos discursos. Assim, levanta-se a hipótese de que ele não as usou nas referidas cartas de modo inconsciente ou despropositado, mas com o claro objetivo de motivar seus destinatários para que os mesmos pudessem participar ativamente nas articulações necessárias ao seu retorno do exílio. Portanto, busca-se responder a duas perguntas básicas: Qual a relação entre figuras de repetição e argumentação? Como se explica essa relação nas cartas exílicas de Cícero?

Estabeleceu-se como *corpus* deste trabalho o conjunto das trinta e quatro cartas exílicas de Cícero. No gráfico abaixo, vê-se a distribuição dessas cartas entre seus destinatários.

Gráfico 1 – Corpus da pesquisa e destinatários das cartas selecionadas



Verifica-se no *corpus* o uso dos oito tipos de figuras de repetição definidas e exemplificadas no capítulo anterior. Agora, no quadro seguinte, elas são apresentadas juntamente com todas as suas ocorrências devidamente identificadas. Nota-se que as palavras ou grupo de palavras repetidas aparecem sublinhados.

QUADRO 6 - Ocorrências das figuras de repetição no *corpus*

Figuras	Ocorrências
Epanalepse	a) <i>Caeci, caeci...</i> (ad Att., III, 15, 5). b) <i>Mi frater, mi frater, mi frater...</i> (ad Q. fr., I, 3, 1).
Diácope	a) <i>Valete, mea desideria, ualete.</i> (ad Fam., XIV, 2, 4). b) <i>Quid? Cícero meus quid aget?</i> (ad Fam., XIV, 4, 3). c) <i>Fac, si uides quantis in malis iaceam et si putas esse humanitatis tuae, me fac de tota causa nostra certiozem.</i> (ad Att., III, 18, 2). d) <i>...quem meus Cícero et amabat ut fratrem et iam ut maiorem fratrem uerebatur?</i> (ad Q. fr. I, 3, 1).
Anáfora	a) <i>...quorum opera, quorum insidiis, quorum scelere perierimus?</i> (ad Att., III, 9, 2). b) <i>...quae uita esset nostra, quae suauitas, quae dignitas.</i> (ad Att., III, 20, 1). c) <i>Velim quid uideas, quid intelligas, quid agatur ad me scribas...</i> (ad Att., III, 20, 3). d) <i>Ex tuis litteris, ex re ipsa nos funditus perisse uideo.</i> (ad Att., III, 27). e) <i>Ego tibi irascerer, tibi ego possem irasci?</i> (ad Q. fr., I, 3, 1). f) <i>...non eum quem reliqueras, non eum quem noras, non eum quem...</i> (ad Q. fr., I, 3, 1). g) <i>...nunc commisi ut uiuo me careres, uiuo me aliis indigeres.</i> (ad Q. fr., I, 3, 1).
Polissíndeto	a) <i>...si omnis tr. pl. habemus, si Lentulum tam studiosum quam uidetur, si...</i> (ad Fam., XIV, 1, 2). b) <i>Quem ego diem si uidero et si in uestrum complexum uenero ac si et uos et me ipsum recuperaro...</i> (ad Fam., XIV, 1, 3). c) <i>Nam si erit causa, si quid agetur, si spem uidero...</i> (ad Att., III, 10, 1). d) <i>...et tuae litterae et quidam boni nuntii ... et expectatio uestrarum litterarum et...</i> (ad Att., III, 11, 1). e) <i>Si accepero litteras quas expecto, si spes erit ea quae...</i> (ad Att., III, 11, 1).
Epífora	<i>Cum enim te desidero, fratrem solum desidero?</i> (ad Q. fr. I, 3,1).
Complexão	<i>...eodem in loco iaceo sine sermone ullo, sine cogitatione ulla.</i> (ad Att., III, 12, 3).
Políptoto	a) <i>...ex quo patre tantas uoluptates capiebat, ex eo tantos percipere luctus!</i> (ad Fam., XIV, 1, 1). b) <i>...si nos ad aliquam alicuius commodi aliquando recuperandi spem fortuna reseruauit...</i> (ad Fam., XIV, 4, 1). c) <i>Inimici mei mea mihi, non me ipsum ademerunt.</i> (ad Att., III, 5). d) <i>...neminem umquam tanta calamitate esse adfectum, nemini mortem...</i> (ad Att., III, 7, 2). e) <i>Huius acerbitatis euentum altera acerbitate non uidendi fratri uitauit.</i> (ad Att., III, 9, 1). f) <i>...ecquod tantum malum est quod in mea calamitate non sit? Ecquis umquam tam ex amplo statu, tam in bona causa, tantis facultatibus, ingenii, consilii, gratiae, tantis praesidiis bonorum omnium concidit? Possum obliuisci qui fuerim, non sentire qui sim, quo caream honore, qua gloria, quibus liberis, quibus fortunis, quo fratre?</i> (ad Att., III, 10, 2). g) <i>...non eum quem flens flentem...</i> (ad Q. fr., I, 3, 1). h) <i>Qua pietate, qua modestia, quo ingenio!</i> (ad Q. fr., I, 3, 3).
Figura Etimológica	a) <i>...uide ne puerum perditum perdamus...</i> (ad Fam., XIV, 1, 5). b) <i>...quamquam ferenda non sunt, feramus.</i> (ad Fam., XIV, 4, 5). c) <i>...coram agemus quae erunt agenda.</i> (ad Att., III, 5). d) <i>Id est maximum et miserimum mearum omnium miseriarum.</i> (ad Att., III, 7, 3). e) <i>...ut erat neglegenda neglegere...</i> (ad Att., III, 15, 5). f) <i>...ut Q. Fratrem ames quem ego miserum misere perdi...</i> (ad Att., III, 23, 5).

Observando o quadro acima, percebe-se que a epanalepse é dupla em (a) e tripla em (b). Nas diáscopes, em (a) a separação é feita por um vocativo; enquanto que em (b) ela ocorre por um nome acompanhado do possessivo *meus*; em (d) os membros são separados pela conjunção *et* e pelo advérbio *iam*, sendo que, entre as palavras do segundo membro, também há a interposição do adjetivo *maiozem*; em (c) a repetição é separada por duas orações subordinadas condicionais e pelo pronome pessoal *me*. As anáforas são bastante regulares, mas nota-se em (e) uma inversão das palavras repetidas (*ego tibi/tibi ego*). Os polissíndetos se

realizam exclusivamente por meio da conjunção *si* em (a), (c), (e) ou *et* em (d); enquanto que em (b) tem-se o emprego de ambas, ocorrendo, ainda, o que Lausberg (2004: 175) chama de “abrandamento sinonímico” (*et/ac*). A complexão apresenta, na parte final da repetição, um abrandamento por meio de um poliptoto (*ullo/lulla*), possibilidade indicada por Lausberg (*Ibidem*: 174, 177). Os poliptotos se verificam nos adjetivos em (a), nos pronomes indefinidos em (b, d), nos relativos em (h), nos três em (f), nos pronomes possessivos e pessoais em (c), em substantivos na ocorrência (e) e nos participios em (g). Finalmente, nas figuras etimológicas, repetem-se os radicais *perd-* em (a), *fer-* em (b), *ag-* em (c), *miser-* em (d,f) e *negl-* em (e).

No capítulo anterior, viu-se que as figuras de repetição possuem uma importante função argumentativa, pois carregam consigo um valor psicológico e semântico que atribui força aos enunciados, provocando um grande impacto comunicativo sobre o leitor ou ouvinte. Chegou o momento de verificar como isso se aplica à argumentação desenvolvida por Cícero em suas cartas de exílio.

Primeiramente, faz-se necessário atentar para o objetivo do processo argumentativo. De acordo com Perelman (2005: 50), o objetivo de toda argumentação

é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

Seguindo a mesma ideia, Lausberg afirma que o discurso, em geral, é produzido com a finalidade de provocar uma mudança em determinada situação. Chama-se árbitro ao elemento que possui o poder para alterar a situação por meio da ação ou da palavra, o qual “pode ser imaginado de modo impessoal (p. ex., o acaso) ou de modo pessoal (Deus; um indivíduo, p. ex., o juiz num processo)”. (LAUSBERG, 2004: 79).

A argumentação de Cícero em sua correspondência exílica visa tanto a provocar a adesão à sua causa, no caso específico de *ad Fam.*, V, 4 escrita a Metelo a fim de solicitar-lhe o apoio, quanto a fortalecer tal adesão, o que se mostra evidente nas demais cartas. Indubitavelmente, Terência, Quinto e Ático já estavam trabalhando em defesa de Cícero; entretanto, devido ao

clima de hostilidade e repressão instaurado em Roma por Clódio e seus partidários, eles precisavam ser devidamente motivados para continuarem a organizar o movimento em prol do retorno do orador sem se deixarem esmorecer pelas dificuldades, o que pode ser visto em passagens como as que seguem.

Si est spes nostri reditus, eam confirmes et rem adiuues...

Se há esperança do meu retorno, que a consolides e fortaleças a ação... (*ad Fam.*, XIV, 4, 3).

...si qua spes erit posse studiis bonorum, auctoritate, multitudine comparata rem confici, des operam ut uno impetu perfringatur, in eam rem incumbas ceterosque excites.

...se houver alguma esperança de poder ser o processo concluído pelos esforços dos nobres, pela autoridade, pela multidão reunida, que te esforces para que por um só movimento ele seja encerrado, te apliques a essa causa e animes os outros. (*ad Att.*, III, 23, 5).

...si potes, id quod ego qui tibi semper fortis uidebar non possum, erige te et confirma, si qua subeunda dimicatio erit.

...se podes fazer o que eu, que sempre te parecia forte não posso, levanta-te e encoraja-te se houver uma luta a ser travada. (*ad Q. fr.*, I, 3, 5).

Nessa conjuntura, a única arma que restava a Cícero era a argumentação, e essa deveria ser forte o bastante para levar os árbitros da situação a envidar todos os esforços necessários à obtenção da *salus*, ou seja, da volta do exílio daquele que havia poucos anos fora aclamado como *pater patriae*. É importante observar que Quinto foi o destinatário com o qual Cícero usou proporcionalmente mais repetições, pois, dos 34 pontos de ocorrência registrados no quadro 6, 8 encontram-se em uma das duas cartas a ele endereçadas (*ad Q. fr.*, I, 3). Isso possivelmente se explique pelo fato de ele ser o destinatário mais propenso a oscilações emocionais, podendo, portanto, sucumbir com mais facilidade diante de um quadro extremamente adverso e desmotivante.

Cícero conhecia a força e o encanto das repetições, mas sabia que naquele momento deveria se utilizar principalmente da força delas para construir um discurso o mais incisivo possível. Todavia, ele não fez isso como um orador que havia se especializado em fingir que realmente sentia o que proferia, mas como um homem que se encontrava, de fato, no auge do desespero.

Esse contexto comunicativo explica-se pela distinção proposta por Perelman (2005: 192) entre figuras argumentativas e de estilo.

Consideramos uma figura *argumentativa* se, acarretando uma mudança de perspectiva, seu emprego parecer normal em relação à nova situação sugerida. Se, em contrapartida, o discurso não acarretar a adesão do ouvinte a essa forma argumentativa, a figura será percebida como ornamento, como figura de *estilo*. Ela poderá suscitar a admiração, mas no plano estético, ou como testemunho da originalidade do orador.

Levando-se em conta a distinção acima, entendem-se as figuras de repetição utilizadas por Cícero em suas cartas de exílio como argumentativas, uma vez que, em uma situação comunicativa caracterizada por intenso desespero e aflição, elas parecem atuar como a expressão de um estado emocional profundamente abalado pelas circunstâncias. Seria difícil que os leitores originais dessas cartas atribuíssem o uso de tais figuras ao talento oratório de Cícero e não ao seu esforço para exteriorizar a dor, a saudade e as incertezas que o oprimiam.

Também é importante retornar aos conceitos de figuras *impressivas* e *expressivas* vistos no capítulo anterior (p. 124). As *impressivas* procuram gerar determinado sentimento no leitor ou ouvinte sem que, necessariamente, tenham sido formuladas com sinceridade pelo falante ou escritor. As *expressivas*, ao contrário, são frutos do sentimento de quem as formula. Viu-se que, para Genette, o melhor é a confluência desses dois tipos de figuras a fim de que se harmonizem os estados emocionais dos participantes do processo comunicativo. Isso fortalece a ideia de que as figuras de repetição nas cartas exílicas de Cícero contribuíram para o êxito da argumentação ali desenvolvida, pois não só teriam gerado um sentimento nos leitores capaz de conduzi-los à ação, mas também teriam sido produzidas espontaneamente pelo escritor.

A repetição que se encontra no Cícero exilado também se relaciona ao *pathos*, sobre o qual Staiger (1997: 127) afirma: “É uma comoção espontânea, sem necessidade de conscientização de sua origem ou finalidade. Mas tem tanto origem, como objetivo [...] O homem patético é levado pelo que deve ser e seu arrebatamento investe contra o *status quo*.” Staiger observa que o *pathos* age com o objetivo de romper impetuosamente o que possa resistir a uma alteração. Nesse sentido, a repetição tem um papel especial, pois nela “a palavra, que deverá abalar a alma do ouvinte, é arrancada cada vez com grande esforço íntimo. (STAIGER, 1997: 122). Vê-se a manifestação do *pathos* que dominava o exilado na abertura de *ad Q. fr.*, I, 3.

Mī frātēr, mī frātēr, mī frātēr...

Meu irmão, meu irmão, meu irmão...

Ao usar essa epanalepse tripla composta apenas de sílabas longas, Cícero expressa o seu estado emocional pesado e, ao mesmo tempo, abala o leitor para captar-lhe a máxima atenção logo de início.

A manifestação do *pathos* também pode ser vista na seguinte passagem de *ad Att.*, III, 7, 3:

Id est maximum et miserrimum mearum omnium miseriarum.

Essa é a maior e a mais miserável de todas as minhas misérias.

Nessa passagem, tem-se uma figura etimológica (*miserrimum/miseriarum*) em um ambiente fonológico marcado pela aliteração da nasal labial [m] e pelo homeoteleuto, a igualdade sonora que se verifica no final de cinco das oito palavras da oração. Sendo formada pelos fonemas [u] que evoca taciturnidade e [m] que traz a ideia de continuidade, a terminação dessas palavras é altamente significativa nesse contexto, pois sinaliza a existência de uma tristeza contínua que povoava o íntimo de Cícero.

O *pathos* do orador também se revela na repetição combinada com a congérie, ou seja, a acumulação de termos de mesma função sintática ligados a um dos membros da oração. Um bom exemplo é o trecho de *ad Att.* III, 10, 2 em que as palavras parecem querer se exprimir de forma irrefreável, refletindo a intensa ansiedade daquele que as escreveu.

...ecquod tantum malum est quod in mea calamitate non sit? Ecquis umquam tam ex amplo statu, tam in bona causa, tantis facultatibus, ingenii, consilii, gratiae, tantis praesidiis bonorum omnium concidit? Possum obliuisci qui fuerim, non sentire qui sim, quo caream honore, qua gloria, quibus liberis, quibus fortunis, quo fratre?

Há algum mal tão grande que não faça parte da minha calamidade? Por acaso algum dia alguém já decaiu de tão ilustre posição, enquanto lutava por tão boa causa, tendo tanta abundância de talento, de prudência, de crédito, e gozando de tão grande apoio de todos os nobres? Posso esquecer o que fui, não reconhecer o que sou, de que honra estou privado, de que glória, de que filhos, de que bens, de que irmão?

Ao examinar o *corpus* da pesquisa, constata-se que muitas repetições usadas por Cícero enquadram-se naquilo que Plebe classifica como “repetição criativa” (p. 129), pois servem para imprimir um dinamismo ao ritmo da expressão. Se a ordem das palavras for alterada na construção frásica, tem-se a quebra desse dinamismo. Observe-se, por exemplo, a figura etimológica que ocorre em *ad Att.*, III, 5. Abaixo, coloca-se essa figura como usada por Cícero em (a) e com uma inversão das duas últimas palavras em (a¹).

a) ...*cōrām āgēmūs quāe ērūnt āgēndā.*

a¹) ...*cōrām āgēmūs quāe āgēndā ērūnt.*

Observa-se que em (a) ocorre um dátilo seguido de um espondeu e de três troqueus. Já em (a¹) tem-se um dátilo, um espondeu, dois troqueus e um jambo, quebrando-se, assim, a harmonia métrica verificada em (a). Geralmente, a repetição criativa também é quebrada se um dos membros repetidos for substituído por um sinônimo, como mostra o exemplo de *ad Att.*, III, 23, 5.

b) ...*quēm ēgō mīsērūm mīsērē pērdīdī...*

b¹) ...*quēm ēgō īnfēlicēm mīsērē pērdīdī.*

Percebe-se que, com a substituição de *miserum* por *infelicem*, foi perdida em (b¹) a sequência de dois anapestos ocorrida em (b). Além disso, verifica-se que em (b) as três últimas palavras são trissílabas, o que igualmente se alterou com a inserção de *infelicem* em (b¹). Portanto, comprova-se que a repetição muitas vezes é empregada com a finalidade de dinamizar o ritmo da expressão.

Cícero usa repetições também como um meio para intensificar suas ideias (a,b), reforçar pedidos (c) e ressaltar os atributos de alguém (d).

a) *Nam si erit causa, si quid agetur, si spem uidero, aut ibidem obperiar aut me ad te conferam;*

De fato, se houver um motivo, se algo for feito, se eu avistar uma esperança, esperarei no mesmo lugar ou irei a ti. (*ad Att.*, III, 10, 1).

b) *nunc commisi ut uiuo me careres, uiuo me aliis indigeres.*

Mas agi de modo que, mesmo eu vivendo, sintas falta; mesmo eu vivendo, precisas dos outros. (*ad Q. fr.*, I, 3, 1).

c) *Velim quid uideas, quid intelligas, quid agatur ad me scribas...*

Gostaria que me relatasses o que visses, que percebesses, que fosse feito... (*ad Att.*, III, 20, 3).

d) *Qua pietate, qua modestia, quo ingenio!*

Que devoção, que modéstia, que inteligência! (*ad Q. fr.*, I, 3, 3).

Essa intensificação de uma ideia ou o reforço de um pedido às vezes ocorre com a interposição de palavras entre os membros repetidos, formando diácopas portadoras de um forte valor psicológico como nos exemplos abaixo.

a) *Valete, mea desideria, ualete.*

Adeus, meus desejos, adeus. (*ad Fam.*, XIV, 2, 4).

b) *Fac, si uides quantis in malis iaceam et si putas esse humanitatis tuae, me fac de tota causa nostra certiozem.*

Informa-me, se vês que estou lançado em tão grandes males e se julgas ser da tua humanidade, informa-me sobre toda a minha causa. (*ad Att.*, III, 18, 2).

Em síntese, as figuras de repetição foram usadas por Cícero em suas cartas de exílio com três finalidades básicas: 1) promover a manifestação do *pathos*; 2) intensificar a força das ideias transmitidas; 3) dinamizar o ritmo das expressões. Tudo isso tinha uma definida intenção argumentativa: provocar ou aumentar o apoio dos árbitros da situação a fim de que agissem no sentido de alterar o quadro político desfavorável ao orador e tomassem as providências cabíveis para o seu retorno do exílio. Portanto, essa análise corrobora a hipótese de que Cícero não empregou as repetições de forma inconsciente ou despropositada, mas norteado pela intenção descrita acima.

REFERÊNCIAS

A) Dicionários

FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.

GLARE, Peter G. W. *Oxford latin dictionary*. New York: Oxford University Press, 1996.

SARAIVA, Frederico Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. B: Garnier, 2006.

B) Edições das Cartas de Cícero

BAYLEI, David Roy Shackleton. *Epistulae ad Familiares*. New York: Cambridge University Press, 1977.

BAYLEI, David Roy Shackleton. *Epistulae ad Atticum*. Stuttgart: Teubner, 1987.

CONSTANS, Léopold-Albert. *Correspondance*. Paris: Les Belles Lettres, 1934. v.1.

_____. *Correspondance*. Paris : Les Belles Lettres, 1950. v. 2.

PURSER, Louis Claude. *Epistulae*. Oxford: Clarendoniano, 1901-1903.

WATT, William Smith. *Epistulae*. New York: Oxford University Press, 1982.

C) Obras sobre Cícero

BOISSIER, Caston. *Cicerone e i suoi amici*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1988.

CARCOPINO, Jérôme. *Les secrets de la correspondance de Cicéron*. Paris: L'Artisan du livre, 1947.

COWELL, Frank Richard. *Cicero and the Roman Republic*. London: Sir Isaac Pitman & Sons, 1948.

EVERITT, Anthony. *Cicero: The Life and Times of Rome's Greatest Politician*: Random House, 2003.

SMITH, Robert Edwin. *Cicero the Statesman*. New York: Cambridge University Press, 2010

D) Obras sobre literatura latina

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.

CONTE, Gian Biagio,. *Latin Literature: a History*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan: Scodel, 1990.

PARATORE, Ettore; LOSA, Manuel. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

E) Obras sobre retórica e figuras

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris: Flammarion, 1977.

GENETTE, Gérard. *Figuras*. Trad. Ivonne Floripes Mantoanelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

PERELMAN, Chaïm; OLLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: A nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLEBE, Armando; EMANUELE, Pietro. *Manual de retórica*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: A retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

F) Outras obras

BORNECQUE, Henri; MORNET, Daniel. *Roma e os romanos: literatura, historia, antiguidades*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1976.

CARDINALI, Giuseppe. Epistolari, scritture. In: *Enciclopedia italiana di scienze, lettere ed arti*. Roma: G. Treccani, 1929-39. v. 14. p. 104-107.

HUMBERT, G. Exsilium. In : DAREMBERG, Charles ; SAGLIO, Edmond. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1892. v. 12.

IRIGOIN, Jean. *Le livre grec des origines à la Renaissance*. Paris: Bibliothèque nationale de France, 2001.

LIBÂNIO. *Discours*. Texte établi et traduit par Jean Martin et Paul Petit. Paris: Les Belles Lettres, 1979. v. 1.

MARTIN, Thaís M. *Tradução anotada e comentários da Ars rethorica de Caio Júlio Vítor*. 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

MICHEL, Alain. L'eloquenza romana. In: AA.VV. *Introduzione allo studio della cultura clássica*. Milano: Marzorati, 1983.

MÖLLER, Lenelotte. *Berühmte Briefe: Briefe aus dem Exil Szenen einer Ehe*. Wiesbaden: Marix Verlag, 2009.

OSIMO, Bruno. A análise do texto a ser traduzido. *Curso de tradução*. 2008. Disponível em: <http://courses.logos.it/pls/dictionary/linguistic_resources.cap_2_30?lang=bp>. Acesso em 14 jan. 2013.

PETER, Hermann. *Der Brief in der römischen Literatur*. Leipzig, 1901.

PLINE LE JEUNE. *Lettres*. Texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin. Paris: Les Belles Lettres, 1961. v. 1.

PLÍNE LE JEUNE. *Lettres et panégyrique de Trajan*. Texte établi et traduit par Marcel Durry. Paris: Les Belles Lettres, 1964. v. 4.

RETÓRICA a Herênio. Trad. e introd. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005

SCARPAT, Giuseppe. L'epistolografia. In: A.A.V.V. *Introduzione allo studio della cultura classica*. Milano: Marzorati, 1983, p. 473-512.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TODOROV, Tzevtan. *Literatura e significação*. Trad. Antônio José Massano. Lisboa: Assírio & Alvim. 1973.

WISE, Jennifer. *Dionysus Writes: The Invention of Theatre in Ancient Greece*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.